



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

BUSCA DE DEFINIÇÃO OPERACIONAL DE CIÚME:

UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

Maria de Nazaré Pereira da Costa

Belém, Pará

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

BUSCA DE DEFINIÇÃO OPERACIONAL DE CIÚME:

UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

Maria de Nazaré Pereira da Costa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Romariz da Silva Barros

Belém, Pará

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Costa, Maria de Nazaré Pereira da

Busca de definição operacional de ciúme: uma construção teórica e empírica / Maria de Nazaré Pereira da Costa; orientador, Romariz da Silva Barros. 2009.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Belém, 2009.

1. Ciúme. 2. Comportamento humano. 3. Análise do comportamento. I. Título.

CDD - 22. ed. 152.48



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tese de Doutorado

“Busca de Definição Operacional de Ciúme: Uma Construção Teórica e Empírica”

Candidata: MARIA DE NAZARÉ PEREIRA DA COSTA

Data da Defesa: 19 de junho de 2009

Resultado: Aprovada

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Romariz da Silva Barros (UFPA), Orientador

Prof. Dr. Sérgio Vasconcelos de Luna (PUC-SP), Membro

Prof. Dr. Roberto Alves Banaco (PUC-SP), Membro

Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho (UFPA), Membro

Prof. Dr. Marcus Bentes de Carvalho Neto (UFPA), Membro

*“Eu fico com a pureza da resposta das crianças,
é a vida, é bonita, é bonita e é bonita”.*

*Dedico esta tese ao meu sobrinho Gabriel, que nasceu pouco depois
do meu ingresso neste doutorado e transformou todos os meus dias difíceis
em dias coloridos de muito afeto, alegria e diversão.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãos que continuam sendo a base que me proporciona tranquilidade e segurança para meus projetos de vida.

Ao meu orientador. O único que, depois de uma longa busca por orientação, aceitou o desafio de orientar, do início ao fim, uma tese com um tema tão distante de sua área de pesquisa. Seu estilo leve e contribuições em momentos cruciais tornaram o desenvolvimento da tese ainda mais reforçador.

A Hugo Leonardo que ainda espera meu retorno para tentarmos seguir uma vida a dois.

A Catarina Malcher e Adriene Robert pelas palavras de apoio em todos os momentos que precisei.

A Cláudia Aline que se mostrou uma grande amiga, sobretudo na fase de utilização do SPSS assim como de interpretação dos dados por meio da estatística.

A Thiago Costa, um amigo que descobri durante o doutorado e que se mostrou disponível em diferentes momentos.

A Banca de Qualificação (Prof. Dr. Marcus Bentes, Profa. Dra. Regina Brito, Profa. Dra. Silvia Oliveira, Profa. Rosângela Darwchi) pelas contribuições durante o exame. Em especial ao Prof. Dr. Marcus Bentes que forneceu contribuições valiosíssimas desde a elaboração do projeto para meu ingresso no doutorado.

A Lucas Carvalho, alguém que conheci através de email e que me forneceu um grande número de referências na fase inicial da pesquisa.

A Larissa Lacerda (UFMA), Aline e Patrícia (UFPA) que auxiliaram em alguns momentos da pesquisa, especialmente a Larissa pela dedicação que teve ao conferir diversas vezes todos os registros das filmagens assim como os dados quantitativos.

A Aline Beckman, Ilara Cruz e Mariana Mendonça (minhas ex-alunas de Graduação e hoje colegas de doutorado) pelas contribuições através de formulações de perguntas e/ou feedbacks em apresentações de parte da tese.

Aos colegas pesquisadores Aécio, Ana Letícia, Flávia, Liane, Miguel, Raphael, Silvia e Oriana, que em algum momento do desenvolvimento da tese estiveram disponíveis para me ajudar.

Aos responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa pela confiança e disponibilidade.

A CAPES pelo incentivo através da concessão de bolsa.

Sem a ajuda de cada um de vocês tenho certeza que estes três anos e alguns meses não teriam sido tão tranquilos como foram.

Costa, M. N. P. (2009). *Busca de definição operacional de ciúme: Uma construção teórica e empírica*. Tese de Doutorado. Belém: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 130 páginas.

Resumo

Grande parte da literatura sobre ciúme é escrita por teóricos que se fundamentam em abordagens internalistas/mentalistas. Isso determina um déficit no que diz respeito à descrição de variáveis externas presentes em situações de ciúme. Com a presente tese, se buscou elaborar uma definição operacional de ciúme partindo de uma abordagem externalista – a Análise do Comportamento. Nesta tese, propõe-se a denominação comportamento emocional ciumento para referir-se ao ciúme. Esta denominação está pautada na compreensão do ciúme como um fenômeno que envolve um conjunto complexo de comportamentos interligados, alguns deles eliciados e outros operantes, controlados por uma situação de competição por reforçadores específicos de uma díade. A competição por reforçadores seria, então, o elemento comum quando da ocorrência do comportamento emocional ciumento. Na tentativa de testar se o componente operante do comportamento emocional ciumento pode ser controlado por uma situação de competição por reforçadores, foram realizados dois estudos empíricos. No Estudo I, correlacional, utilizaram-se dois questionários fechados que foram aplicados a 201 indivíduos adultos e idosos. Do Estudo II, experimental, participaram dezesseis díades adulto-criança. O procedimento do segundo estudo consistiu de três condições com duração de um minuto cada. Na Condição 1 o adulto brincava com a criança; na Condição 2, o adulto interagiu com um boneco e ignorava a criança e na Condição 3 o adulto apenas ignorava a criança. A Condição 1 sempre iniciava a sessão e antecedia as demais. Do Estudo I, destaca-se a correlação encontrada entre aspecto valorizado na relação romântica e situação desencadeadora de ciúme. Do Estudo II, o dado mais relevante foi que o elemento competição, como esperado, foi crítico para a ocorrência do comportamento emocional ciumento. Os resultados dos dois estudos ajudaram a esclarecer uma importante controvérsia a respeito de o ciúme envolver ou não competição, fornecendo respaldo para a hipótese formulada. Preliminarmente, acredita-se que os dados possam ser úteis para intervenções em diferentes contextos de aplicação, elaborando-se estratégias para lidar com um dos elementos que parece ser crítico no controle do comportamento emocional ciumento – a competição.

Palavras-chave: ciúme, definição operacional, Análise do Comportamento, estudo experimental.

Costa, M. N. P. (2009). *Search of operational definition of jealousy: A theoretical and empiric elaboration*. Doctoral Dissertation. Belém: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 130 pages.

Abstract

Great part of the literature on jealousy is written by theorists oriented by internalist/mentalistic psychological approaches. This determines a lack of description of external variables present in jealousy situations. The present thesis seeks to elaborate a operational definition of jealousy from the stand point of an externalist approach – Behavior Analysis. In this work, it is proposed the denomination jealous emotional behavior to refer to jealousy. This designation is based on the understanding of jealousy as a phenomenon that comprises a complex set of interrelated behaviors, some elicited and other operant, controlled by a situation of competition for reinforcers specific of a relationship. The competition for reinforcers would then be the common element of all occurrences of jealous emotional behavior. In an attempt to test the assumption that the component operant of jealous emotional behavior can be controlled by a situation of competition for reinforcers, two empirical studies had been carried out. In Study I, the correlational one, two closed questionnaires were applied to 201 adults and elderly. Sixteen adult-child dyads participated in Study II, the experimental one. The procedure of the second study comprised three conditions with duration of one minute each. In Condition 1, the adult played with the child; in Condition 2, the adult interacted with a doll and ignored the child, and in Condition 3, the adult simply ignored the child. The Condition 1 always started the session and preceded the others. From Study I, it is highlighted the correlation found between the aspect valued romantic relationship and situation of jealousy trigger. From Study II, the most important was that the competition, as expected, was critical to the occurrence of jealous emotional behavior. The results of both studies contributed to reduce a critical controversy on whether or not jealousy comprises competition and provided support for the hypothesis formulated. Preliminarily, it is believed that the present data may be useful for interventions in several applied contexts, helping to develop strategies to deal with one of the elements that seem to be critical for the control of jealous emotional behavior – the competition.

Key-words: jealousy, operational definition, Behavior Analysis, experimental study.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Referências Classificadas.	Apêndice A
Tabela 2. Categorização Preliminar dos Textos sobre Ciúme.	Apêndice B
Tabela 3. Frequência de Aspectos Destacados na Literatura de Ciúme.	Apêndice C
Tabela 4. Aspectos Destacados na Compreensão de Ciúme com Especificação das Referências.	Apêndice D
Tabela 5. Ilustração do Modelo Proposto por Darwich (2007).	73
Tabela 6. Dados Gerais das Crianças Participantes.	91

Lista de Figuras

Figura 1. Frequência de aspectos citados na literatura de ciúme em trabalhos não caracterizados como pesquisas empíricas.	10
Figura 2. Esquema representativo dos componentes que integram uma compreensão do ciúme a partir de um referencial cognitivista.	23
Figura 3. Esquema representativo da análise de ciúme proposta por Costa (2005).	62
Figura 4. Representação esquemática da compreensão de comportamento emocional ciumento segundo uma abordagem analítico-comportamental.	68
Figura 5. Representação esquemática extraída de Banaco, Zamignani e Kovac (1997).	69
Figura 6. Representação esquemática da distinção entre “ciúme” e inveja.	76
Figura 7. Diferença de percentual de duração das categorias CAR, IBO e OR nas condições 2 e 3 para todos os participantes.	100
Figura 8. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função da idade dos participantes.	101
Figura 9. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função da idade dos participantes.	103
Figura 10. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função do gênero dos participantes.	103
Figura 11. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função do nível socioeconômico dos participantes.	104
Figura 12. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função da ordem de apresentação das condições.	105

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
LISTA DE TABELAS.....	v
LISTA DE FIGURAS.....	vi
APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I: CIÚME ROMÂNTICO E NÃO ROMÂNTICO: O OLHAR DE AUTORES EM TRABALHOS NÃO DERIVADOS DE PESQUISAS EMPÍRICAS	9
CAPÍTULO II. O DEBATE ENTRE EVOLUCIONISTAS E COGNITIVISTAS EM TORNO DO CIÚME ROMÂNTICO	20
<i>Algumas Palavras de Advertência</i>	
<i>Concepções de Ciúme</i>	
<i>Métodos de Pesquisas Usados por Evolucionistas e Cognitivistas para Estudar a Diferença de Gênero</i>	
<i>Hipótese Explicativa para a Diferença de Gênero Pautada na Análise do Comportamento</i>	
<i>Comentários sobre o Debate acerca da Diferença de Gênero</i>	
CAPÍTULO III. UMA POSSIBILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DO CIÚME SEGUNDO O REFERENCIAL ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL	57
<i>Análises Anteriores de Ciúme</i>	
<i>Proposta de Aprimoramento das Análises de Ciúme</i>	
<i>Algumas Considerações Necessárias</i>	
CAPÍTULO IV: IDENTIFICANDO EXPERIMENTALMENTE O “CIÚME” NA RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	130

APRESENTAÇÃO

A literatura que trata do ciúme, sobretudo nos EUA, é extremamente vasta abordando-o em uma diversidade de aspectos – desde os psicológicos até os policiais (Ferreira-Santos, 2003). No que se refere aos contextos nos quais o ciúme pode ocorrer, também se observa uma ampla variedade. Dentre estes contextos, podem-se citar, por exemplo, o ciúme entre sogra e nora (Chiapin, Araújo, & Wagner, 1998), o ciúme no trabalho (Vecchio, 2000), o ciúme desencadeado por envolvimento virtual (Whity, 2005) e até mesmo o ciúme entre macacos *rhesus* – pesquisa que buscou identificar as bases neurais do ciúme nesta espécie (Rilling, Winslow, & Kilts, 2004).

A grande quantidade de publicações e a diversidade de abordagens em relação ao fenômeno, por outro lado, não significam necessariamente avanço em sua compreensão.

Observando-se os capítulos de uma das primeiras obras publicadas sobre ciúme, nos Estados Unidos (cf. Ramos, 1998), constata-se que os aspectos discutidos nesta coletânea de textos escritos por psicólogos, sociólogos, jornalistas e outros, são os mesmos debatidos pela literatura contemporânea. Os autores discutem, por exemplo, a diferença entre ciúme e inveja, a relação entre ciúme e amor e o papel de fatores sociais e culturais na explicação do ciúme.

O ciúme é um termo usado para descrever alguns tipos de relações nas mais diferentes situações sociais e as pessoas comumente parecem não ter dificuldade em identificar sua ocorrência no cotidiano (cf. Ferreira-Santos, 2003). Entretanto, o uso do termo, em geral, é impreciso (Purshouse, 2004) e “Desde os tempos de Aristóteles, teóricos têm sido incapazes de concordar quanto ao que o ciúme ‘realmente’ é¹” (Hatfield & Walster, 1977/1998, p. 92).

Na verdade, o problema não seria exatamente a falta de consenso, uma vez que diversas são as áreas de conhecimento e as teorias psicológicas que se propõem a estudá-lo,

¹ Since Aristotle's time, theorists have been unable to agree as to what jealousy “really” is.

mas a dificuldade de identificar na literatura as variáveis externas envolvidas em situações de ciúme.

Uma possibilidade de explicar a pouca compreensão que se tem ainda hoje sobre o ciúme, além do próprio atraso das pesquisas, consiste no fato de os estudos empíricos realizados não acompanharem a teorização acerca do mesmo (cf. Bryson, 1991; Masciuch & Kienapple, 1993). Grande parte da literatura, no âmbito da Psicologia, tende a partir do pressuposto segundo o qual existe uma compreensão de ciúme que é satisfatória para esta área, mesmo havendo poucos dados empíricos que sustentem as diversas teorizações.

Além disso, a literatura publicada tanto no Brasil quanto em outros países é uma literatura que se fundamenta, em sua maioria, em teorias psicológicas de natureza internalista e/ou mentalista.

O déficit da literatura no que diz respeito à preocupação em identificar variáveis externas presentes em situações de ciúme é especialmente grave quando se considera que o ciúme permeia importantes questões ligadas à atividade do psicólogo, especialmente na terapia individual e de casais, na terapia infantil, na compreensão e intervenção diante da violência doméstica e até na atuação nas organizações.

Visando então elaborar uma definição operacional de ciúme sustentada na Análise do Comportamento, foi que se desenvolveu esta tese. Por definição operacional entende-se aquela que especifica “procedimentos e resultados esperados (procedimentos usados para produzir e medir um fenômeno) como critério necessário para estabelecer que aqueles termos definidos são significantes empiricamente²” (Ribes, 2003, p. 115).

Especificamente, considerando a existência de diferentes tipos de ciúme (ciúme romântico, ciúme de objetos, ciúme entre irmãos etc), pretendeu-se identificar o que pode

² “Operational definitions consist of the specification of procedures and expected outcomes (procedures used for producing and measuring a phenomenon) as the necessary criteria for establishing that the terms defined are empirically meaningful”.

haver de comum em situações que são caracterizadas como ciúme, independentemente do tipo.

A fim de alcançar o objetivo proposto, partiu-se de um extenso levantamento bibliográfico em bibliotecas e internet, incluindo livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses que abordavam o tema, sobretudo, na área da Psicologia (sob diferentes perspectivas teóricas). Os materiais selecionados foram apenas aqueles escritos nas línguas espanhola, inglesa e portuguesa que foram definidas em função do domínio em relação às mesmas.

A busca via internet teve como ferramentas principais os programas: Scirus (www.scirus.com), Ovid (www.ovid.com), Google Acadêmico (scholar.google.com.br), Biblioteca Virtual em Saúde (www.bvs-psi.org.br), Science Direct (www.sciencedirect.com), Scielo (www.scielo.br), Isiknowledge (<http://isiknowledge.com>) e Periódicos Capes (periodicos.capes.gov.br – textos completos). Na Biblioteca Virtual em Saúde, as bases de dados usadas foram Index Psi Periódicos Técnico-Científicos (INDEXPSI), Literatura Latino-Americana e do Caribe (LILACS) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). Os resultados mais eficientes foram obtidos usando-se apenas o termo “*jealousy*”.

Como critérios de inclusão foram definidos: a) publicações do período de 1980 a 2006, uma vez que as publicações sobre o tema começaram a crescer a partir da década de 80 (Buunk, 1991; Buunk, Angleitner, Oubaid, & Buss, 1996; Hansen, 1991). Fora deste período, foram incluídas referências consideradas relevantes como, por exemplo, as de Freud, Margareth Mead e Skinner, por exemplo; b) em relação aos artigos, foram utilizados apenas os publicados em periódicos indexados e que traziam no título, resumo ou palavras-chave o termo *jealousy* e c) quanto aos livros e capítulos de livro foram selecionados aqueles que tivessem o ciúme como tema central. Após este levantamento inicial, outras referências foram

incluídas partindo dos textos lidos e de novas buscas que eram realizadas a cada semestre, visando encontrar referências atuais (2007, 2008 e 2009).

Três critérios de exclusão também foram delimitados, a saber: a) ênfase, no título, sobre o ciúme patológico ou qualquer relação com alguma psicopatologia, uma vez que este tipo de literatura tende a focalizar em critérios diagnósticos e tratamento, o que fugiria da proposta do estudo; b) relação entre ciúme e assassinato/morte, também porque trata de aspectos que se distanciam dos objetivos deste estudo e c) análises psicanalíticas, considerando que na época deste levantamento já havia sido selecionado um número significativo de referências com esta fundamentação teórica, além dos textos do próprio Freud.

A etapa seguinte envolveu a organização da literatura. Em um primeiro momento, a literatura encontrada foi organizada em uma tabela (Tabela 1 – Apêndice A) que separava referências que traziam o termo *jealousy* no título, de referências que o traziam no “resumo e/ou palavra-chave +” (as quais tinham o ciúme como foco principal), “resumo e/ou palavra-chave +/-” (as quais abordavam o tema como um aspecto dentre outros) e “resumo e/ou palavra-chave -” (basicamente citava a palavra ciúme em algum momento). A literatura foi disposta de acordo com o sobrenome do autor, ano e tipo de discussão que fazia (por exemplo, Purshouse2004: ciúme e inveja). Quando se tratava de dois autores, os dois sobrenomes eram especificados, assim como o ano e o que discutiam (por exemplo, PuenteCohen2003: violência) e quando havia mais de dois autores, especificavam-se o sobrenome do primeiro autor, seguido de Cols, ano e o que enfocavam (por exemplo, ParkerCols2005: adolescentes). Nesta tabela, encontram-se todas as referências selecionadas no início da pesquisa, inclusive aquelas que posteriormente foram excluídas.

A leitura e síntese de idéias principais consistiram na terceira etapa no desenvolvimento da tese. Nesta etapa, toda referência que satisfazia aos critérios de inclusão

era lida e resumida. Após finalizar o resumo de aproximadamente 30 referências foi elaborada uma segunda tabela (Tabela 2 – Apêndice B). Na Tabela 2, encontram-se dados da fase inicial de categorização das definições. Para ser considerada como definição, uma referência ao ciúme não precisava oferecer uma descrição completa, especificando uma classificação do fenômeno (emoção, reação), fatores desencadeantes e função, por exemplo. Quando o autor afirmava, “O ciúme é” ou expressões similares, a referência já era classificada na categoria “Traz definição”. Toda nova referência lida era incluída na tabela, tendo sido incluídos posteriormente mais dois itens: reação ou resposta e comportamento.

Ao longo da descrição da literatura, assim como da análise da mesma, foi elaborada uma terceira tabela a fim de quantificar, dentro de três categorias, os aspectos citados pela literatura na compreensão do ciúme (Tabela 3 – Apêndice C). As categorias foram: “Trabalhos não derivados de pesquisas empíricas e sem suporte em dados empíricos”, “Trabalhos não derivados de pesquisas empíricas e com suporte em dados empíricos” e “Trabalhos Empíricos”. A tabela contém tanto aspectos isolados como, por exemplo, “envolve amor” como categorias mais gerais, nas quais alguns itens foram agrupados. Os itens foram quantificados partindo do que os autores defendiam, do que citavam e ainda do que se identificava nos dados. Foram três as categorias criadas “Traz prejuízos à relação” na qual foram agrupados os itens emoção ou reação negativa, envolve aspectos negativos, emoção aversiva; “Traz benefícios à relação” na qual os elementos agrupados foram “é útil”, “é benéfico”, “fortalece os limites da relação”, “tem função de proteger ou resgatar a relação e/ou a auto-estima”; “Composto de/Envolve outras emoções”, tendo sido agrupadas todas as emoções citadas, independentemente de o autor citar apenas uma, duas ou mais emoções como as que compõem ou estariam associadas ao ciúme. As emoções incluíram raiva, tristeza, medo, ansiedade, depressão, insegurança, sofrimento e inveja. Apesar da existência desta categoria, considerou-se importante separar o item “raiva” das demais emoções, devido

à alta frequência com que era citado. Neste caso, foram incluídos autores que colocavam a raiva como um dos componentes do ciúme, assim como aqueles que a colocavam como única emoção ou emoção preponderante ou ainda que afirmavam que o ciúme era um tipo de raiva.

A Tabela 3 permitiu fazer uma análise geral da literatura selecionada, mostrando quais aspectos são citados frequentemente e quais são negligenciados. O leitor interessado poderá checar cada referência, de acordo com os itens, através da Tabela 4 (Apêndice D), derivada, em termos cronológicos, da Tabela 3, uma vez que só na fase intermediária da pesquisa considerou-se essencial destacar as referências em cada item para se certificar de que estavam sendo colocadas corretamente.

Partindo da análise da literatura selecionada foi formulada uma interpretação preliminar de ciúme tendo como base teórica a Análise do Comportamento. Esta interpretação pode ser encontrada em Costa e Barros (2008a).

Buscando conduzir um teste inicial da definição de ciúme elaborada nesta primeira interpretação analítico-comportamental para o fenômeno, foi realizado um estudo empírico correlacional com adultos e idosos. Este estudo, publicado na revista “Terapia Psicológica”, da Sociedade Chilena de Psicologia Clínica, será transcrito na íntegra no Capítulo II desta tese (Costa & Barros, 2008b).

Com base em *feedbacks* fornecidos por pareceristas de revistas científicas, docentes-pesquisadores e outros que tiveram acesso à primeira interpretação de ciúme elaborada, considerou-se necessário modificar alguns aspectos centrais da proposta original, como poderá ser constatado no Capítulo III.

A última etapa do desenvolvimento desta tese consistiu na realização de uma pesquisa experimental na qual foi manipulada a interação entre crianças e adultos. Nesta etapa, comparou-se a duração e a frequência de várias categorias comportamentais em crianças em duas situações: (1) uma na qual a interação de um adulto com uma criança era interrompida

pela introdução de um rival (um boneco com o qual o adulto passava a interagir) e (2) outra na qual simplesmente a interação de um adulto com uma criança era interrompida.

A tentativa de propor uma definição operacional para um fenômeno tão complexo e envolvido em controvérsias, como ocorre com os eventos emocionais em geral, consiste claramente em um desafio. Contudo, exatamente por se tratar de um fenômeno complexo, o ciúme possui múltiplos aspectos a serem explorados; está relacionado a vários fenômenos sociais relevantes, como a violência, por exemplo, e em função disso consiste em um problema levado frequentemente ao contexto terapêutico. Tais motivos fazem do ciúme um tema relevante de pesquisa mesmo na atualidade.

Esta tese deverá mostrar que, distante de ser o ciúme um fenômeno óbvio e, por isso, banal, a dificuldade de estudá-lo abrange desde a sua compreensão até aspectos éticos, exigindo uma análise complexa que inclui aspectos culturais e biológicos (cf. Leite, 2000; cf. Stearns, 1989).

No Capítulo I, pretende-se mostrar como o ciúme vem sendo tratado por teóricos e profissionais da área clínica (psicólogos, psicanalistas e psiquiatras) que escrevem sobre o fenômeno em trabalhos os quais podem ser categorizados como “trabalhos não derivados de pesquisas empíricas”.

A apresentação do debate entre evolucionistas e cognitivistas a respeito dos eventos que desencadeiam ciúme em homens e mulheres, assim como a descrição do Estudo I constituem os focos do Capítulo II. Considerou-se relevante incluir o debate sobre a diferença de gênero nesta tese por ele consistir na principal discussão em torno do ciúme e consequentemente pelo fato de a maior produção acadêmica acerca do mesmo se concentrar neste debate, nos últimos anos.

A função destes capítulos introdutórios é proporcionar ao leitor uma visão geral do modo como a literatura existente vem tratando o ciúme. Logo, em nenhum momento se tem a

pretensão de se apresentar posicionamento em relação aos fundamentos teóricos de cada definição ou caracterização do ciúme, mas, tão somente destacar aspectos que parecem facilitar daqueles que parecem dificultar a compreensão do mesmo, partindo de uma perspectiva externalista.

O Capítulo III expõe uma possibilidade de interpretar o ciúme de acordo com o referencial analítico-comportamental. Esta interpretação foi elaborada partindo tanto das análises feitas no Capítulo I (não analítico-comportamental) quanto de uma literatura específica de analistas do comportamento.

No Capítulo IV será descrito o estudo experimental que procurou testar uma parte da interpretação de ciúme proposta no Capítulo III.

I. O CIÚME SOB O OLHAR DE AUTORES EM TRABALHOS NÃO DERIVADOS DE PESQUISAS EMPÍRICAS

Diversas são as definições e caracterizações de ciúme encontradas na literatura. Contudo, é possível identificar semelhanças entre elas. Deste modo, neste capítulo, pretende-se agrupar as proposições dos autores que escrevem sobre ciúme, cujos trabalhos não são derivados de pesquisas empíricas, explicitando críticas e contribuições ligadas a essas proposições. Não serão separados os estudos sem e com suporte em dados empíricos. O leitor interessado nesta separação deve recorrer ao Apêndice D. Em alguns pontos serão incluídos trabalhos que constituem descrição de pesquisas empíricas a fim de dar maior consistência à crítica.

A análise de 164 trabalhos lidos durante o desenvolvimento desta tese possibilitou a identificação de 33 elementos citados em propostas de definições e/ou caracterizações de ciúme (vide Apêndices C e D)³. Dos 33 elementos, 27 foram destacados tanto por autores de trabalhos não derivados de pesquisas empíricas, quanto por aqueles que resultam de pesquisas empíricas.

Os elementos mais frequentemente citados na primeira categoria (“trabalhos não derivados de pesquisas empíricas”), como mostra a Figura 1, foram que o ciúme refere-se a uma ameaça, medo ou preocupação de perder algo de valor; envolve amor; pode ser entendido como uma emoção ou sentimento; fatores culturais/sociais são relevantes para a sua compreensão; envolve rival ou rivalidade e que traz benefícios à relação.

³ Mesmo esta análise tendo sido realizada preliminarmente ainda em 2006, ao longo do desenvolvimento da pesquisa novas referências eram acrescidas à tabela.

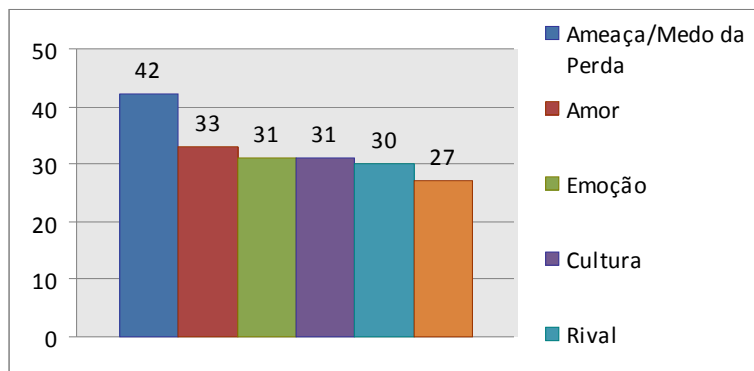


Figura 1. Frequência dos seis aspectos mais citados na literatura de ciúme em trabalhos não caracterizados como pesquisa empírica.

Com exceção da literatura que destaca a relevância do contexto social/cultural na compreensão do ciúme, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que os aspectos citados com mais frequência podem fornecer pistas para estudar o ciúme, ainda são insuficientes para uma caracterização clara do mesmo, na medida em que cada um traz algum tipo de limitação, como poderá ser identificado a seguir. Esta não é necessariamente uma crítica a esses trabalhos, uma vez que os autores podem optar por estudar apenas uma dimensão do fenômeno ou um conjunto de variáveis e não são obrigados a lidar com todos os aspectos do mesmo. Contudo, essa diversidade de recortes torna ainda mais desafiador o trabalho de buscar elaborar uma definição operacional para o ciúme.

A definição de ciúme como ameaça, medo ou preocupação de perder algo de valor foi destacada por Arreguy (2001), Banaco (2005), Buss (2000/2000), Buss e Haselton (2005), Cavalcante (1995/1997), Clanton (1981/1998; 1989/1998), Clanton e Smith (1977/1998)⁴, Costa (2005), Davis (1936/1998), De Silva (1997), Ferreira-Santos (2003), Figueiredo (2003), Freud (1922/1986a), Gikovate (1998), Guerrero, Sptizberg e Yoshimura (2004), Hansen (1991), Hatfield e Walster (1977/1998), Hupka (1991), Lafollete (1995/1996), Leite (2000), Mead (1931/1998), Menezes e Castro (2001), Neill (1960/1998), Pines (1992),

⁴ Estes autores introduzem e comentam cada capítulo do livro por eles organizado, assim como fazem uma síntese do livro.

Purshouse (2004), Stearns (1989), Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999), Vollmer (1946/1998) e White (1991).

Quando se afirma que o ciúme envolve, é desencadeado por ou é o próprio medo da perda, mais problemas do que soluções são identificadas.

Primeiro: se o ciúme envolve ou é o medo da perda, por que haveria na nossa cultura a denominação “ciúme” e não simplesmente “medo”? O que diferencia este medo de outros tipos de medo de perda, como a de um emprego ou de um irmão? Com base na proposição de Ramos (1998), referindo-se à raiva, talvez a resposta fosse que o medo, fora de um contexto no qual um rival se faz presente, é apenas medo. De qualquer modo, novamente esta é uma “definição” que recorre a outro conceito a ser definido (medo) para definir o ciúme.

Segundo: como o medo provoca o ciúme? Esta concepção parte da possibilidade de explicar um evento comportamental a partir de outro evento comportamental, supondo uma relação causal entre eles. Este aspecto é ainda mais problemático de uma perspectiva analítico-comportamental, a qual é externalista e, portanto, explica eventos comportamentais considerando as relações organismo e eventos externos (Skinner, 1953/1965; 1989/1991; Tourinho, 1997). Além disso, pesquisas empíricas realizadas por Costa e Barros (2008b), Miller, Volling e McElwain (2000), Ramos (1998), Sharpsteen e Kirkpatrick (1997) e Volling, McElwain e Miller (2002) têm identificado mais raiva e tristeza relacionadas a situações de ciúme do que medo.

Arreguy (2001), Berscheid e Fei (1977/1998), Buss (2000/2000), Clanton (1989/1998), Cavalcante (1995/1997), Clanton e Smith (1977/1998), De Silva (1997), Costa (1998), Ferreira-Santos (2003), Figueiredo (2003), Fisher (1994/1995), Freud (1910/1986b; 1915/1986c; 1919/1986d; 1921/1986e; 1922/1986a), Gikovate (1998), Harris (2004), Lafollete (1995/1996), Mead (1931/1998), Neill (1960/1998), Pasini (2003/2006), Pines (1992), Purshouse (2004), Stearns (1989), Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999), Vollmer

(1946/1998), Whitehurst (1977/1998) e Zagury (1995) são autores que relacionaram o ciúme ao amor. Porém, pressupor que o ciúme está associado ao amor pode levar à suposição inversa segundo a qual quem não ama não apresenta ciúme. Embora alguns autores defendam esta proposição, como é possível sustentá-la? Que tipos de instrumentos permitiriam confirmar que apenas indivíduos que amam apresentam ciúme? E o que é amor?

De fato, a literatura aponta que a relação entre ciúme e amor é bastante antiga. Stearns (1989) e Ferreira-Santos (2003), por exemplo, observam que na Bíblia Deus é descrito como ciumento “porque ama seu povo e quer seu bem, o que nos leva à óbvia dedução de que ciúme e amor são indissolúveis e até mesmo divinos” (Ferreira-Santos, p. 37). Já Costa (1998), ao escrever sobre a história do amor romântico, retratando as regras vigentes no século XII, apresentou 31 itens que fizeram parte do “Código do Amor”. Destes itens, três relacionam o ciúme ao amor: Item 2. “Quem não é ciumento não sabe amar”; Item 21. “Pelo verdadeiro ciúme, a afeição do amor sempre cresce”; Item 22. “Da suspeita e do ciúme que deriva dela, o amor sempre cresce” (p. 47).

Apesar da relação entre ciúme e amor ser largamente difundida, a única pesquisa empírica encontrada que demonstra esta relação na cultura Ocidental é a de Puente e Cohen (2003). Logo, permanece o problema de definir um fenômeno (ciúme) recorrendo a outro (amor), que também carece de definição.

Considerar o ciúme apenas como uma emoção ou sentimento, como fizeram Arreguy (2001), Buss (2000/2000), Buss e Haselton (2005), Buunk (1991), Cavalcante (1995/1997), Clanton (1989/1998), Clanton e Smith (1977/1998), Cosmides e Tooby (2000), Davis (1936/1998), Freud (1910/1986b; 1922/1986a), Gikovate (1998), Hansen (1991), Harris (2003a; 2005), Hupka (1991), Leite (2000), Mead (1931/1998), Seidenberg (1967/1998), Pasini (2003/2006), Purshouse (2004), Sesardic (2003), Sharpsteen (1991), Stearns (1989) e Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999), significa colocar em segundo plano ou mesmo

deixar de fora fenômenos importantes. Ainda que os comportamentos variem de indivíduo para indivíduo, as pessoas de uma mesma cultura compartilham uma compreensão geral de ciúme, o que permite que digam que em uma determinada situação alguém está com ciúme e em outra não. Parte dos autores, na realidade, considera que o ciúme envolve ações do indivíduo, entretanto, ao defini-lo eles tendem a limitar essas ações à emoção/sentimento.

A respeito de o ciúme envolver um rival ou rivalidade, como destacaram Buss e Haselton (2005), Clanton (1981/1998; 1989/1998), Clanton e Smith (1977/1998), Davis (1936/1998), Figueiredo (2003), Freud (1900/1986f, 1915/1986c, 1922/1986a), Guerrero, Sptizberg e Yoshimura (2004), Hansen (1991), Harris (2003a; 2004), Hatfield e Walster (1977/1998), Hupka (1991), Lafollete (1995/1996), Menezes e Castro (2001), Neill (1960/1998), Purshouse (2004), Stearns (1989), Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999), Vollmer (1946/1998) e White (1991), identifica-se um problema. Em situações de inveja, um rival também está presente como um elemento importante (Parrot, 1991; Salovey & Rothman, 1991; Vecchio, 2000), logo, a presença de um rival, embora pareça ser um componente necessário em uma definição de ciúme, ele não consiste no elemento que permite distinguir o ciúme da inveja⁵.

A literatura analisada também apontou para o fato de o ciúme trazer benefícios para a relação, sobretudo, protegendo-a de ser perdida ou resgatando, de alguma forma, o que deixou de ser obtido ou estava sendo dividido, como evidenciaram os trabalhos empíricos realizados com bebês e crianças (Bandeira, 2005; Hart, Field, Del Valle, & Letourneau, 1998; Miller, Volling, & McElwain, 2000; Volling, McElwain, & Miller, 2002).

Bernard (1977/1998), Bringle (1991), Buss (2000/2000), Buss e Haselton (2005), Buss, Larsen e Westen (1996), Cavalcante (1995/1997), Clanton (1981/1998; 1989/1998), Clanton e Smith (1977/1998), Cosmides e Tooby (2000), Figueiredo (2003), Fisher

⁵ Em um momento posterior a distinção entre ciúme e inveja será retomada.

(1994/1995), Freud (1921/1986e), Gikovate (1998), Guerrero, Sptizberg e Yoshimura (2004), Hupka (1991), Lafollete (1995/1996), Pines (1992), Sersadic (2003), Stearns (1989), Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999) e White (1991), foram os autores que citaram que o ciúme traz benefícios à relação.

De fato, “muitos comportamentos ciumentos [podem ser] maneiras apropriadas e construtivas de proteger relações valiosas de ameaças reais⁶” (Clanton & Kosins, 1991, p. 141), entretanto não se pode diminuir a importância da possibilidade inversa – dos prejuízos ligados aos comportamentos ciumentos – como destacado por Bernard (1977/1998), Bringle (1991), Buss (2000/2000; 2001), Buunk (1991), Clanton (1977/1981; 1977/1989), Costa (2005), Ferreira-Santos (2003), Freud (1900/1986f; 1919/1986d), Gikovate (1998), Guerrero, Sptizberg e Yoshimura (2004), Lafollete (1995/1996), Menezes e Castro (2001), Stearns (1989) e Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999).

Estudos empíricos focalizando as consequências benéficas e prejudiciais relacionadas ao ciúme, como fizeram Fleishmann, Spitzberg, Andersen e Roesch (2005), Pines e Aronson (1983) e Sheets, Fredendall e Claypool (1997) esclareceriam melhor as consequências ligadas ao ciúme.

Outros problemas importantes de serem discutidos, considerando a literatura analisada, referem-se às afirmações segundo as quais: 1) o ciúme seria uma resposta antecipatória diante da possibilidade de perda (Buss, 2000/2000; Hupka, 1991); 2) a posse seria um elemento definidor do ciúme (Banaco, 2004; Bernard, 1977/1998; Cavalcante, 1995/1997; Clanton, 1981/1998; Clanton & Smith, 1977/1998; Costa, 1998; Davis, 1936/1998; Ferreira-Santos, 2003; Fisher, 1994/1995; Freud, 1910/1986b; 1915-16/1986c; Gikovate, 1998; Guerrero, Sptizberg, & Yoshimura, 2004; Hatfield & Walster, 1977/1998; Lafollete, 1995/1996; Neill, 1960/1998; Purshouse, 2004; Pasini, 2003/2006; Vollmer,

⁶ “many jealous behaviors are appropriate and constructive ways of protecting valued relationships from real threats”.

1946/1998; Whitehurst, 1977/1998) e 3) o ciúme consiste em um evento “composto de” ou envolveria outras emoções ou sentimentos (Bringle, 1991; Buss, 2000/2000; De Silva; 1997, Ferreira-Santos, 2003; Freud, 1922/1986a; Gikovate, 1998; Guerrero, Sptizberg, & Yoshimura, 2004; Hansen, 1991; Harris, 2003b; 2005; Hupka, 1991; Purshouse, 2004; Sharpsteen, 1991; Stearns, 1989; White, 1991).

Tratar o ciúme como uma resposta antecipatória produz limitações de validade científica para uma explicação do fenômeno, na medida em que a explicação de comportamento baseada em eventos futuros desprivilegia a manipulação experimental e a produção de conhecimento empírico. Além disso, um evento que ainda não ocorreu a rigor ainda não existe e, assim, não pode causar outros eventos. Nesse sentido, em uma abordagem analítico-comportamental para o problema, seria possível dizer que o que tem sido chamado de responder antecipatório pode ser entendido como responder a eventos que no passado foram pareados a episódios de competição por reforçadores, assumindo parte do controle do responder⁷. Se entendermos a presença de competidores por acesso a reforçadores como um evento com componentes aversivos, eventos sistematicamente pareados com a presença de competidores podem adquirir função aversiva. Partindo destes elementos, pode-se dizer que o ciúme é uma resposta antecipatória, somente no sentido de que, no passado, alguns eventos (por exemplo, telefone desligado, atrasos em compromissos) podem ter sido pareados com o estímulo antecedente original (a presença de um rival competindo por acesso a reforçadores). Deste modo, quando, no presente, o indivíduo encontra-se diante daqueles eventos, tende a se comportar como no passado, quando houve competição por reforçadores. Esta análise também é útil para entender a afirmação segundo a qual o ciúme pode ocorrer diante de uma situação imaginada, como afirmam Buunk (1991), Ferreira-Santos (2003), Pines (1992),

⁷ As argumentações sobre resposta antecipatória, situação imaginada e posse já contemplam a interpretação de ciúme a ser proposta nesta tese.

Purshouse (2004) e White (1991), por exemplo. O indivíduo na realidade está respondendo a estímulos atuais e reais que foram pareados (estímulos com propriedades condicionadas) ao estímulo primário ou a outros estímulos condicionados.

Uma situação de pareamento de estímulos ainda é capaz de explicar a possibilidade de um parceiro infiel fornecer mais atenção ao parceiro da relação primária e não menos atenção, como é esperado, e como apontou Purshouse (2004). A palavra “atenção” está aqui sendo empregada para nomear um conjunto amplo de interações que podem incluir olhar, aproximar-se, falar do problema, repreender etc. Por exemplo, um marido infiel pode passar a dar mais atenção, carinho, presentes a sua esposa. Neste exemplo, do ponto de vista da pessoa traída, pode ter havido pareamento entre atenção aumentada para si e o surgimento de uma rival. Logo, no futuro, quando o(a) parceiro(a) dispensar mais atenção ao companheira(o), este(a) poderá apresentar ciúme.

A respeito de a posse ser considerada um componente definidor do ciúme, dois comentários se fazem necessários. Os comentários serão apresentados partindo-se de um exemplo hipotético.

Suponha-se que Carlos está interessado em namorar Ana, uma colega de sala de aula. Há, portanto, uma variedade de reforçadores para as respostas de Carlos que provêm de Ana (atenção, oportunidade de interagir, algum tipo de contato físico). Sempre que outros rapazes cumprimentam, interagem, recebem a atenção de Ana, Carlos apresenta ciúme. Neste exemplo, embora Carlos não possua uma relação amorosa com Ana, pode-se dizer que Ana é uma fonte de reforçadores tanto primários quanto secundários, pois quando Carlos se aproxima, Ana fornece atenção a ele, sorrindo, tirando suas dúvidas em algumas disciplinas, conversando sobre assuntos de interesse comum etc. Com base neste exemplo, pode-se questionar a participação do componente “posse” em situações de ciúme. Além disso, mesmo quando algo é de propriedade de alguém, isto não significa que a pessoa não queira ou não

possa compartilhar. No caso de relações românticas, compartilhar ou dividir uma pessoa com a qual se tem uma relação amorosa sofre influência direta da cultura quanto ao que é ou não permitido compartilhar. Mas, restringindo-se o compartilhar apenas ao nível da atenção, a ponderação sobre a possibilidade de compartilhamento é importante de ser considerada.

Argumentar que o ciúme é composto de outros fenômenos emocionais acarreta dois problemas: definir um fenômeno recorrendo a outros que carecem de definição e impossibilitar a distinção do ciúme de outros eventos emocionais.

A refutação desta proposição está pautada tanto em alguns trabalhos empíricos como os de Sharpsteen e Kirkpatrick (1997) e Hyun-Jeong e Hupka (2002) como em proposições como as de Bringle (1991) e Gikovate (1998). Com base nos dados dos estudos empíricos, pode-se dizer que embora o ciúme possa estar relacionado a outros eventos emocionais como raiva, tristeza, medo e inveja, estes não são partes constitutivas do fenômeno.

A contribuição de Bringle (1991) que dá suporte para refutar a proposição a respeito de o ciúme constituir-se de outros eventos emocionais está em relacionar raiva, tristeza e medo (e ansiedade) a situações específicas. Para o autor, a raiva seria desencadeada devido ao comportamento voluntário do parceiro (traição) ser considerado injustificável e repreensível; o medo pela avaliação dos recursos pessoais em lidar com a ameaça e incertezas sobre o futuro da relação e a tristeza em função do alto grau de compromisso e da perda da relação, logo, raiva, tristeza e medo não são componentes presentes em todas as situações de ciúme.

Já a contribuição de Gikovate (1998) consiste em sustentar que o ciúme seja um fenômeno composto de três “elementos”⁸: sexualidade, posse (relacionado ao amor) e medo da perda. Ao fazer isto, trata de cada um de forma diferenciada, sugerindo, com o título do capítulo em foco (Ciúme ou “ciúmes?”), que é mais adequado falar em ciúmes e não em

⁸ A palavra elementos foi colocada entre aspas porque o autor deixa claro que estes “elementos” tanto podem se fazer presentes em uma relação amorosa, quanto podem ocorrer de forma isolada (um ou outro). Deste modo, talvez a melhor forma de fazer referência aos “elementos” seja considerando-os como tipos diferenciados de ciúme.

ciúme. Com base na proposta do autor, então, é perfeitamente possível que uma pessoa apresente ciúme sexual, sem medo de perder e/ou raiva de dividir (posse), assim como pode ter medo de perder e/ou raiva de dividir sem apresentar ciúme sexual. Esta proposição do autor também dá suporte para a argumentação anterior a respeito da posse não constituir-se em um elemento presente em toda situação de ciúme.

A última contribuição trazida pela literatura não derivada de pesquisas empíricas está em reconhecer a importância de fatores sociais/culturais na compreensão do ciúme. Este aspecto foi citado por Arreguy (2001), Banaco (2005), Bringle (1991/1998), Buunk (1991), Clanton e Smith (1977/1998), Clanton (1981/1998; 1989/1998), Costa (1998), Costa (2005), Davis (1936/1998), DeSteno e Salovey (1996a), Ferreira-Santos (2003), Guerrero, Sptizberg e Yoshimura (2004), Hansen (1991), Harris (2003a), Hupka (1991), Hatfield e Walster (1977/1998), Lafollete (1995/1996), Mead (1931/1998), Pasini (2003/2006), Sendenberg (1977/1998), Stearns (1989), Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999) e Whitehurst (1977/1998).

Considerar fatores sociais e culturais permite que se observe que a concepção de ciúme muda de acordo com o momento histórico de uma sociedade (Clanton 1989/1998; Stearns, 1989), assim como diferentes culturas modelam diferentes formas de ciúme (cf. Clanton 1989/1998; Clanton & Kosins, 1991; cf. Mead, 1931/1998; Menezes & Castro, 2001). Deste modo, parece claro que o ciúme envolve aprendizagem no nível ontogenético como já apontaram explicitamente alguns analistas do comportamento como Banaco (2005), Costa (2005), Menezes e Castro (2001) e teóricos da Sociologia como Clanton (1981/1998; 1989/1998), por exemplo.

O panorama geral da literatura não derivada de pesquisas empíricas, aqui destacada, teve como objetivos evidenciar como o ciúme vem sendo definido e caracterizado por esta literatura, assim como apontar problemas e contribuições ligadas a tais

definições/caracterizações. Em última instância, pretendeu-se separar aspectos relevantes de aspectos pouco relevantes para uma definição/caracterização do fenómeno.

II. O DEBATE ENTRE EVOLUCIONISTAS E COGNITIVISTAS EM TORNO DO CIÚME ROMÂNTICO

Algumas Palavras de Advertência

Psicologia Evolucionista (PE) e Teoria Social Cognitiva (TSC), focos deste Capítulo, são abordagens teóricas representadas por diferentes grupos. Cada um deles possui concepções distintas acerca de vários fenômenos, inclusive daqueles que são considerados principais em ambas as abordagens. Deste modo, as informações contidas neste capítulo não representam com completude a PE ou TSC. Pretende-se aqui tão somente destacar que se identificam dois grupos de pesquisadores desenvolvendo estudos sobre ciúme: um o faz tendo como suporte conhecimentos produzidos no âmbito da PE e outro tendo como suporte os conhecimentos da TSC.

Os pesquisadores do ciúme que usam o referencial evolucionista estão de acordo com as proposições da PE conforme Barkow, Cosmides e Tooby (Cosmides & Tooby, 1997; 2000; Cosmides, Tooby, & Barkow, 1992) e os pesquisadores que se utilizam do referencial social cognitivo mostram conformidade com as proposições de Bandura (Bandura, 1977; 1978; 1989; 2001; Bussey & Bandura, 1999).

Concepções de Ciúme

O ciúme, para pesquisadores evolucionistas, é compreendido como uma adaptação psicológica (Buss, 1989; 2000/2000). Por adaptação psicológica entende-se um mecanismo que evoluiu em função de pressões seletivas vividas pelos hominídeos no Pleistocene para resolver problemas adaptativos (Cosmides & Tooby, 1997; 2000; Cosmides, Tooby, & Barkow, 1992). Isto é, problemas que são recorrentes na história da espécie e interferem na reprodução (Cosmides & Tooby, 1997).

De forma mais específica, segundo Buss (2000/2000), autor que pode ser considerado o principal representante deste grupo, o ciúme romântico seria uma resposta antecipatória universal que visa a impedir a traição, sendo sua função preservar uma relação afetiva diante desta ameaça. Ou ainda nas palavras de Cosmides e Tooby (2000), “A emoção do ciúme sexual constitui um modo organizado de operação especificamente planejada para mobilizar os programas que governam cada mecanismo psicológico de maneira a posicioná-los para lidar com a infidelidade revelada⁹”.

A infidelidade sexual foi uma situação evolutiva recorrente. A esta situação foram associados alguns sinais que possibilitaram o desenvolvimento de um conjunto de reações do organismo, como alterações fisiológicas típicas de ações violentas, retirada do investimento e observação de ausência repetida de parceiros (Cosmides & Tooby, 2000). Cosmides e Tooby denominam este conjunto de reações selecionadas de *situation detector*.

Para os psicólogos evolucionistas, embora homens e mulheres apresentem ciúme e ambos sejam afligidos pela infidelidade sexual (IS) e infidelidade emocional (IE), o homem seria mais afetado pela ameaça de um envolvimento sexual, enquanto a mulher pela ameaça de um envolvimento emocional (Buss, 2000/2000; Buss & Haselton, 2005; Buss, Larsen, Western, & Semmelroth, 1992; Buss, Larsen, & Western, 1996; Buss et al., 1999; Buunk et al., 1996; Fernandez, Olcay, Castro, Escobar, & Fuentes, 2003; Fernandez, Sierra, Zubeidat, & Vera-Villarroel, 2006; Fernandez, Vera-Villarroel, Sierra, & Zubeidat, 2007; Schützwohl & Koch, 2004; Schützwohl, 2005; 2006; 2008; Wiederman & Kendall, 1999).

No caso dos homens, entende-se que o ciúme sexual aumenta a probabilidade da paternidade, na medida em que a seleção tende a “favorecer machos que agem para assegurar que seu investimento é orientado em direção ao seu próprio descendente e não ao de outro

⁹ “The emotion of sexual jealousy constitutes an organized mode of operation specifically designed to deploy the programs governing each psychological mechanism so that each is poised to deal with the exposed infidelity”.

macho” (Buss, 1989, p. 3). Desta forma, o ciúme seria útil por proteger o macho contra os riscos de perder o tempo que investiu na corte de uma mulher, de dedicar-se aos filhos que não são seus e de danos a sua imagem (Buss, 2000/2000). Nesta direção, Sersadic (2003) argumentou que o cuidado parental por parte do homem, aliado à incerteza da paternidade, leva-o a exercer a posse ou o comportamento de propriedade. Este pode se manifestar em padrões característicos de ciúme que então diminuiriam a incerteza da paternidade (cf. Buss, 1989). Buss e Haselton (2005), por exemplo, argumentaram que próximo da ovulação da mulher, o homem aumenta o ciúme como estratégia de proteção.

Para as mulheres, a utilidade do ciúme estaria relacionada ao fato de afastar a possibilidade de uma rival retirar proteção e gratificações para com ela e seus filhos (Buss, 2000/2000; Fisher, 1994/1995). O ciúme, então, protege a mulher da possibilidade de perda do investimento parental (Murphy, Vallacher, Shackelford, Bjorklund, & Yunger, 2006).

Izar (2007), ao abordar a cooperação para o cuidado parental entre pares de macho e fêmea, observada desde a interação homínida, parece também dar suporte à possível história evolutiva do ciúme, descrita até aqui. A autora destacou que, em um contexto como este, há pressão tanto para cooperar quanto para detectar traidores devido “ao alto custo energético da procriação para as fêmeas”. Dito de outro modo, a cooperação envolve diferentes mecanismos de monitoramento para detectar bons cooperadores e traidores.

Izar (2007) acrescentou ainda que, na relação macho e fêmea, o macho oferece o cuidado parental em troca de exclusividade sexual.

O ciúme, então, evoluiu, como qualquer outra adaptação psicológica, em função de contingências específicas do mundo vivido por nossos ancestrais caçadores-coletores, sendo por este motivo que ainda o encontramos no *design* computacional de homens e mulheres de hoje (Cosmides & Tooby, 2000).

Na perspectiva Social Cognitiva (representada por Harris, uma das pesquisadoras que mais tem produzido nos últimos anos no grupo de pesquisa cognitivista), o ciúme é concebido como uma emoção (2000; 2003a; 2003b; 2005). No artigo de 2000, Harris o definiu como “uma emoção discreta ou uma combinação de emoções ocorrendo simultaneamente ou uma série de diferentes emoções eliciadas por mudança de reavaliação do curso de um único episódio de ciúme” (p. 1083), cuja origem se relaciona à percepção de um rival ameaçar algo de valor na relação.

Partindo da concepção cognitivista onde os eventos externos disparam ou desencadeiam crenças e estas por sua vez produzem cognições, sentimentos e ações, pode-se ilustrar o modelo cognitivista de compreensão de ciúme da seguinte forma:

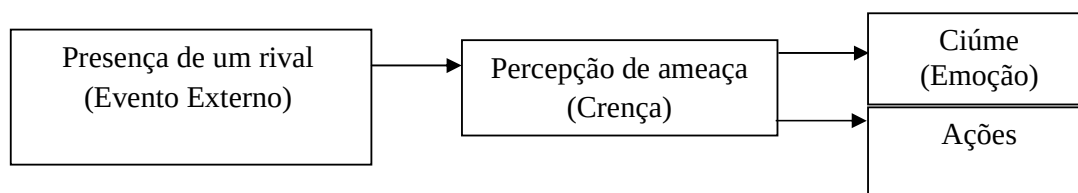


Figura 2. Esquema representativo dos componentes que integram uma compreensão do ciúme a partir de um referencial cognitivista.

Como Harris (2000; 2002; 2003a; 2003b; 2004; 2005) faz sua análise do ciúme intitulando-a de uma análise Social Cognitiva, é necessário considerar que, apesar das setas unidirecionais entre os eventos, a TSC, originalmente proposta por Bandura, pressupõe uma interação recíproca entre eles.

Harris (2000) critica a denominação de teoria evolutiva do ciúme para se referir à proposição da diferença entre os sexos e passa a usar, em todos os seus artigos subsequentes, a expressão “ciúme como um módulo inato específico” ou, em sua forma abreviada, simplesmente JSIM. Para a autora, esta é uma denominação mais apropriada e precisa, uma vez que o que se questiona não é a evolução, mas se a filogênese modelou mecanismos diferentes em homens e mulheres no que se refere ao ciúme (Harris, 2002).

Na metade da década de 90, duas duplas de pesquisadores, DeSteno e Salovey (1996a; 1996b) e Harris e Christenfeld (1996a; 1996b), apresentaram o que se conhece por hipótese do duplo disparo e que alguns pesquisadores denominam de hipótese das crenças¹⁰. Para estes pesquisadores, homens e mulheres se preocupam com os dois tipos de infidelidade (IS e IE), no entanto tendem a escolher como o que provoca mais sofrimento ou perigo o tipo de infidelidade que acreditam ter maior probabilidade de implicar o outro. À probabilidade de uma infidelidade implicar a outra, DeSteno e Salovey (1996b) chamam de implicação de infidelidade diferencial (DII). Este índice é calculado subtraindo o quanto os indivíduos acreditam que a IS implica a IE, do quanto acreditam que a IE implica a IS ($DII = IE \rightarrow IS - IS \rightarrow IE$). Logo, um valor positivo mostraria que os indivíduos acreditam mais que a IE implica em IS e um valor negativo mostraria que acreditam mais que a IS implica em IE.

A hipótese das crenças é apresentada da seguinte forma por Harris e Christenfeld (1996b):

Um homem, pensando que mulheres têm sexo apenas quando estão apaixonadas, tem razão para acreditar que se sua parceira tem sexo com outro homem, ela está apaixonada por ele. Uma mulher, pensando que homens podem ter sexo sem amor, deveria ainda ficar incomodada pela infidelidade sexual, mas menos porque ela não implica que o seu parceiro está apaixonado também¹¹ (p. 364).

Pode-se dizer, então, que o homem acredita que quando a mulher tem sexo com outro homem a probabilidade de perda da mulher amada é maior. A mulher, por outro lado, acredita que a probabilidade de perda do parceiro é maior quando há um envolvimento emocional do homem com outra mulher.

¹⁰ DeSteno e Salovey utilizam a expressão *double-shot*, enquanto Harris e Christenfeld usam *two-for-one*. A fim de evitar qualquer tipo de problema com o uso de uma ou outra expressão, como todos os autores concordam que estão fazendo referência a crenças, o termo que será usado a partir de agora será hipótese das crenças.

¹¹ “A man, thinking that women have sex only when in love, has reason to believe that if his mate has sex with other man, she is in love with that other. A woman, thinking that men can have sex without love, should still be bothered by sexual infidelity, but less so because it does not imply that her mate has fallen in love as wee”.

Isto significa dizer que as diferenças entre os sexos, segundo a TSC, poderiam ser explicadas em função do modo como homens e mulheres pensam ou interpretam cada tipo de infidelidade (DeSteno & Salovey, 1996a; Harris & Christenfeld, 1996b). DeSteno e Salovey (1996b) destacam que as crenças sobre a infidelidade podem variar entre os sexos e mesmo entre culturas.

Métodos de Pesquisas Usados por Evolucionistas e Cognitivistas para Estudar a Diferença de Gênero

Desde a década de 90, tanto o grupo de pesquisadores de referencial evolucionista quanto o de referencial cognitivista têm realizado estudos que visam testar a proposição da diferença de gênero em relação ao ciúme.

O trabalho de Buss et al. (1992), por parte dos evolucionistas, e os trabalhos de DeSteno e Salovey (1996b) e Harris e Christenfeld (1996b), por parte dos cognitivistas, são marcos nas proposições de cada grupo sobre a diferença de gênero.

No grupo de pesquisas evolucionistas, identificam-se tanto estudos cujo o principal objetivo é testar a proposição da diferença de gênero em diferentes culturas (por exemplo, Ades, 2003*¹²; Buss et al., 1992; 1999; Buunk et al., 1996; Fernandez et al., 2003; 2006; 2007; Brase, Caprar, & Voracek, 2004*; Souza, Verderane, Taira, & Otta, 2006*; Wiederman & Kendall, 1999*), quanto estudos que implementam mudanças no procedimento original proposto por Buss et al. (1992) (por exemplo, Sagarin, Becker, Guadagno, Nicastle, & Millevoi, 2003; Schützwohl & Koch, 2004; Schützwohl, 2005; 2006; 2008; Takahashi, Matsuura, Yahata, Koeda, Suhara, & Okubo, 2006).

Já no grupo de pesquisas realizadas por cognitivistas a preocupação maior parece consistir em testar a proposição das crenças, independente da cultura (DeSteno & Salovey,

¹² Os estudos que incluem asterisco são aqueles que embora sejam transculturais também apresentam alguma mudança no procedimento original proposto por Buss et al. (1992).

1996b; DeSteno, Bartlett, Braverman, & Salovey, 2002; Harris, 2000; 2002; 2003a; Harris & Christenfeld, 1996b).

De maneira geral, mesmo que alguns pesquisadores evolucionistas tenham conduzido estudos usando procedimentos diferenciados do original, grande parte dos mesmos utiliza o procedimento proposto por Buss et al. (1992). Especificamente, Buss et al. solicitaram aos participantes que pensassem em uma relação romântica de compromisso passada, atual ou que gostariam de ter e, em seguida, pensassem que a pessoa com a qual estivessem seriamente envolvida passasse a ter interesse em outra pessoa do sexo oposto. Feito isto, os participantes deveriam circular uma ou outra opção, o que mais irritaria ou causaria mais sofrimento ou preocupação, imaginar a IS ou a IE (parte 1). Posteriormente, considerando a mesma situação, deveriam circular se o que mais irritaria ou causaria mais sofrimento ou preocupação era imaginar o(a) parceiro(a) tentando diferentes posições sexuais ou estar apaixonado(a) por outra pessoa (parte 2). Este tipo de instrumento é denominado de *forced-choice* ou escolha forçada (EF).

Diferentemente, no grupo de pesquisas realizadas por cognitivistas, o instrumento mais largamente utilizado é a escala *likert* que consiste em um tipo de medida contínua. Neste tipo de instrumento, o participante deve responder considerando uma gradação de valores, por exemplo, onde 0 pode significar “não concordo” e 5 “concordo totalmente”.

No que se refere aos resultados e às conclusões dos estudos, enquanto os pesquisadores de referencial evolucionista afirmam que independente da cultura¹³ do participante e do procedimento utilizado, a diferença de gênero em relação aos eventos que disparam ciúme se mantém, para pesquisadores de referencial cognitivista, a diferença de gênero não é evidenciada com medidas contínuas, o que segundo eles fortalece a hipótese das crenças.

¹³ Segundo Buunk et al. (1996) as culturas diferem apenas na magnitude das diferenças.

Hipótese Explicativa para a Diferença de Gênero Pautada na Análise do Comportamento

Este item do presente trabalho de tese reproduz o estudo de Costa e Barros (2008b) que consistiu em uma tentativa de testar uma hipótese explicativa acerca da diferença de gênero em relação ao ciúme, usando outro referencial – a Análise do Comportamento. O artigo publicado é portanto transcrito integralmente a seguir¹⁴.

¹⁴ Ao longo da transcrição do artigo aparecerão notas que não pertencem ao artigo publicado. As notas foram acrescentadas a fim de corrigir erros de tradução.

Test de definición y de una hipótesis sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia Psicológica*, 26, 1, 15-25.

Resumen

El artículo describe resultados de una investigación que intentó probar una definición de los celos, así como una hipótesis para la diferencia del género con relación a los eventos que desencadenan los celos en hombres y mujeres, teniendo como fundamento teórico el Análisis de la Conducta. Doscientos un participantes respondieron dos cuestionarios cerrados: uno sobre aspectos importantes en una relación amorosa (C1) y otro sobre situaciones provocadoras de los celos (C2). En ambos cuestionarios, la mitad de las afirmaciones enfocaba aspectos emocionales y la otra mitad, aspectos sexuales. Entre los principales resultados se destacan las correlaciones encontradas entre respuestas al C1 y respuestas al C2, sugiriendo que definir los celos como conducta controlada por situaciones de competición por reforzadores parece promisorio y fuertes correlaciones entre cuestiones emocionales y sexuales en el C2, llevando a cuestionar si de hecho hombres y mujeres difieren en las situaciones que producen celos.

Palabras clave: Celos, análisis de la conducta, diferencia del género, definición operacional.

Abstract

This paper describes a research with the purpose of testing a definition of jealousy and a hypothesis about sex differences concerning the events that evoke jealousy in men and women, under the theoretical perspective of Behavior Analysis. Two hundred and one participants answered two multiple-choice questionnaires: one about important aspects of a romantic relationship (C1), and another about situations that cause jealousy (C2). In both questionnaires, half of the statements concerned emotional aspects, and the other half, sexual

aspects. Among the main results, we emphasize (1) the correlation between answers to C1 and answers to C2, suggesting that the definition of jealousy as a behavior controlled by situations of competition for reinforcers is promising, and (2) the strong correlation between emotional and sexual questions in C2, raise the question of whether men and women are different concerning the situations that provoke jealousy.

Key words: Jealousy, behavior analysis, sex differences, operational definition.

Introducción

Contextualización, Definición de Celos e Hipótesis sobre la Diferencia de Género

Los celos parecen ser tan antiguos como la propia historia de la humanidad, siendo identificados, inclusive, en diferentes pasajes bíblicos. Siendo que el fenómeno es relacionado al amor de Dios, lo cual exige exclusividad (Ferreira-Santos, 2003; Ramos, 1998). Sin embargo, de acuerdo con Ramos (1998), la Psicología sólo empezó a interesarse por el estudio de los celos en la década del 70.

El atraso de la Psicología en iniciar investigaciones sobre los celos, probablemente explica las controversias en torno al tema y la consecuente necesidad de estudios (Bryson, 1991; Ramos, 1998). Como afirmó Ramos (1998):

En el momento actual, lo que se observa es que los conocimientos producidos por las investigaciones sobre los celos románticos realizados en el campo de la Psicología están aún en práctica primitiva. Los datos obtenidos por medidas diversas de los celos tienen como resultados un enmarañado de informaciones casi siempre inconsistentes, donde se destacan conclusiones contradictorias sobre los mismos fenómenos (p. 274).

El autor concluye diciendo que no existe una teoría específica sobre celos románticos.

Después que pasaron casi diez años, la situación se mantuvo prácticamente inalterada, a pesar del crecimiento de los estudios empíricos, sobre todo, en los Estados Unidos.

Aún hoy se puede decir que, en realidad, no hay una definición específica y consistente de los celos.

Buscando contribuir con el desarrollo de las investigaciones empíricas en Brasil y, sobre todo, con el avance en la comprensión del fenómeno, este artículo pretende describir un estudio que probó una definición de los celos formulada a partir del Análisis de la Conducta, así como una hipótesis sobre la diferencia del género en relación a los eventos que producen celos, principal foco de atención y controversia en la literatura.

La definición probada separa componentes provocados de operantes, proponiendo que los celos pueden ser divididos en la emoción (componente provocado) y la respuesta celosa (componente operante). Tanto la emoción como la respuesta emocional celosa son antecedidas por el mismo evento ambiental: competición por reforzadores. La respuesta celosa, con frecuencia, se mantiene por refuerzo negativo (eliminación del rival o atenuación de la competición), sin embargo también puede ser reforzada positivamente con atención social (Sheets, Fredendall & Claypool, 1997).

En un episodio de celos también pueden estar presentes otros fenómenos emocionales (emoción y respuesta emocional), así como la cólera, tristeza, miedo, entre otros. Estos, en un análisis conductual de los celos, son considerados subproductos de las contingencias involucradas en la situación.

Al tratarse de los celos, se debe esclarecer la posibilidad de dos comportamientos: dar celos y ponerse celoso (Botomé, comunicación personal, 30 de mayo del 2007). Cada uno tiene variables controladoras y patrones de respuestas distintas. La definición, así como toda la investigación que viene siendo realizada por la primera autora, tiene como foco el ponerse celoso.

La propuesta de definición se fundamenta en la articulación de tres referencias principales: a) Skinner (1965) al usar la expresión respuesta emocional; b) Donahoe y Palmer

(1994) cuando proponen que las relaciones provocadas y operantes sean concebidas como relaciones de una misma continuidad, y c) Teixeira Jr. y Souza (2006) al argumentar que la emoción involucra más respuestas respondientes o provocadas. Todos los fundamentos de esta comprensión de los celos puede ser encontrada en Costa y Barros (en prensa).

Cabe todavía distinguir la competición por reforzadores desencadenadora de celos/respuesta celosa de situaciones en las cuales la competición también puede hacerse presente, como por ejemplo, la competición que hay en juegos y deportes de manera general. En la situación de celos, son dos las especificidades: (1) Existe un par (el individuo que siente los celos y el objeto de los celos) del cual se aproxima un rival que, por definición, está fuera de la relación, y (2) la naturaleza del refuerzo por la cual se compite en la situación de los celos es idiosincrásica, a medida que el reforzador consiste en aspectos sutiles de la interacción del celoso con el objeto de los celos, lo que produce una especificidad del objeto como fuente de reforzadores.

La respuesta celosa es reforzada por la eliminación o el alejamiento del rival, dando al celoso acceso privilegiado a esos reforzadores idiosincrásicos y específicos de la relación celoso-objeto; estos reforzadores que sólo el otro elemento del par (objeto de celos) puede proveer en aquel momento.

Partiendo de la definición elaborada, se supone que la tendencia de separar infidelidad sexual (IS), como la más perturbadora para los hombres, de infidelidad emocional (IE), como la más perturbadora para las mujeres, como muestran los datos de las investigaciones realizadas por evolucionistas (Buss, 2000; Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Shackelford, Voraceck, Schmitt, Buss, Weekes-Shackelford & Michalsk, 2004) puede ser explicada por una hipótesis que tiene apoyo en datos ontogenéticos. La elección de IS o IE puede no ser necesariamente determinada por el género, pero sí por la función o papel que los diferentes aspectos de la relación tienen para el individuo. De esta manera, para aquellos que

consideran el sexo como el componente más importante de la relación, la perspectiva de IS puede ser más perturbadora que la perspectiva de IE. Correspondientemente, para aquellos cuyo aspecto de la relación más relevante es el involucramiento emocional, el compañerismo, el compromiso, los planos en común, entonces la perspectiva de IE puede ser más perturbadora.

Entonces, la aparente diferencia del género con relación a los celos, puede ser en verdad un reflejo de las diferencias en los aspectos que cada individuo considera relevante en una relación romántica. Así, en vez de correlacionarse preocupación con IS e IE respectivamente con género masculino y femenino, como lo han hecho los investigadores evolucionistas, se correlacionó preocupación con IS e IE con valoración de reforzadores sexuales y afectivos en la relación respectivamente. Si ese tipo de correlación fuera encontrada, entonces personas (independiente de ser género masculino o femenino) que señalan los componentes sexuales como aspectos más relevantes de la relación, tenderían a ser más afectadas por situaciones de competición por reforzadores sexuales y por lo tanto mostrarían más preocupación con IS. Correspondientemente, personas (independiente de ser del género masculino o femenino) que señalan los componentes emocionales/afectivos como aspectos más relevantes de la relación, tenderían a ser más afectadas por situaciones de competición por reforzadores afectivos y, por lo tanto, mostrarían más preocupación con IE.

Considerando entonces la definición de celos y la hipótesis formulada para la diferencia del género, la investigación tuvo como objetivo general probar la definición de los celos según la cual este fenómeno puede ser entendido como una respuesta emocional y/o respuesta celosa controlada por la competición por reforzadores. Los objetivos específicos fueron: 1) identificar cuáles de las emociones son más frecuentemente citadas en situaciones de celos; 2) verificar si hombres y mujeres difieren con relación a los aspectos que se valorizan dentro de una relación de compromiso entre parejas y en las situaciones que

desencadenan celos, y 3) verificar si los datos variarían, de acuerdo con el tipo de instrumento utilizado (formato A y B), la edad, nivel de instrucción, nivel socio económico, tiempo de relación, situación afectiva actual e histórica con traición.

Método

Participantes

Participaron de esta investigación 201 personas de ambos sexo de diferentes clases económicas y escolaridad, y de dos franjas etarias distintas, 101 adultos a partir de 20 años y 100 personas de edad avanzada (60 años).

Ambiente

Los cuestionarios con los participantes adultos fueron aplicados en una universidad pública, en sus más diferentes espacios: biblioteca, kioscos de libros, kioscos de dulces, cafeterías, restaurantes, copias, salón de clase y corredores.

Ya con los de edad avanzada la aplicación de los cuestionarios fue realizada en dos contextos diferentes: una institución que brinda servicios de salud a los de edad avanzada (Casa del Anciano) y un programa de actualización cultural para los de edad avanzada ofrecidos por la misma universidad pública donde fueron recolectados los datos con los adultos. Fueron abordados los participantes actuales como ex participantes del programa que aún se encontraban en la institución.

Instrumentos y Materiales

Además de los términos de Consentimiento Libre y Esclarecido, fueron utilizados dos cuestionarios. El Cl era compuesto por 8 preguntas demográficas (sexo, edad, instrucción, ocupación, renta familiar, situación afectiva actual, tiempo de relación y experiencia de

traición) y de la pregunta “Lo que es importante en una relación de compromiso es:”, seguida de 20 afirmaciones. El C2 fue constituido por 2 preguntas de celos (si ya sintió celos por lo menos una vez y emociones presentes en las situaciones cuando sintió celos) y de la pregunta “¿En qué situaciones siente celos?”, seguida de 14 situaciones. La mitad de las afirmaciones, en los dos cuestionarios, enfocaba aspectos emocionales y la otra mitad a aspectos sexuales.

Procedimiento de Recolección y Análisis de Datos

Después de que consintieron la participación en la investigación, a través de un Término de Consentimiento, cada participante llenó los dos cuestionarios en un mismo formato. En cada franja etaria, la mitad de los participantes respondió los cuestionarios en el Formato A y la otra mitad en el Formato B. Aun se tuvo cuidado de que en cada grupo etario la mitad fuera del sexo masculino y la otra mitad del sexo femenino.

En el Formato A los participantes, ante las afirmaciones, deberían marcar apenas aquellas afirmaciones que concordasen, dejando en blanco aquellas que no concordasen. En el Formato B, deberían marcar todas las afirmaciones a partir de una escala de 1 a 5 puntos (no concuerdo o concuerdo totalmente).

Para el análisis de los datos fue utilizado el Programa Statistical Package for Social sciences (SPSS), versión 11,5.

Al principio fue verificado *el alfa de Cronbach* (confiabilidad o consistencia interna de las preguntas), de los instrumentos en conjunto, considerando cuatro factores (cuestiones emocionales y sexuales del C1 y cuestiones emocionales y sexuales del C2) y separadamente (C1 – cuestiones emocionales y sexuales y C2 – cuestiones emocionales y sexuales). Posteriormente fueron hechas correlaciones *bivariate* de Spearman, incluyendo todas las variantes¹⁵ entre sí.

¹⁵ Variables.

Una decisión metodológica que merece ser mencionada con relación a las respuestas de todos los respondientes es que hayan sido incluidas en el SPSS de la misma manera y sólo posteriormente hayan sido analizadas apenas las respuestas dadas en el Formato B (escala). Eso significa que, a excepción del momento en que el análisis separado fue indicado, en todos los demás, los análisis de los 201 respondieron fueron hechos considerándose la sumatoria de cuestiones emocionales y sexuales marcadas en los dos cuestionarios.

Resultados

El análisis de confiabilidad (alfa de *Cronbach*) de los cuestionarios en conjunto fue de 0.71 y separadamente fue de 0.67 en el Cuestionario 1 (C1) y de 0.82 en el Cuestionario 2 (C2). Luego, la consistencia interna de los ítems de los cuestionarios fue alta, considerando el valor de la comparación de 0,5. Esto quiere decir que, de hecho, los cuestionarios evaluaron dos factores distintos: factor sexual y factor emocional.

Los datos descritos serán precedidos de las preguntas, las cuales pautaron la realización de esta investigación.

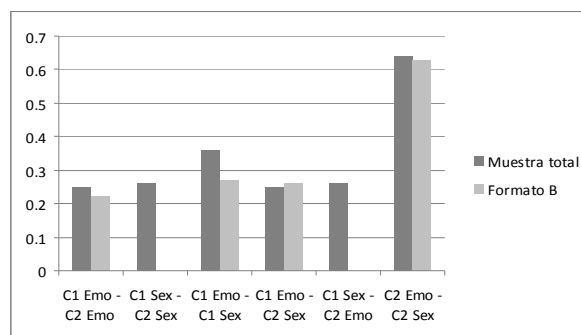
Para la primera pregunta (¿habrá relación entre elección en C1 y elección en C2?), se identifi có que cuando los participantes escogían más aspectos emocionales en C1, ellos también escogían más situaciones emocionales en C2 (correlación de 0,26) así como cuando escogían más aspectos sexuales en C1, ellos también escogían más situaciones sexuales en C2 (0,26). Entretanto, los datos mostraron correlación más fuerte dentro de los cuestionarios y no entre ellos, principalmente en C2 (0,64).

Además de las correlaciones entre C1 Emo y C2 Emo (elección de aspectos emocionales en C1 y aspectos emocionales en C2) y C1 Sex C2 sex (elección de aspectos sexuales en C1 y aspectos sexuales en C2), también fue encontrada correlación entre: 1) C1

Emo y C1Sex de 0,36; 2) C1 Emo y C2 Sex de 0,25; 3) C1 Sex y C2 Emo de 0,26 y 4) C2 Emo y C2 Sex de 0,64.

Las respuestas en el formato B son semejantes a las encontradas en la muestra general, aunque dos correlaciones no aparecieron en las respuestas a este formato. Las correlaciones evidenciadas fueron entre C1 Emo y C1 Sex de 0,27, C1 Emo y C2 Emo de 0,22, C1 Emo y C2 Sex de 0,26 y C2 Emo y C2 Sex de 0,63.

Fig. 1. Correlaciones de factores emocionales y sexuales entre e intra cuestionarios, en la muestra total y en el formato B.



La figura 1 muestra las correlaciones descritas, resaltando que todas fueron significativas teniendo como parámetro el valor de 1,0.

Estos datos, en conjunto, evidencian correlaciones más fuertes entre las preguntas de cuestiones emocionales y sexuales en ambos cuestionarios, sobre todo en C2. Cuanto más el individuo escogía un aspecto como relevante o como desencadenador de los celos, él también escogía el otro, en los dos cuestionarios. Entretanto, como la correlación más fuerte fue identificada entre las respuestas del C2, se puede decir que mientras la muestra estudiada (sin separación en las categorías como edad, sexo, escolaridad, etc.) varió con relación a los aspectos que valorizan en una relación amorosa (sexual y emocional), cuando se trata de los celos los datos sugieren que quien “es celoso” presenta celos tanto en las situaciones

emocionales como en las sexuales. Lo que al principio sugiere es la diferencia¹⁶ comparándose con los resultados descritos por investigadores evolucionistas.

Tales datos aun llevan a considerar las hipótesis levantadas en este estudio y, consecuentemente, la definición propuesta, como pertinentes. Por tanto, es necesario entender por qué las correlaciones más fuertes ocurrieron dentro del mismo cuestionario y no entre ambos y, sobre todo, en C2. Tal vez el aspecto que cada individuo considera importante en una relación amorosa no sea la variable más relevante en la elección de la situación que desencadena los celos.

Para el segundo cuestionamiento (¿habrá diferencia de género en las respuestas a los cuestionarios?), fueron evidenciadas las siguientes correlaciones: C1 Emo y C2 Emo de 0,39 y C1 Emo y C2 Sex de 0,37 para mujeres; C1 Sex y C2 Sex de 0,32 para hombres; C1 Emo y C1 Sex de 0,37 para hombres y 0,35 para mujeres; C2 Emo y C2 Sex de 0,63 para hombres y 0,68 para mujeres y C1 Sex y C2 Emo de 0,27 para hombres y mujeres. Todas las correlaciones fueron significativas¹⁷.

Estos datos sugieren diferencia de género entre C1 y C2, ya que sólo fueron evidenciadas correlaciones para los aspectos emocionales en el caso de las mujeres y sexuales para los hombres. Sin embargo, considerando que también fueron encontradas correlaciones entre C1 Emo y C1 Sex, C1 Sex y C2 Emo, C2 Emo y C2 Sex (hombres y mujeres) y C1 Emo y C2 Sex (mujeres), aunque parezca que hay diferencia entre los sexos, hombres y mujeres no escogen aspectos sexuales y emocionales como factores dicotomizados, cuando el foco es el que consideran importante en una relación o cuando son situaciones desencadenadoras de los celos. Tal dato ofrece soporte a la argumentación de Wiederman y Allgier (1993), con base en la cultura americana, según la cual existen fuertes asociaciones entre el sexo, amor y casamiento. A esto se agrega el hecho de que la correlación más fuerte

¹⁶ Sugiere diferencia.

¹⁷ Partiendo Del valor 1,0.

haya sido evidenciada en C2, en ambos sexos, del mismo modo que se verificó en la muestra general.

Las respuestas en el formato B fueron semejantes a las encontradas en la muestra general. Las siguientes correlaciones fueron evidenciadas: C1 Emo y C1 Sex de 0,35 para los hombres; C1 Emo y C2 Emo y C1 Emo y C2 Sex de 0,40 para las mujeres y también C2 Emo y C2 Sex de 0,69 para los hombres y 0,62 para las mujeres. Con excepción de la correlación entre C1 Emo y C1 Sex cuyo valor de comparación fue 0,5, las demás fueron significativas usando 1,0.

Los datos de los hombres y de las mujeres se muestran compatibles con la proposición de los cognitivistas. En especial cuando Harris y Christenfeld (1996) afirman que la mujer tiende a presentar más celos ante la IE, una vez que ella implica IS, mientras que el inverso no es verdadero. Entretanto, mientras los cognitivistas explican la elección de la IE por parte de la mujer en función de las creencias desarrolladas a lo largo de la historia de la vida, el Análisis del Conducta prescinde de las creencias como un evento mediador y recorre “apenas” la historia individual como el factor que explica ontogenéticamente esta elección. Cabe cuestionar, con todo, si el hecho de que los hombres escojan más IS puede estar asociado a la mayor reactividad de los mismos a eventos sexuales, de forma generalizada como propusieron Grice y Seely (2000) y Harris (2000).

Tabla 1: Resultados de la prueba T para la muestra total y respondientes en el Formato B.

Cuestionario/ Factor	Sig. Muestra total	Sig. Formato B
C1 Emo	0,96	0,51
C1 Sex	0,06	0,48
C2 Emo	0,33	0,17
C2 Sex	0,12	0,80

Fig. 2. Medias seleccionadas por sexo en C1 e C2 en la muestra total.

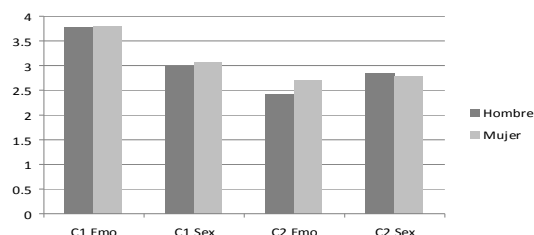
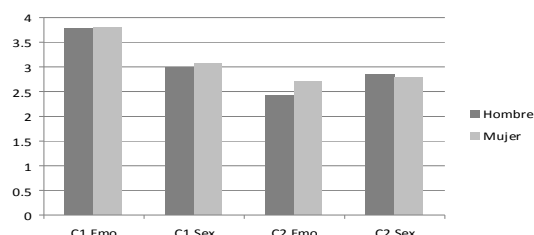


Fig. 3. Medias de escogidas por sexo en C1 y C2 en el Formato B.



Aplicando la prueba T, el análisis no evidencia diferencias de género, tanto en la muestra general como en las respuestas al Formato B. La Tabla 1 muestra los valores de significancia encontrados en la prueba T y las figuras 2 y 3 ilustran la ausencia de diferencia de género explicitando las medias.

En síntesis, los datos descritos hasta aquí evidencian poca diferencia de género en los dos cuestionarios. Con respecto a las situaciones desencadenadoras de los celos, los datos corroboran la proposición de los cognitivistas en lo que se refiere a que ambos sexos reaccionan ante los dos tipos de infidelidad.

En respuesta a la tercera cuestión (¿cuáles son las emociones presentes en situaciones de celos?), se observó que todas las emociones fueron escogidas de forma significativa por los participantes: tristeza con la situación (Triste S) = 88 respondientes (43,8%); rabia de la situación (Rabia S) y del compañero (Rabia C) = 81 respondientes (40,3%); miedo de perder al compañero (Miedo PC) = 75 respondientes (37,3%); tristeza con el compañero (Triste C) = 61 respondientes (30,3%); rabia del rival (Rabia R) = 59 respondientes (29,4%) y miedo de quedarse solo (Miedo QS) = 49 respondientes (24,4%).

Tabla 2: Frecuencias y medias de emociones entre hombres y mujeres.

Emoción	Hombre		Mujer	
	<i>Freq.</i>	<i>Media</i>	<i>Freq.</i>	<i>Media</i>
Miedo PP	32	1,68	43	1,57
Miedo FS	23	1,77	26	1,74
Rabia S	34	1,66	47	1,53
Rabia P	32	1,68	49	1,51
Rabia R	20	1,80	39	1,61
Triste S	35	1,65	53	1,48
Triste P	22	1,78	39	1,61

En cuanto a la existencia o no de diferencia de género en relación a las emociones citadas, los datos no muestran diferencias, especialmente comparándose las medidas¹⁸.

Al observar las frecuencias, se identifica que hombres y mujeres marcaron más tristeza con la situación, seguido de cólera. Sin embargo, mientras los hombres escogieron más frecuentemente cólera de la situación, las mujeres escogían más cólera del compañero. Estos datos son de extrema relevancia, ya que la literatura ha definido frecuentemente los celos como el miedo de la pérdida (Buss, 2000; DeSteno, Bartlett, Braverman & Salovey, 2002; Ferreira Santos, 2003; Harris, 2002; Volling, McElwain & Miller, 2002).

Análisis correlacionales con las emociones muestran algunos datos relevantes que exceden a los objetivos delimitados para esta investigación. Entre estos se destacan las correlaciones estadísticamente significativas (usando el valor de 1,0) entre: tiempo de relacionamiento y cólera de la situación de 0,41; la experiencia de los celos y del miedo de perder al compañero de 0,29; y la experiencia de traición y miedo de perder al compañero de

¹⁸ Medias.

0,22; la experiencia de traición y tristeza con la situación de 0,26 y la experiencia de traición y tristeza con el compañero de 0,23.

Los datos acerca de las emociones evidencian que los participantes de hecho describen otras emociones en situaciones de celos. Así, se puede decir que, como las situaciones de celos son individuales, es más adecuado hablar que otros eventos emocionales pueden estar presentes (como subproductos) en situaciones de celos y no que los celos sean compuestos de estos otros eventos. Tal argumentación se muestra consistente tanto con la definición de los celos sustentada en este artículo, como con datos recolectados por Hyun-Jeong y Hupka (2002).

Sobre los análisis correlacionales destacados anteriormente, llevan a una consideración general, compatible con la proposición según la cual eventos específicos desencadenan emociones diferentes en situaciones de celos (Bringle, 1991; Ramos, 1998; Volling, McElwain & Miller, 2002). Los datos sugieren que a pesar de que las situaciones de celos desencadenen un conjunto de eventos emocionales distintos, algunas variables como tiempo de relacionamiento y experiencia de traición parecen tener relación con el tipo de emoción a que se hará presente. Luego, factores de la propia relación y de la historia de cada individuo son importantes.

Se cuestionó todavía en esta investigación si las respuestas variarían de acuerdo con: formato del instrumento (Formato A y B), edad, nivel de instrucción, nivel socioeconómico, situación afectiva actual, tiempo de relación e histórico de traición. Las correlaciones para todas estas variables serán descritas usando las tablas.

En todas las tablas, dos asteriscos significan correlación significativa con el valor 1,0; un asterisco, correlación significativa con el valor 0,5; ausencia de asterisco, correlación débil y ausencia de valor, correlación estadísticamente no significativa. En algunas tablas, fueron

excluidas algunas sub categorías en función del N ser muy bajo, como por ejemplo, en la 7, novio, cuyo N fue 4.

Tabla 3: Correlaciones con la variable formato del instrumento.

Correlaciones	Formato A	Formato B
C1 Emo/ Q1 Sex	0,31**	0,27*
C1 Emo/ Q2 Emo		0,22*
C1 Emo/ Q2 Sex		0,26**
C1 Sex/ Q2 Emo	0,27**	
C1 Sex/ Q2 Sex	0,27**	
C2 Emo/ Q2 Sex	0,58**	0,63**

La Tabla 3 ilustra las correlaciones encontradas considerando el formato del instrumento.

Los datos muestran que las respuestas de los participantes fueron diferentes considerando el formato del instrumento, una vez que se observan correlaciones ausentes, dependiendo del formato. A esto se añade el hecho de que, independientemente del formato, la elección de aspectos emocionales corresponde a la elección de aspectos sexuales en ambos cuestionarios. La diferencia en las respuestas usando elección forzada y mensuración continua era esperada, dados los resultados de diversas investigaciones (Carvalho, 2006; DeSteno & Salovey, 1996; DeSteno et al., 2002; Harris 2002; Harris & Christenfeld, 1996; Souza, Verderane, Taira & Otta, 2006). Sin embargo, los dos formatos usados en este estudio posibilitaban a los participantes la elección de aspectos emocionales y sexuales. De este modo, lo que las respuestas permiten decir a estos instrumentos es que cuando los individuos pueden escoger los aspectos emocional y sexual, y no uno ni el otro, como en el instrumento de elección forzada, ambos aspectos tienden a ser escogidos.

Luego, los datos ofrecen respaldo a las argumentaciones de DeSteno et al. (2002) respecto del instrumento de elección forzada que puede ser considerado un artefacto de medida y también que la dicotomía entre IE y IS sea falsa para muchos individuos (DeSteno & Salovey, 1996). Entretanto, no está claro el motivo por el cual, aunque teniendo la posibilidad de escoger aspectos emocionales y sexuales en los dos cuestionarios, para aquellos que respondieron el Formato A no fueron evidenciadas correlaciones entre C1 Emo y C2 Emo y C1 Emo y C2 Sex y para los que respondieron el Formato B no se identifican correlaciones entre C1 Sex y C2 Emo y C1 Sex y C2 Sex.

Tabla 4: Correlaciones con la variable edad.

Correlaciones	Adulto	Edad avanzada
C1 Emo/ Q1 Sex	0,40**	0,25*
C1 Emo/ Q2 Emo	0,32**	
C1 Emo/ Q2 Sex	0,22*	0,29**
C1 Sex/ Q2 Emo	0,39*	
C2 Emo/ Q2 Sex	0,65**	0,63**

Para la variable edad, como muestra la Tabla 4, mientras que para los adultos son evidenciadas cinco pares de correlaciones, para los de edad avanzada se evidencian tres.

Estos datos sugieren que, para los de edad avanzada, los aspectos emocionales no poseen la misma relevancia, tratándose del que se valoriza en una relación afectiva y situaciones desencadenadoras de celos, pareciendo ser un aspecto más relevante para la relación. Este dato es compatible con los datos encontrados por Shackelford et al. (2004), en donde las mujeres de más edad fueron menos probables de escoger situaciones de IE. Por otro lado, como para los adultos y los de edad avanzada, aspectos emocionales y sexuales fueron escogidos en los cuestionarios, se puede decir que ellos se diferencian un poco cuando se

trata del que es valorizado en una relación amorosa y también en cuanto a las situaciones que desencadenan celos. Este dato es contrario en parte a la crítica señalada por la literatura, en especial a la de Sabini y Green (2004) que sustentan en lo que se refiere a los eventos que provocan celos, los resultados pueden variar dependiendo de la etapa de la vida y de las estrategias reproductivas de los individuos. Se dice en parte porque se cree que de hecho es posible encontrar diferencias cuando se compara adolescentes o adultos jóvenes con los de edad avanzada, que es lo que más parece que la literatura señala.

En el caso nivel de instrucción, fueron identificadas correlaciones en todos los niveles de instrucción para casi todas las posibilidades de correlaciones, a pesar que no todas hayan sido significativas, como muestra la Tabla 5.

Tabla 5: Correlaciones con la nivel de instrucción.

Correlaciones	Primaria N = 99	Secundaria N = 62	Superior N = 40
C1 Emo/ Q1 Sex	0,36**	0,42**	0,27
C1 Emo/ Q2 Emo	0,22**	0,24	0,33*
C1 Emo/ Q2 Sex	0,30**	0,22	0,23
C1 Sex/ Q2 Emo		0,27*	0,41**
C1 Sex/ Q2 Sex	0,25**	0,24	0,37*
C2 Emo/ Q2 Sex	0,60**	0,66**	0,68**

Los datos encontrados nos llevan a suponer que la variable de nivel de instrucción es importante en la discusión de aspectos emocionales y sexuales en relaciones amorosas y situaciones desencadenadoras de celos, dada las diferencias en las correlaciones, y también que, para los individuos con enseñanza primaria, aspectos emocionales y sexuales son aspectos que se muestran íntimamente relacionados. Esto tal vez se explique por la dificultad

de discriminar las diferencias entre ellos. Aun se añade el dato que evidencia que independiente del nivel de instrucción, la correlación entre C2 Emo y C2 Sex siempre es fuerte.

Tabla 6: Correlaciones con la variable nivel de instrucción.

Correlaciones	A	B	C	D
	N = 29	N = 83	N = 47	N = 32
C1 Emo/ Q1 Sex	0,33	0,35**	0,29**	0,47**
C1 Emo/ Q2 Emo		0,24*	0,30*	0,33
C1 Emo/ Q2 Sex			0,33*	0,52**
C1 Sex/ Q2 Emo	0,57**		0,22	0,30
C1 Sex/ Q2 Sex	0,56**			0,33
C2 Emo/ Q2 Sex	0,76**	0,59**	0,63**	0,67**

En la Tabla 6 se encuentran las correlaciones para la clase socio-económica.

Se observa una alta variación en las respuestas por clase. En la clase A, las correlaciones sólo fueron significativas para C1 Sex y C2 Emo, C1 Sex y C2 Sex y C2 Emo y C2 Sex; en la clase B para C1 Emo y C1 Sex, C1 Emo y C2 Emo y C2 Emo y C2 Sex; en la C para C1 Emo y C1 Sex, C1 Emo y C2 Emo, C1 Emo y C2 Sex y C2 Emo y C2 Sex y, en la D, para C1 Emo y C1 Sex, C1 Emo y C2 Sex y C2 Emo y C2 Sex. Esto parece sugerir que: 1) el aspecto sexual es un factor importante en una relación amorosa para la clase A; 2) el aspecto sexual y el emocional son importantes en una relación amorosa para las clases B, C y D; 3) sobre todo para las clases B y C el aspecto emocional es tan relevante en la relación afectiva como en la situación de celos; 3) para las clases C y D, mientras el aspecto emocional es relevante en la relación afectiva, en situaciones de celos lo sexual prevalece y 5)

independiente de la clase, los aspectos emocionales y sexuales son aspectos que desencadenan celos en los individuos.

Tabla 7: Correlaciones para la variable situación afectiva.

Correlaciones	Solo N = 38	Coquetear N = 12	Enamorar N = 23	Casado N = 101	Viudo N = 22
C1 Emo/ Q1 Sex	0,46**		0,26	0,38**	
C1 Emo/ Q2 Emo	0,29		0,38	0,24*	
C1 Emo/ Q2 Sex	0,33*	-0,39	0,59**	0,19*	0,21
C1 Sex/ Q2 Emo	0,53**	0,30	0,23	0,34**	-0,38
C1 Sex/ Q2 Sex	0,45**	0,31		0,37**	-0,31
C2 Emo/ Q2 Sex	0,64**	0,60*	0,60**	0,65**	0,70**

La Tabla 7 muestra las correlaciones encontradas para la variable situación afectiva.

De forma semejante a las correlaciones con la variable clase socio-económica, aquí también se observa alta variabilidad en las respuestas. Los datos señalan que, para viudos(as) y para aquellos que tienen una relación de menos compromiso (coquetear y enamorar), los aspectos emocionales y sexuales son independientes cuando se trata de lo que se considera importante en una relación afectiva, así como lo que se escoge en un cuestionario poca relación tiene con lo que se escoge en el otro. Además de eso, independiente de la situación afectiva, los aspectos emocionales y sexuales son aspectos que desencadenan celos en los individuos.

Merecen destacarse las correlaciones negativas, aunque débil es, en el caso de viudos para C1 Sex y C2 Emo y C1 Sex y C2 Sex. Quiere decir, para los viudos, cuanto más escogían el aspecto sexual en C1, menos escogían lo emocional y lo sexual en C2. Este dato ratifica en parte la afirmación de la poca influencia de la respuesta al C1 sobre el C2 y

también señala la importancia del aspecto sexual en las relaciones afectivas de los de avanzada edad, diferentemente de lo que se podría esperar considerando que la sociedad aún tiende a desconsiderar este aspecto como relevante en esta fase de la vida.

Tabla 8: Correlaciones con la variable tiempo de relación (referencia en años).

Correlaciones	Menos de 1 N = 14	1-5 N = 49	5-10 N = 16	Más de 10 N = 61
C1 Emo/ Q1 Sex		0,56**	0,63**	
C1 Emo/ Q2 Emo		0,34*	0,40	
C1 Emo/ Q2 Sex	0,46	0,21	0,42	
C1 Sex/ Q2 Emo	0,26	0,30*	0,42	0,38**
C1 Sex/ Q2 Sex		0,25		0,42**
C2 Emo/ Q2 Sex	0,59*	0,57**	0,53**	0,71**

Correlaciones para tiempo de relación son destacadas en la Tabla 8.

La variabilidad en las respuestas también es evidenciada con esta variable. Los datos sugieren: 1) para los individuos con menos de un año de relación, que la elección de un aspecto poco se relaciona con la elección del otro, en los dos cuestionarios; 2) para los individuos con tiempo de relación entre uno y cinco años, los aspectos sexual y emocional son importantes en una relación amorosa e independiente de lo que escojan, aspecto sexual o emocional en C1, ellos escogían el aspecto emocional en C2; 3) para los individuos con tiempo de relación entre cinco y diez años, la elección del aspecto emocional les llevó a escoger lo sexual en los dos cuestionarios; 4) para los individuos con tiempo de relación superior a diez años, la elección del aspecto sexual en C1 estuvo relacionada con la elección de ambos aspectos en C2 y 5) para todos los grupos, los aspectos emocional y sexual son desencadenadores de los celos.

Tabla 9: Correlaciones con la variable experiencia con traición.

Correlaciones	Con	Sin
	N = 109	N = 84
C1 Emo/ Q1 Sex	0,39**	0,34**
C1 Emo/ Q2 Emo	0,38**	
C1 Emo/ Q2 Sex	0,31**	
C1 Sex/ Q2 Emo	0,36**	
C1 Sex/ Q2 Sex	0,30**	
C2 Emo/ Q2 Sex	0,63**	0,69**

Por fin, se verifican en la Tabla 9 las correlaciones para experiencia de traición.

Resultados de estudios realizados por investigadores como Berman y Frazier (2005) y Haris (2002; 2003) ya evidenciaron que personas con historica¹⁹ de traición responden de manera semejante ante la IS y ante la IE. Con base en los datos de esta investigación, se puede suponer que, para individuos con historia de traición, los factores sexuales y emocionales están íntimamente relacionados, no habiendo diferencia entre elección el uno del otro, tanto en relación de lo que se valoriza en la relación afectiva, como en situaciones que provocan celos.

Para concluir, se debe destacar dos correlaciones que fueron consistentes para todas las variables: las correlaciones entre C1 Emo y C1 Sex y C2 Emo y C2 Sex, siendo la última la que casi siempre (a excepción de la variable tiempo de relación, sub categoría entre 5 y 10 años) era evidenciada como la correlación más fuerte entre todas las correlaciones. Estos datos fortalecen y permiten complementar dos afirmaciones hechas al principio de esta sección, a saber: “correlaciones más fuertes entre las elecciones de cuestiones emocionales y

¹⁹ Histórico.

sexuales en ambos cuestionarios, sobre todo en el C2”, sugieren mayor variación o diferencia con relación a los aspectos valorizados en una relación amorosa (sexual y emocional) y menor variación o diferencia en lo que se refiere a los factores que desencadenan celos, y aunque el aspecto que cada individuo considera importante en una relación amorosa sea una variable importante en la elección de eventos que desencadenan celos, otras variables también son importantes.

En resumen, respondiendo al cuestionamiento “Las respuestas de los individuos, ya sean en relación a lo que se valoriza en una compañía amorosa, ya sea en lo que se refiere a eventos desencadenadores de celos, ¿difieren considerando las variables “formato del instrumento”, “edad”, “nivel de instrucción”, “nivel socio-económico”, “situación afectiva actual”, “tiempo de relacionamiento” e “histórico de traición”?” ¡Los datos dicen que sí!

Discusión

Con la finalidad de responder, de manera más clara y objetiva, si los objetivos de la investigación fueron alcanzados y aún señalan problemas identificados y ajustes necesarios en investigaciones futuras, esta sección será desarrollada considerando estos tres puntos, de forma interconectada.

Se cree que todos los objetivos propuestos para la investigación fueron alcanzados a medida en que:

1) Los datos sugieren correspondencia entre aspectos considerados importantes en una relación amorosa y situaciones de celos. Asimismo se puede decir, partiendo de la definición puesta a prueba, que en situaciones de celos la competición por reforzadores en la relación es una característica definidora. Por otro lado, es necesario señalar que los instrumentos elaborados fueron específicos para relaciones amorosas, aunque la definición se proponga incluir a todos los tipos de celos, y aún esta investigación no se propuso probar la definición

de manera completa, especialmente con respecto a la existencia de un componente elicitado y un componente operante en un episodio de celos.

2) De hecho que los individuos describen otros eventos emocionales en situaciones de celos y entre los más frecuentes fueron encontrados: tristeza con la situación y la cólera de la situación y del compañero.

3) Se verificó que los hombres y mujeres difieren poco como en los aspectos que se valorizan en una relación de compromiso y, sobre todo, como en las situaciones que desencadenan celos. Ese dato es consistente en todos los análisis estadísticos hechos, llegando a explicar de manera alternativa los resultados del grupo de evolucionistas acerca de los celos de hombres y mujeres a ser desencadenados por eventos sexuales y emocionales, respectivamente.

4) Fue identificado que las respuestas de los participantes difirieron de acuerdo con las variables formato del instrumento, edad, nivel de instrucción, nivel socio-económico, tiempo de relación, situación afectiva actual e histórico de traición. Cabe recordar que aunque algunas de estas sean señaladas por la literatura como relevantes en estudios sobre diferencia de género, en ningún estudio a lo cual se tuvo acceso, fueron incluidas todas estas variables.

A pesar que se mostraron promisoros los resultados de esta investigación, cuatro aspectos metodológicos merecen comentarios. El primero se refiere a los instrumentos utilizados. Fue observado durante la aplicación que el ítem orientación sexual debería haber sido incluido, pues a pesar que las cuestiones hayan sido direccionadas para relaciones heterosexuales, como no fue especificado, algunos homosexuales pueden haber respondido los instrumentos.

Otro problema con el instrumento fue la generalidad de los comandos de las dos cuestiones principales. En función a eso, al responder cada uno de los ítems, en los dos cuestionarios, las personas pueden haber usado como parámetro relaciones diferentes. El tercer problema consistió en la elaboración de algunas preguntas de los cuestionarios que no

fueron de fácil comprensión para todos los participantes, en especial para los de primaria y/o para los de edad avanzada.

Por fin, un número considerable de participantes presentó verbalizaciones como: “¡Aún hay más!”, “¡Todo eso!”, sugiriendo que responder a los dos cuestionarios era una tarea demorada. Todas estas necesidades señalan la necesidad del perfeccionamiento de los instrumentos.

El otro aspecto metodológico se refiere a la forma de aplicación de los instrumentos. Como la colecta fue realizada en locales, muchas veces, con ruido y con interrupciones de terceros, tales variables pueden haber, de alguna manera, interferido en las respuestas de los participantes. De este modo, aunque sea necesario disminuir el número de cuestionarios aplicados, minimizar los efectos de variables como las citadas se muestra un cuidado importante.

Así, se propone que la aplicación ocurra en una sala de estudios. Otra modificación: durante la aplicación de los cuestionarios se puede incluir una cuestión antecediendo a la marcación de cada afirmación: “Escriba lo que pensó antes de responder a esta afirmación”. Esto porque algunos participantes verbalizan frases como “¡Ah! Pero eso mi esposa nunca lo hizo”, “Si ella habla de relaciones pasadas es porque hay alguna cosa”, “Eso nunca hubo en mi relación”.

Considerando que los datos de esta investigación fueron recaudados a través de auto-relatos y también las situaciones de celos eran situaciones en las cuales los participantes deberían imaginar, en caso pasaran por ellas, se debe tener cuidado con las generalizaciones, una vez que la autenticidad de las respuestas siempre puede ser cuestionable.

Ante lo expuesto, estudios que vengan a esclarecer los datos de este estudio serán útiles para llegar a conclusiones más precisas respecto de las cuestiones aquí levantadas. De cualquier modo, se cree que este estudio ya se constituyó en un avance en el área de la

investigación sobre los celos, en la medida en que examinó una definición parsimoniosa del fenómeno, trajo una nueva manera de abordar la diferencia entre los sexos y todavía utilizó instrumentos perfeccionados con base en las críticas y problemas identificados en la literatura.

Finalmente, se espera que la investigación pueda contribuir para que estudios empíricos sobre los celos, en el Brasil, se puedan tornar más frecuentes, ampliando la comprensión del fenómeno más allá de las observaciones clínicas y del censo común.

Referencias

- Berman, M. I. & Frazier, P. A. (2005). Relationship power and betrayal experience as predictors of reactions to infidelity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31 (12), 1617-1627.
- Bringle, R. G. (1991). Psychosocial aspects of jealousy: A transactional model. En: P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 103-131). London: The Guilford Press.
- Bryson, J. F. (1991). Modes of response to jealousy-evoking situations. En: P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 178-210). London: The Guilford Press.
- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo* (M. Campello, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva. (Trabajo original publicado en 2000).
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology and psychology. *Psychological Science*, 3, 251-55.
- Carvalho, L. (2006). *O papel das crenças no ciúme*. Trabajo presentado en el XV Encuentro de Psicoterapia y Medicina Conductual (Brasília, Distrito Federal).
- Costa, N. & Barros, R. S. (en prensa). Celos: Un ejercicio de interpretación desde la perspectiva del análisis de la conducta. *Revista Diversitas*: DeSteno, D. A. & Salovey, P.

- (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the “fitness” of the model. *Psychological Science*, 7 (6), 367-372.
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (5), 1103-1116.
- Donahoe, J. W. & Palmer, D. C. (1994). *Learning and complex behavior*. Massachusetts: Allyn and Bacon.
- Ferreira-Santos, E. (2003). *Ciúme: O medo da perda*. São Paulo: Claridade.
- Grice, J. W. & Seely, E. (2000). The evolution of sex differences in jealousy: Failure to replicate previous results. *Journal of Research in Personality*, 34 (3), 348-356.
- Harris, C. R. (2000). Psychophysiological responses to imagined infidelity: The specific innate modular view of jealousy reconsidered. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (6), 1082-1091.
- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13 (11), 7-12.
- Harris, C. R. (2003). Factors associated with jealousy over real and imagined infidelity: An examination of the social-cognitive and evolutionary psychology perspectives. *Psychology of Women Quarterly*, 27, 319-329.
- Harris, C. R. & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7 (6), 364-366.
- Hyun-Jeong, J. K. & Hupka, R. B. (2002). Comparison of associative meaning of the concepts of anger, envy, fear, romantic jealousy, and sadness between English and Korean. *Cross-Cultural Research*, 36 (3), 229-255.
- Ramos, A. L. M. R. (1998). *Ciúme romântico: Teoria, medida e variáveis correlacionadas*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.

- Sabini, J. & Green, M. C. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: Constants and differences across genders, samples, and methods. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30 (11):1375-1388.
- Shackelford, T. K., Voracek, M., Schmitt, D. P., Buss, D. M., Weekes-Shackelford, V. A. & Michalsk, R. L. (2004). Romantic jealousy and early adulthood and in later life. *Human Nature*, 15 (3), 59-76.
- Sheets, V. L., Fredendall, L. L., & Claypool, H. M. (1997). Jealousy evocation, partner, reassurance, and relationship stability: An exploration of the potential benefits of jealousy. *Evolution and Human Behavior*, 18 (6), 387-402.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. The Free Press: New York (Trabajo original publicado en 1953).
- Souza, A. A. L., Verderane, M. P., J. T. Taira & Otta, E. (2006). Emotional and sexual jealousy as function of sex and sexual orientation in a Brazilian sample. *Psychological Reports*, 98, 529-535.
- Teixeira Jr., R. R. & Souza, M. A. O. (2006). *Vocabulário de análise do comportamento: Um manual de consulta para termos usados na área*. Santo André: ESETEC.
- Volling, B. L., McElwain, N. L. & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Social Development*, 73 (2), 581-600.

Comentários sobre o Debate acerca da Diferença de Gênero

Os trabalhos conduzidos pelos grupos de pesquisa de evolucionistas e cognitivistas têm sido importantes no contexto do estudo sobre o ciúme, na medida em que têm trazido dados empíricos relevantes que podem levar a uma melhor compreensão de aspectos relacionados ao fenômeno. Entretanto, são evidentes os problemas metodológicos dos estudos em ambos os grupos, o que pode explicar, pelo menos em parte, a inconsistência nos dados, mostrando a necessidade de mais pesquisas e aprimoramento do método, como apontam Sabini e Green (2004) e Harris (2002; 2003b). Além disso, como os dois grupos têm centralizado seus estudos na discussão da diferença de gênero, não se identifica preocupação em definir ou caracterizar o próprio ciúme.

O ponto central a ser observado neste debate consiste no fato de evolucionistas e cognitivistas explicarem a diferença de gênero partindo de níveis de análise distintos. Enquanto os primeiros buscam compreender a diferença entre homens e mulheres com base na história evolutiva do ciúme, os segundos explicam estas diferenças a partir das possíveis causas proximais e história ontogenética (cf. Cosmides & Tooby, 1997; cf. Izar, 2007).

Da perspectiva da PE, é possível que o debate em torno da diferença de gênero pareça sem sentido, na medida em que a PE representada por Barkow, Cosmides, Tooby aceita diferentes níveis de explicações que se mostrarem compatíveis e complementares (cf. Cosmides & Tooby, 1997). Como afirmaram Cosmides e Tooby, “Explicação em um nível (por exemplo função adaptativa) não obstrui ou invalida explicações em outro nível (por exemplo, neural, cognitivo, social, cultural, econômico)”. Deste modo, hipóteses evolucionistas e cognitivistas sobre a diferença de gênero podem ser integradas, como propôs Sagarin (2005). Afinal, “a PE incorpora as noções mais recentes das ciências cognitivas” (Izar, 2007).

Por outro lado, defender a posição de integração entre as proposições cognitivistas e evolucionistas pode não ser tão simples, uma vez que a TSC se posiciona contrariamente à argumentação segundo a qual padrões sociais atuais possam ser compreendidos partindo da história evolutiva (Bandura, 2001; Bussey & Bandura, 1999). Como é o caso da diferenciação de gênero e da diferenciação de gênero ligada ao ciúme.

Isto significa que o debate entre evolucionistas e cognitivistas carece ser melhor analisado, em especial, no âmbito dos dois grupos e pesquisas ainda precisam ser desenvolvidas a fim de esclarecer aspectos controversos.

No entanto, mesmo havendo diferença de nível de análise, os dados obtidos por Costa e Barros (2008b) permitem considerar promissora a possibilidade de estudar a escolha da IS e da IE como um comportamento determinado pela função ou papel que os diferentes componentes (sexual e emocional/afetivo) da relação possuem para cada pessoa, independentemente de ser homem ou mulher. Isto implica em discutir a diferença de gênero encontrada pelos evolucionistas estendendo as implicações de suas afirmações (que consideram a evolução da espécie) para a compreensão do comportamento individual.

Em outras palavras, a ontogênese pode selecionar comportamentos de maior valorização do sexo, de maior valorização de envolvimento emocional e ainda de valorização de ambos os aspectos igualmente. Valorizar implica em o indivíduo apresentar comportamentos públicos e privados em direção à(s) situação(ões) valorizada(s). Estes comportamentos então podem incluir escolher IE e/ou IS como mais perturbadores/ameaçadores.

III. UMA POSSIBILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DO CIÚME SEGUNDO O REFERENCIAL ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Análises de ciúme respaldadas na Análise do Comportamento já foram feitas por Banaco (2005), Bandeira (2005), Costa (2005), Menezes e Castro (2001)²⁰ e pelo próprio Skinner (1948/1976; 1969/1984). Cada uma destas análises será apresentada antes que se proponha a formulação elaborada nesta tese, seguindo-se o critério da referência mais antiga para a mais recente.

Análises Anteriores de Ciúme

Em “Walden Two”, Skinner (1948/1976) sugere que o ciúme pode ser entendido como uma forma secundária de raiva e que ele se faz necessário em sociedades competitivas. Contrariamente, em uma sociedade cooperativa o ciúme não existiria. Ao abordar o ciúme desta maneira, Skinner 1) parece concordar com a proposição segundo a qual existe um conjunto de emoções básicas ou primárias (Layng, 2006; Millenson, 1967/1975) e o ciúme seria uma emoção secundária; 2) aponta para a possibilidade de o ciúme ser compreendido como raiva; 3) ressalta o papel fundamental de fatores sociais para explicar a presença ou ausência do ciúme e 4) coloca a competição como um elemento chave à existência e compreensão do ciúme.

Classificar o ciúme apenas como uma emoção, como Skinner fez nesta obra, o coloca ao lado de todos os autores, destacados no Capítulo I, que possuem concepções internalistas/mentalistas acerca do fenômeno. A respeito de o ciúme poder ser considerado como raiva, esta também é uma interpretação que se mostra em acordo com interpretações de autores os quais não possuem recorte externalista como Gikovate (1998), Roth (n. d.) e

²⁰ Leite (2000) intitula a análise que faz do ciúme como comportamental. Entretanto, optou-se por não descrever a análise da autora considerando que a mesma não utiliza qualquer conceito deste referencial.

Ramos (1998). Para Gikovate o ciúme pode ser “entendido como uma sensação de raiva daquele que quer se aproximar e se apropriar de atenções que achamos que nos pertencem” (p. 122), para Roth sem dicas contextuais claras, o ciúme tende a ser interpretado como raiva e, para Ramos, raiva fora de um contexto de ameaça para um rival é apenas raiva e não ciúme. Isto significa dizer que o ciúme poderia ser concebido como um rótulo, criado pela cultura, para se referir a uma ou mais emoções que ocorrem em um dado contexto (cf. Dittrichi, 2008)²¹.

Na obra “Contingências de Reforço”, Skinner (1969/1984) analisa o ciúme partindo do exemplo de Otelo, personagem de Shakespeare. Skinner afirma que o comportamento ciumento emitido por Otelo, de matar a esposa sufocada, é constituído tanto de respostas emocionais públicas quanto privadas ou encobertas²², chamando atenção para o fato destas respostas (públicas e privadas) não possuírem relação de causalidade entre si.

Nesta obra, Skinner (1969/1984) sugere que a emissão de uma resposta emocional operante (sufocar) pode ocorrer conjuntamente a outras respostas emocionais (por exemplo, raiva da esposa “infel”). Uma consequência provável da resposta de sufocar a esposa é que ela pode eliminar a própria fonte de reforçadores pela qual o indivíduo ciumento estava competindo.

Embora ao longo do capítulo Skinner (1969/1984) também use o termo sentimento para referir-se às emoções, identifica-se que ele as denomina especificamente de respostas. Em síntese, o ciúme é concebido por Skinner como um comportamento composto de diferentes respostas emocionais. Compreensão que pouco contribui para diferenciar o ciúme de outros fenômenos.

²¹ A questão da nomeação (rótulo) será retomada posteriormente.

²² Recentemente Tourinho (2009) se posicionou contrariamente à dicotomia público-privado considerando não ser apropriada para referir-se tanto aos comportamentos quanto aos estímulos. No primeiro caso por se tratar de relações e no segundo por serem concebidos como “eventos que variam ao longo de um continuum de observabilidade” (p. 126).

Passando para análises contemporâneas feitas por autores brasileiros, Menezes e Castro (2001) definem o ciúme

... como um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de consequências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma manifestação de ciúme (p. 20).

Na concepção das autoras, o ciúme seria um comportamento (privado), logo, como todo comportamento, explicado pelo modelo de seleção por consequências. No nível filogenético, ele pode ter sido selecionado em função de vantagens evolutivas para espécie humana e outras espécies, como de primatas e aves. No nível ontogenético, reforçamento positivo e negativo, generalização, imitação e punição de outros comportamentos seriam processos envolvidos na instalação e/ou manutenção do ciúme (Menezes & Castro, 2001).

Embora Menezes e Castro (2001) tenham definido o ciúme como um sentimento que tende a ocorrer diante da possibilidade de perda, destacaram que o controle do mesmo pode estar no contexto social que espera ciúme nas relações amorosas. Neste caso, ao emitir comportamentos ciumentos, o indivíduo se esquia de possíveis punições do grupo social, incluindo punições do(a) próprio(a) parceiro(a).

No nível cultural, Menezes e Castro (2001) ressaltam os valores vigentes em sociedades capitalistas, como exclusividade e competição, que contribuem para a ocorrência de comportamentos ciumentos. As autoras citam inclusive o Código Penal Brasileiro, Artigo 121, Parágrafo Primeiro, que legitima o ciúme como atenuante em situações de crime:

§1.º Se o agente comete o crime impellido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço.

A análise das autoras mostra compatibilidade com a proposição de Skinner (1948/1976) a respeito de o funcionamento social constituir-se em elemento fundamental para a compreensão do ciúme e a competição consistir em um componente relevante em sociedades nas quais se observa o fenômeno.

A análise feita por Banaco (2005) parte dos significados de ciúme encontrados no Novo Aurélio, a saber:

1. Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza da sua infidelidade fazem nascer em alguém; zelos; 2. Emulação, competição, rivalidade; 3. Despeito invejoso, inveja; 4. Receio de perder alguma coisa, cuidado, zelo (Ferreira, 1999, p. 482).

Na visão do autor, o ciúme parece envolver mais especificamente posse, infidelidade, competição e perda. Ao fazer referência à posse, Banaco (2005) destaca que no ciúme existe uma ameaça da posse de algo ou alguém que já se tem e que o risco de perda existe em função da falta de habilidade do indivíduo ciumento, da habilidade maior do concorrente (rival), da falta de controle sobre a posse nas afeições e/ou da infidelidade.

Em sua análise, Banaco (2005) sugere que o ciúme seria uma emoção social (provavelmente em contraposição às emoções básicas ligadas especificamente à filogênese) como o amor, por envolver contingências sociais.

De forma semelhante a Menezes e Castro (2001), Banaco (2005) desenvolve a análise do ciúme partindo do modelo de seleção por consequências. Para ele, a filogênese pode ter selecionado comportamentos ciumentos em função de estes terem sido úteis, na defesa de território, tanto para o próprio indivíduo quanto para sua prole. Aqui o autor também inclui a competição em sua análise, como fizeram Skinner (1948/1976) e Menezes e Castro (2001), porém ao tratarem da ontogênese e da cultura.

Sobre o controle ontogenético, Banaco (2005) afirma que indivíduos com histórias de “reforçamento mais intenso, freqüente e bem sinalizado tenderão a ser menos prováveis de apresentarem tais sentimentos” (ciúme e inveja). Em relação ao controle social, destaca que em situações onde há evidências de infidelidade e/ou competição, o grupo social pressiona para que o indivíduo defenda o que lhe pertence. Novamente a competição aparece como um aspecto relevante.

Em conformidade com algumas definições e caracterizações destacadas no Capítulo I, Banaco (2005) considera a posse como um elemento importante em situações de ciúme. Como já discutido anteriormente, a restrição do fenômeno ciúme a situações de posse talvez remeta à necessidade de existência de uma relação formal, o que se configura como uma limitação. Uma maneira de não restringir o ciúme às relações formalmente constituídas é considerar que, para haver ciúme, basta que um seja uma fonte de reforçadores significativos para o outro. Alguém que não “possua” uma relação formal com outra pessoa (ou com algo material, cargo etc.) pode legitimamente sentir ciúme em situações por competição por acesso a essa pessoa, objeto ou cargo considerando que todos podem constituir-se em fonte de reforçadores. Adicionalmente, ao relacionar o ciúme à infidelidade, Banaco (2005) parece restringir sua análise ao ciúme romântico.

Costa (2005) apresenta sua proposição inicial sobre o ciúme partindo da análise de Menezes e Castro (2001). Deste modo, a autora concorda com as seguintes argumentações: 1) o ciúme poderia ser compreendido como um sentimento (ou comportamento privado); 2) como um comportamento, deve-se recorrer ao modelo de seleção por consequências a fim de explicá-lo e 3) processos de reforçamento, generalização, imitação e punição podem explicar a instalação e/ou a manutenção de comportamentos ciumentosos. Costa, no entanto, chama atenção para três aspectos: o ciúme seria produto de condicionamento respondente e operante; o ciúme (evento comportamental privado) pode controlar operantes públicos

(interrogar, seguir a[O] parceira[o], ou comportamento agressivo, por exemplo) e o ciúme pode ser controlado por regras sociais.

A formulação de Costa (2005), apesar de explicitar pontos importantes para a compreensão do ciúme (especificamente os apontados anteriormente), também apresenta limitação. A análise da autora parece sugerir que o fenômeno ciúme envolve necessariamente o controle do sentimento (evento comportamental privado) sobre operantes públicos. Dito de outro modo, só é possível falar em ciúme quando um evento privado exerce controle sobre operantes públicos. Entretanto, mesmo que se possa inferir a ocorrência e o controle de um sentimento quando um indivíduo apresenta operantes públicos característicos de ciúme, também é possível argumentar que mesmo diante do sentimento, o indivíduo pode não apresentar qualquer operante público correlato de ciúme (cf. Darwin, 1965).

Além disso, existe uma terceira possibilidade:

... uma pessoa que se diz triste, alegre [com ciúme] ou irritada pode estar sob controle tão somente (ou predominantemente) da situação pela qual passa ou passou, sem que haja estados corporais especialmente conspícuos acompanhando a situação.... A pessoa que afirmar estar “se sentindo triste” pode estar “sentindo” apenas uma “situação triste” sem sentir o *estado corporal* de “tristeza” (Dittrich, 2008, p. 31).

A Figura 3 ilustra a proposição de Costa (2005). A linha pontilhada indica que ambos os eventos mantêm relações funcionais com eventos ambientais e por isso podem co-vari.

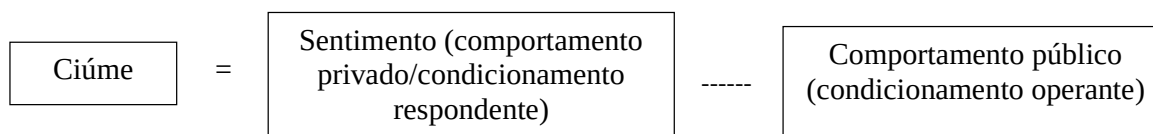


Figura 3. Esquema representativo da análise de ciúme proposta por Costa (2005).

Por último, Bandeira (2005) não oferece nenhuma contribuição teórica diferente das apresentadas por Costa (2005) e Menezes e Castro (2001). Por outro lado, por se tratar do único estudo empírico que possui como fundamentação a Análise do Comportamento

encontrado durante a elaboração desta tese, seu trabalho merecerá destaque neste capítulo. Os dados obtidos pela autora dão algum suporte às proposições feitas pelos analistas do comportamento a respeito de o ciúme poder ser interpretado como um operante.

Do estudo de Bandeira (2005), participaram quatro mães, quatro professoras de creche e quatro crianças de dois a três anos de idade. Os objetivos da pesquisa foram identificar comportamentos ciumentos²³ (neste caso, por questões pragmáticas de registro, restringiu-se a comportamentos ciumentos operantes públicos), bem como os eventos antecedentes e consequentes a tais comportamentos. O procedimento envolveu entrevistas com as professoras e as mães responsáveis por crianças consideradas ciumentas, assim como sessões de observações dos comportamentos das crianças na própria creche. Os comportamentos foram observados durante três sessões de observação de 30 minutos, com cada criança separadamente.

Os resultados das entrevistas com mães e professoras evidenciaram, dentre outros, que as participantes consideraram o ciúme como um sentimento presente em todo ser humano, que está relacionado ao amor ou ter carinho por alguém e envolve não desejar compartilhar a pessoa pela qual se tem afeto ou desejar ter atenção para si. Todas as participantes relataram que observaram padrões de ciúme a partir dos dois anos de idade das crianças e ainda que a ocorrência de tais padrões era diária. Em relação ao alvo do ciúme, a própria mãe foi citada como mais frequente (interação da mãe com o pai, da mãe com outras crianças), segundo as mães e, de acordo com as professoras, as crianças teriam como alvo situações entre as professoras e as crianças menores, seus pertences e brinquedos em geral. Em relação às consequências dos comportamentos ciumentos, tanto mães quanto professoras informaram que, na maior parte das vezes, a criança obtinha atenção (Bandeira, 2005).

²³ A autora usa o termo comportamentos, no entanto seria mais apropriado usar respostas.

Durante as sessões de observação com as crianças, identificou-se que a criança 1 (C1) apresentou 12 comportamentos ciumentos (aproximar-se do objeto do ciúme e gritar, por exemplo), sendo que, na maioria das situações, o objeto do ciúme foi a professora e a consequência “atenção” foi produzida para quase todas as emissões do comportamento ciumento (10 vezes). A criança 2 (C2) apresentou um total de seis comportamentos ciumentos (exemplo, olhar em direção ao objeto do ciúme e ao rival), tendo sido direcionados, em sua maioria, a uma amiga. Durante as observações não foi identificada nenhuma consequência reforçadora contingente a tais comportamentos. A criança 3 (C3) apresentou oito comportamentos ciumentos (puxar o objeto do ciúme foi um exemplo), todos voltados a objetos (carro de brinquedo, sandálias), tendo cinco ocorrências sido seguidas de atenção. A criança 4 (C4) apresentou 10 comportamentos ciumentos (por exemplo, chamar o objeto do ciúme para próximo de si), em sua maioria, dirigidos à mãe, que era professora na creche, e sete destes foram seguidos de atenção. Embora outras consequências reforçadoras tenham sido observadas ao longo das sessões, a atenção foi a mais frequente. Para a criança que apresentou uma frequência menor de comportamentos ciumentos, C2, como não foi observada nenhuma consequência reforçadora fornecida por parte da pessoa com a qual a criança interagia, é possível que o comportamento pudesse estar em processo de extinção (Bandeira, 2005). Os dados sugerem, em síntese, que respostas ciumentas aumentam ou diminuem de frequência se a consequência é reforçadora ou não, respectivamente, como qualquer operante, corroborando a argumentação inicial de Menezes e Castro (2001) e Costa (2005) segundo a qual o ciúme é sensível as suas consequências. Essa suposição pode ser confirmada se estudos incluindo manipulações experimentais específicas nesse sentido forem conduzidos.

Dentre os aspectos importantes do trabalho de Bandeira (2005), observa-se que os dados obtidos, embora com uma amostra bem reduzida, estão de acordo com alguns aspectos

levantados pela literatura descrita no Capítulo I no que diz respeito ao ciúme ter sido considerado pelas participantes adultas como um sentimento inerente ao ser humano e envolver posse, exclusividade e amor. Além disso, os dados mostraram que o evento antecedente as respostas ciumentas consistiu na diminuição ou deslocamento do evento reforçador “atenção”.

Um aspecto que é peculiar do trabalho de Bandeira (2005) refere-se ao fato de evidenciar que respostas ciumentas na infância são reforçadas pelos adultos, na medida em que tendem a iniciar uma interação com as crianças contingentemente a estas respostas. Cabe deixar claro que qualquer tipo de interação pode vir a fortalecer respostas como estas (o que inclui repreender a criança na situação, por exemplo). Isto leva à argumentação segundo a qual, entre adultos, respostas ciumentas também sejam reforçadas pelo próprio parceiro romântico e/ou por parte de outros quando passam a interagir com o sujeito que apresenta respostas ciumentas.

Com base nas análises de ciúme elaboradas por analistas do comportamento e na literatura mais ampla sobre o mesmo, foi que se pretendeu formular uma análise mais aprimorada acerca do fenômeno.

Proposta de Aprimoramento das Análises de Ciúme

Nesta tese, propõe-se que o que aprendemos a denominar ciúme poderia ser chamado de comportamento emocional ciumento. Esta denominação está pautada nas proposições de Banaco (2005), Catania (1998/1999), Layng (2006), Millenson (1967/1975), Pierce e Epling (1999) e Skinner (1953/1965) quando utilizam a expressão “comportamento emocional”.

De acordo com Banaco (2005), comportamento emocional refere-se a relações funcionais entre estímulos e respostas tanto quanto os demais comportamentos dos organismos. Para Catania (1998/1999), a expressão diz respeito a “mudanças correlacionadas

em uma gama de classes de respostas” (p. 390) tanto eliciadas quanto operantes. Segundo Layng (2006), o comportamento emocional diz respeito a um operante público que é mantido diretamente pelas consequências. Millenson (1967/1975) sugere que o comportamento emocional envolve comportamentos públicos acompanhados de mudanças glandulares e viscerais, cujo elemento principal consiste na “ruptura, distúrbio, intensificação ou mudança geral” (p. 411) em diversos padrões de comportamentos os quais o indivíduo está emitindo na situação (por exemplo, um indivíduo “zangado” tende a parar o que estava fazendo e emitir operantes tais como acusações verbais e danos a objetos). Já Pierce e Epling (1999) e Skinner (1953/1965) utilizam a expressão comportamento emocional ao tratar de operantes²⁴ que ocorrem durante o processo de extinção. Skinner cita o comportamento do pombo de movimentar-se em volta da chave e Pierce e Epling citam o bater e o xingar, em uma situação que produziu raiva em um indivíduo, como exemplos de comportamentos emocionais.

Com base nas proposições apresentadas, pode-se dizer que enquanto Banaco (2005), Catania (1998/1999) e Millenson (1967/1975) parecem usar a expressão comportamento emocional para se referirem a mudanças eliciadas e operantes, Layng (2006), Pierce e Epling (1999) e Skinner (1953/1965) sugerem que a expressão está ligada mais estritamente a mudanças operantes.

Embora cada uma das proposições apresentadas possua particularidades, acredita-se que seja possível articulá-las, propondo, então, a denominação comportamento emocional. Com esta denominação, pretende-se chamar atenção para o fato de que o fenômeno refere-se a um conjunto complexo de comportamentos interligados, alguns deles eliciados (entre eles públicos e/ou privados) e outros operantes (públicos e/ou privados). Esses componentes operantes e os componentes eliciados, embora indissociáveis (Catania,

²⁴ Skinner inclui também as respostas eliciadas de arrulhar e bater as asas em pombos.

1998/1999; Donahoe & Palmer, 1994), não mantêm entre si relações causais, mas sim são ambos, por definição, relações funcionais entre eventos ambientais e respostas do organismo.

Supõe-se ainda que o evento antecedente que compõe a interação caracterizada como comportamento emocional ciumento consiste na competição, com um rival, por reforçadores. O componente operante deste comportamento, em geral, é reforçado negativamente pela remoção do rival ou atenuação da situação de competição, embora também possa ser reforçado positivamente com atenção social. O operante frequentemente interfere na situação de competição e pode interrompê-la, sendo, portanto reforçado²⁵. As contingências envolvidas em uma situação de ciúme, com efetividade ou não do operante, teriam seus subprodutos emocionais como raiva e tristeza (geradas pela não efetividade do comportamento emocional ciumento, ou seja, fuga e esquiva ineficientes), satisfação e prazer (geradas pela atenção social, no caso, reforço positivo) e mesmo alívio (gerado pela efetividade do comportamento emocional ciumento, isto é, fuga e esquiva eficientes). Alguns destes subprodutos (raiva, medo e tristeza) são citados como componentes do ciúme por diversos autores que representam teorias internalistas/mentalistas, como visto no Capítulo I (por exemplo, Buss, 2000/2000; De Silva, 1997; Ferreira-Santos, 2003; Gikovate, 1998; Harris, 2003b; 2005).

Sobre a atenção (no sentido de voltar-se para, ou interagir com, o sujeito que apresenta respostas ciumentas) consistir em uma consequência produzida pelo comportamento emocional ciumento, tanto os dados de Bandeira (2005), quanto os de Sheets, Fredendall e Claypool (1997) demonstram esta possibilidade. Em um estudo sobre indução de ciúme romântico, Sheets, Fredendall e Claypool encontraram que 73% dos participantes já haviam provocado ciúme e 87% relataram que o fizeram para aumentar a atenção dos parceiros.

²⁵ Nem todo componente operante do comportamento emocional ciumento é efetivo em afastar o rival, podendo, em alguns casos, aproximar mais o parceiro do rival ou mesmo afastar o parceiro em função da aversividade do componente operante.

A Figura 4 pretende representar o que está sendo proposto nesta tese.

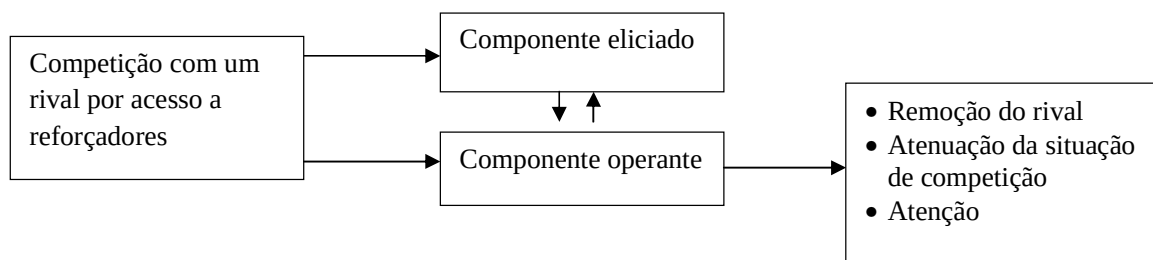


Figura 4. Representação esquemática da compreensão de comportamento emocional ciumento segundo uma abordagem analítico-comportamental.

Nesta perspectiva, os elementos presentes em uma situação que envolve ciúme são o sujeito (aquele que apresenta o comportamento emocional ciumento), o objeto (alvo do comportamento emocional ciumento) e o rival (aquele ou aquilo que se aproxima do objeto e passa a competir com o sujeito por reforçadores provindos da relação sujeito-objeto).

A interpretação aqui proposta se mostra parcialmente compatível com as análises de Skinner sobre “emoção”²⁶ e de fenômenos emocionais elaboradas por Banaco, Zamignani e Kovac (1997), Tourinho (2006) e Darwich (2007), como será demonstrado a seguir.

A análise sugerida nesta tese se aproxima da skinneriana, uma vez que Skinner trata a “emoção” como eventos comportamentais dos quais participam processos eliciados e operantes (1953/1965; 1969/1984; 1989/1991). Por outro, ela também se diferencia na medida em que Skinner (1953/1965; 1969/1984) usa os termos “emoção”, comportamento emocional, resposta emocional, reação emocional e sentimento de forma intercambiável.

Banaco, Zamignani e Kovac (1997), propõem, a partir da análise de uma situação clínica, o modelo a seguir:

²⁶ A palavra emoção, a partir deste ponto, aparecerá sempre entre aspas, uma vez que está sendo proposto passar a denominá-la de comportamento emocional.

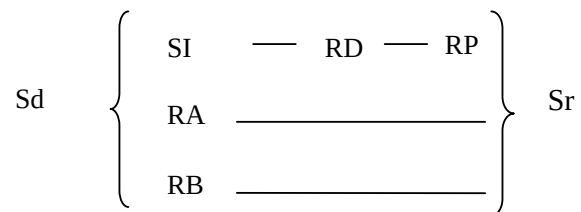


Figura 5. Representação esquemática extraída de Banaco, Zamignani e Kovac (1997).

Para os autores, SI refere-se aos sentimentos; RD à discriminação da “emoção”; RP ao pensamento; RA à resposta aberta e RB a alternativas para mudar a situação. Nesta análise, apenas SI, RA e RB seriam respostas colaterais.

Articulando-se esta proposta – embora mais ampla por decompor o componente eliciado e mostrar como as alterações no organismo inerentes a esse componente podem controlar outros comportamentos – com a que está sendo sugerida nesta tese, pode-se dizer que: o SD corresponde à situação de competição; o SI consiste no componente eliciado e a RA e a RB equivalem ao componente operante do comportamento emocional ciumento (respostas que interferem/alteram o ambiente e que são afetadas por essas mudanças).

Banaco, Zamignani e Kovac (1997) acrescentam que o componente eliciado é percebido pelo organismo e então incluem uma resposta perceptual (RD) que tem propriedades de estímulo e que pode controlar outras respostas operantes como pensar (RP). No caso do comportamento emocional ciumento, outros operantes públicos como falar sobre o próprio comportamento, ir para a cama, ouvir música etc, também podem ocorrer.

A análise de Tourinho (2006) sobre fenômenos emocionais pretende ser complementar à de Skinner. Tourinho incorpora ideias tanto de Donahoe e Palmer a respeito do continuum de observabilidade das respostas, quanto de Kantor – representante do Interbehaviorismo – acerca de eventos denominados de privados poderem ser considerados como eventos sutis²⁷.

²⁷ Para aprofundamento sobre estas proposições, ver Donahoe e Palmer (1994) e Hayes (1994), respectivamente.

Para Tourinho (2006), “emoções podem ser mais ou menos limitadas a processos seletivos filogenéticos, mais ou menos um produto de processos ontogenético adicional e seleção cultural”²⁸ (p. 26). Assim, para o autor, conceitos emocionais referem-se a fenômenos que envolvem níveis diferenciados de complexidade: filogênese, ontogênese e cultura. Logo, contingências respondentes e operantes são identificadas quando se trata de fenômenos emocionais, assim como propôs Skinner (1953/1965; 1969/1984; 1989/1991).

A argumentação de Tourinho (2006) mostra-se coerente com a de Donahoe e Palmer (1994) quando propuseram que relações eliciadas e operantes devam ser entendidas como relações que variam ao longo de um continuum. Enquanto respondentes são eliciados fortemente por estímulos específicos (diante de um dado estímulo a resposta ocorrerá), os estímulos antecedentes que controlam operantes são mais fracos ou mesmo inespecíficos (diante do estímulo a resposta pode ou não ocorrer e nem sempre se identifica claramente que dimensões do estímulo controlaram o responder). Tal argumentação tem se apoiado em achados neurais que vêm mostrando que, quando se trata de respondente, as conexões sinápticas são relativamente fortes e no operante, relativamente fracas (Donahoe & Palmer, 1994).

Ao desenvolver sua análise, Tourinho (2006) usa o medo como um exemplo para ilustrá-la, argumentando que esta forma de analisar pode ser utilizada para qualquer conceito emocional. Por este motivo, a análise do medo feita pelo autor será descrita a seguir.

O exemplo é o de uma criança que apresenta medo do(a) professor(a). Nesta situação, a criança pode: apresentar diversas respostas eliciadas quando o(a) professor(a) está presente; emitir diferentes operantes de fuga ou esquiva do professor, das atividades escolares e da própria escola; identificar suas condições corporais e descrever-se com medo; aprender que ter medo de professor é característico de pessoas que não são inteligentes e ainda que é

²⁸ “emotions may be more or less restricted to phylogenetic selective processes, more or less a product of additional ontogenetic and cultural selective processes”.

motivo de vergonha não ser inteligente (Tourinho, 2006). Concluindo, Tourinho afirma que como esta situação de medo envolve diferentes graus de complexidade, recomendam-se intervenções distintas para lidar com cada um dos níveis, sendo mais preciso falar em “medos” e não em medo. “ ‘Medo’ é uma resposta verbal emitida sob controle de conjuntos de relações mais ou menos complexos²⁹” (p. 27), no sentido em que antes do indivíduo passar a nomeá-lo, distinguindo-o de outros fenômenos, as alterações do organismo eram um material indiferenciado (Tourinho, 1997).

Quando se afirma que fenômenos emocionais são respostas verbais destaca-se o papel da comunidade verbal no estabelecimento de discriminações e nomeação de determinados aspectos do ambiente. Segundo Catania (1998/1999), a nomeação seria um tipo de classe constituída de estímulos e respostas arbitrárias que se forma ainda nos primeiros anos de desenvolvimento da criança. Desta forma, quando se trata de qualquer fenômeno emocional, deve-se ressaltar que nos processos de instalação e manutenção deste repertório, necessariamente se fazem presentes relações com operantes verbais (Skinner, 1945; 1953/1965). É a comunidade verbal que ensina o indivíduo a discriminar (e em algumas situações descrever) eventos emocionais, assim como faz com eventos públicos (Dittrich, 2008). Na verdade, a análise recentemente proposta por Tourinho (2009) não considera apenas que o componente verbal permite perceber e descrever fenômenos emocionais. Para o autor, o componente verbal pode, em algumas circunstâncias, fazer parte do próprio fenômeno.

Diante do exposto, uma complementação ainda se mostra necessária à formulação de comportamento emocional ciumento apresentada anteriormente. Um indivíduo só apresenta comportamento emocional ciumento a partir do momento que interage com uma cultura

²⁹ “Fear is a verbal response emitted under the control of more or less complex sets of relations”.

(comunidade verbal) que o ensina a denominar estes eventos como “ciúme”³⁰ (cf. Skinner, 1945; 1953/1965; cf. Tourinho, 2006). Parafraseando Tourinho (1997), o “ciúme” ou comportamento emocional ciumento, “enquanto um fenômeno [ou conceito] psicológico, tem sua existência determinada e limitada pelas práticas culturais” (p. 180).

No modelo elaborado recentemente por Darwich (2007) pode-se identificar, dentre outros, que os fenômenos emocionais são tratados como: 1) comportamento ou relação comportamental; 2) fenômenos que envolvem inter-relações entre componentes respondentes e operantes; 3) fenômenos que abrangem eventos verbais e não verbais e 4) efeitos de contingências.

Os aspectos da proposta da autora que são coerentes com os desta tese consistem nos três primeiros: considerar que fenômenos emocionais referem-se a eventos comportamentais, que envolvem componentes respondentes e operantes e ainda fenômenos verbais e não verbais. Por outro lado, a concepção segundo a qual tais fenômenos são efeitos de contingências, da forma como Darwich (2007) organiza seu modelo, consiste em um aspecto distinto do que se sugere nesta tese.

Quando Darwich (2007) argumenta que os fenômenos emocionais consistem em efeito colateral das contingências, isto implica, resumidamente, conceber que o evento consequente a um operante pode funcionar como estímulo eliciador para uma resposta fisiológica e ainda que o estímulo que antecedeu ao operante pode vir adquirir função eliciadora condicionada para respostas fisiológicas similares. A fim de tornar mais claro o modelo será apresentado um exemplo elaborado pela própria Darwich.

Darwich (2007) descreve a situação na qual um rapaz pergunta as horas para uma moça. Nesta situação, podem-se identificar as seguintes relações:

Tabela 5. Ilustração do Modelo Proposto por Darwich (2007).

³⁰ A partir deste momento quando a palavra ciúme for utilizada, ela sempre estará entre aspas para lembrar que nesta tese propõe-se designá-la de comportamento emocional ciumento.

<i>Antecedente</i>	<i>Resposta operante</i>	<i>Consequente</i>	<i>R fisiológica</i>
Moça	Perguntar as horas	Moça responde sorrindo (R+) = s1	Alterações fisiológicas típicas do R+ = r1

No futuro, em situações semelhantes, a presença do estímulo moça pode adquirir a função de estímulo eliciador condicionado de alterações fisiológicas semelhantes às eliciadas por S1. Logo, o modelo da autora é útil para entender o que, na literatura sobre “ciúme”, vem sendo denominado de resposta antecipatória e responder a situações imaginadas. Por exemplo, na situação na qual o marido recebe uma ordem do chefe para fazer uma viagem de trabalho (Sd), ele viaja (R) e a esposa passa a se relacionar com um rival (C); enquanto de acordo com a proposta desta tese, a análise do comportamento emocional ciumento seria iniciada pela situação de competição com o rival pela atenção da esposa (evento desencadeante do referido comportamento), a proposta de Darwich (2007) explicaria quando algum comportamento emocional ciumento ocorresse diante de novas ordens de viagem recebidas pelo marido.

Embora o modelo de Darwich (2007) seja relevante no contexto desta tese por se tratar de uma contribuição para o estudo de fenômenos emocionais na Análise do Comportamento e por buscar organizar o que Skinner produziu sobre “emoção”, mostrando coerência com as formulações do autor, ele é mais amplo, por se propor à análise de qualquer evento emocional, do que o modelo aqui sugerido o qual consiste em um modelo elaborado especificamente para lidar com o “ciúme”.

Aplicando o modelo de Darwich (2007), o “ciúme”, como um tipo de fenômeno emocional, poderia envolver relações bastante complexas como as descritas anteriormente. Em contrapartida, na proposta aqui elaborada os componentes eliciados do comportamento emocional ciumento não seriam eliciados por uma consequência produzida por um operante,

mas sim pelo mesmo evento antecedente que também controlou o componente operante. Neste caso, o elo inicial consiste na ocorrência da competição.

Em síntese, acredita-se ser mais útil tratar o “ciúme” como comportamento emocional ciumento a fim de enfatizar que ele se refere a um conjunto de repertórios que pode ser eliciado e/ou controlado pela situação de competição. Desta forma, como qualquer formulação que pretenda ser consistente com a Análise do Comportamento, a história de cada indivíduo, como argumentaram, por exemplo, Banaco (2005), Costa (2005), Menezes e Castro (2001), explicará o desenvolvimento e a manutenção do comportamento emocional ciumento.

*Algumas Considerações Necessárias*³¹

Com base na formulação de comportamento emocional ciumento elaborada, considera-se relevante expor: 1) como se diferencia a competição por reforçadores desencadeadora do comportamento emocional ciumento de situações nas quais a competição também está presente, como por exemplo, a competição que existe em jogos e esportes de maneira geral; 2) a distinção entre comportamento emocional ciumento e inveja, fenômeno que tem sido considerado ora como equivalente ao “ciúme” (Hyun-Jeong & Hupka, 2002³²; Salovey & Rodin, 1984; 1986), ora como parte dele (Parrot, 1991; Vecchio, 2000) e 3) a delimitação quanto ao que será considerado como comportamento emocional ciumento.

Supõe-se que a competição por reforçadores que produz comportamento emocional ciumento é distinta de outras situações nas quais a competição ocorre, na ausência do comportamento emocional ciumento, considerando duas especificidades. Primeiro, na situação de “ciúme” existe uma díade (sujeito que apresenta comportamento emocional ciumento e o objeto do “ciúme”) da qual se aproxima um rival que, por definição, está fora da

³¹ Neste item, embora as argumentações se fundamentem na Análise do Comportamento, os autores que discutem parte das questões aqui levantadas são autores que possuem referenciais distintos.

³² Dados obtidos com norte-americanos.

relação com o objeto do “ciúme” estabelecida pelo analista como foco da análise. Segundo, a natureza do reforço pelo qual se compete na situação de “ciúme” é idiossincrática, na medida em que o reforçador consiste em aspectos sutis da interação do ciumento com o objeto do “ciúme”, o que gera uma especificidade do objeto como fonte de reforçadores. Quando o componente operante produz o afastamento do rival ou a redução da competição, sendo, portanto, reforçado, o ciumento passa a ter acesso privilegiado a esses reforçadores idiossincráticos e específicos da relação ciumento-objeto; reforçadores estes que somente o outro elemento da díade (objeto do ciúme) pode prover naquele momento.

Tanto em situações de “ciúme”, quanto em situações de inveja, pressupõem-se dois elementos fundamentais: a presença de um rival e a competição³³. Entretanto, a distinção entre comportamento emocional ciumento e inveja está focada em dois pontos principais. Enquanto na inveja a relação é diádica – sujeito e rival (Lafollete, 1995/1996; Vecchio, 2000) e o indivíduo que a apresenta está fora da relação (cf. Hansen, 1991), no comportamento emocional ciumento a relação é sempre triádica – sujeito, objeto do “ciúme” e rival (Guerrero, Spitzberg, & Yoshimura, 2004; Lafollete, 1995/1996/1996; Mathes, 1991; Miller, Volling, & McElwain, 2000; Vecchio, 2000; Volling, McElwain, & Miller, 2002) e o indivíduo que o apresenta está dentro da relação (cf. Hansen, 1991).

Uma forma esquemática de representar a distinção entre comportamento emocional ciumento e inveja é apresentada na Figura 6.

³³ Alguns autores, contudo, questionam se o ciúme envolve competição (Britto, 2002; Harris, 2003b; Mathes, 1991). Para outros, apenas o ciúme, e não a inveja, envolve competição (Vecchio, 2000).

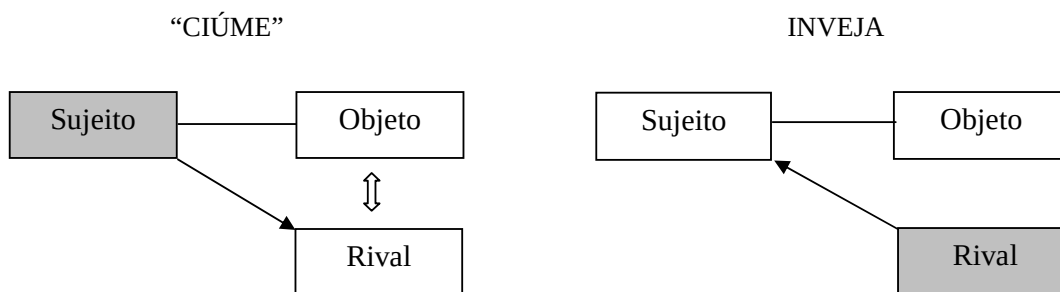


Figura 6. Representação esquemática da distinção entre “ciúme” (porção esquerda da figura) e inveja (porção direita da figura).

A figura apresenta duas maneiras de analisar uma mesma situação. O que distingue as duas maneiras é o foco da análise (retângulo preenchido em cinza). Nas duas situações existe 1) uma relação entre um sujeito e um objeto o qual é uma fonte de reforçadores para o sujeito e 2) um rival que se aproxima do objeto. Na porção esquerda da figura, o foco da análise é o sujeito: trata-se de uma análise dos comportamentos do sujeito em relação ao rival, caracterizada como uma análise do “ciúme”. Na porção direita da figura, o foco da análise é o rival: trata-se de uma análise dos comportamentos do rival em relação ao sujeito, caracterizada como uma análise da inveja. Assim, considerando a existência de uma relação sujeito-objeto, no caso do comportamento emocional ciumento, fala-se sobre aspectos do comportamento do sujeito em relação a um rival. No caso de inveja, fala-se sobre aspectos do comportamento de um rival em relação ao sujeito.

A figura mostra, então, que para uma distinção entre comportamento emocional ciumento e inveja há necessidade de definir o foco de análise (sujeito ou rival), além de observar a direção das setas na relação. Desta forma, a inveja corresponderia a comportamentos do rival em relação ao sujeito e o “ciúme” comportamentos do sujeito em relação ao rival.

Uma questão que necessita atenção neste modelo consiste em considerar a ocorrência de comportamento emocional ciumento *apenas e somente* quando os dois elementos

propostos aqui estiverem presentes – competição por reforçadores (Sd) e afastamento do rival, atenuação da situação de competição e/ou obtenção de atenção (Sr).

Nos exemplos a seguir, se pode identificar que a topografia e a função do comportamento descrito são semelhantes às do componente operante do comportamento emocional ciumento como definido aqui. Entretanto, não constituem exemplos do mesmo.

A primeira situação fictícia inclui um casal de namorados (Alexandre e Gabriela) que se encontra em uma boate, acompanhado de alguns amigos. Como Alexandre está cansado, Paulo, um amigo do casal, convida Gabriela para dançar. Eles dançam cerca de três músicas e então os amigos verbalizam frases como “E aí cara?” “Vais permitir que a tua namorada dance a noite toda com outro? Eu já teria ido lá há muito tempo!”. Alexandre inicialmente diz que está tudo bem, que não estão fazendo nada de errado, mas com a insistência do grupo, levanta-se e pede para que Gabriela o acompanhe e ela o faz interrompendo a dança com Paulo. É necessário esclarecer que Alexandre poderia estar apresentado algum tipo de alteração, como por exemplo raiva da insistência dos amigos, que não seria compatível com alterações eliciadas discriminadas por ele como “ciúme”.

O segundo exemplo envolve dois irmãos que costumam sair juntos à noite. Renato frequentemente apresenta comportamento emocional ciumento quando sua irmã Flávia encontra amigos do sexo masculino. Se isso ocorre, ele a leva para casa imediatamente, ou ele a ameaça de não emprestar o carro. O comportamento de Renato pode ser legitimamente ciumento e o afastamento entre Flávia e seus amigos mantém o comportamento de Renato. Flávia, por outro lado, argumentando igualdade de direitos passa a “implicar” quando o irmão encontra amigas, embora não apresente alterações eliciadas as quais descreveria como “ciúme”, diferentemente de Renato. No caso de Flávia, pode-se supor que os operantes emitidos ocorreram sob controle de auto-regras como “Se não posso sair com meus amigos, então ele também não pode sair com as amigas dele”, “Se ele pode atrapalhar programas com

meus amigos, então também posso e devo atrapalhar programas com as amigas dele”. Os comportamentos de Flávia nesse caso teriam como objetivo punir os comportamentos ciumentos de Renato e seriam mantidos caso mostrassem algum efeito sobre Renato no sentido de irritá-lo, aborrecê-lo.

Em ambos os exemplos, o controle antecedente é completamente diferente – nas duas situações identificam-se a presença de regras e/ou auto-regras e no segundo acrescenta-se ainda a possibilidade do comportamento ter passado a ocorrer através de modelação. No caso do casal de namorados Alexandre e Gabriela, Alexandre interrompeu a dança de Paulo com Gabriela após a insistência do grupo de amigos e no exemplo dos irmãos Flávia e Renato, Flávia passou a apresentar operantes semelhantes ao do comportamento emocional ciumento após o irmão apresentar este tipo de comportamento. Especialmente na situação de Alexandre e Gabriela, o problema pode ser mais complexo, uma vez que embora Paulo não se constituísse em um rival para Alexandre, ele estava partilhando de reforçadores providos por Gabriela (contato, dança, conversa).

Contudo, mesmo que a topografia e a função dos comportamentos se assemelhem às do comportamento emocional ciumento, tais comportamentos não devem ser tratados como “ciúme”, uma vez que não satisfazem ambos os critérios: 1) presença de competição como situação antecedente (estar sob controle do rival) e 2) afastamento do rival, atenuação da situação de competição e/ou atenção como evento(s) consequente(s) mantenedor(es).

Deste modo, a proposta de comportamento emocional ciumento não pretende se distanciar de uma visão analítico-comportamental por focalizar o antecedente, mas sim conceber os eventos antecedente e consequente como necessários para identificar a presença de “ciúme” em uma dada situação.

A fim de testar especificamente a proposição segundo a qual o componente operante do comportamento emocional ciumento pode ser controlado por uma situação de competição por reforçadores, foi realizado um estudo empírico experimental com díades adulto e criança.

IV. IDENTIFICANDO EXPERIMENTALMENTE O “CIÚME” NA RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA

De acordo com Stearns (1989), uma preocupação explícita com o “ciúme” na infância, principalmente entre irmãos, só passou a ocorrer no início do ano de 1890 com a publicação do primeiro manual popular destinado a lidar com o “ciúme” – *“Moral Instruction of Children”*. Com o avanço da teoria freudiana, os psicólogos infantis passaram a considerar o “ciúme” nesta fase. Entre 1920 e 1980, ele se tornou o tema mais frequentemente citado em *manuals populares* que tratavam da infância (Stearns, 1989). Stearns complementa que, apesar de ter sido fortemente condenado, o “ciúme” era tido como inevitável na relação entre irmãos.

Ao longo da história do estudo do “ciúme” infantil, um número significativo de autores que escreveram, sobretudo pautados em dados da prática clínica, têm abordado o fenômeno nesta fase, ora de maneira mais aprofundada (Quiles, 2007; Stearns, 1989; Zagury, 1995) ora superficialmente (Arreguy, 2001; Ferreira-Santos, 2003; Freud, 1900/1896f; 1915-16/1896c; 1919/1986d; Harris, 2003b; 2004).

A literatura acerca do “ciúme” infantil apresenta dois aspectos em comum com a literatura sobre “ciúme” romântico, também escrita especialmente por psicólogos clínicos. Argumentar sobre a 1) existência de um triângulo ou uma tríade, onde uma terceira pessoa, na maior parte dos casos do “ciúme” entre crianças um(a) irmão(ã), ameaça a qualidade ou a própria relação que se estabelece com os pais ou um dos pais e 2) relacionar o “ciúme” à posse, à exclusividade e em particular à raiva.

A literatura sobre “ciúme” em crianças mencionada anteriormente ressalta que ele ocorre quando os pais modificam a relação antes estabelecida, dividindo ou diminuindo atenção, afeto, dentre outros, com uma terceira pessoa. A presença de uma terceira pessoa

(novo irmão, amigo[a] do pai ou da mãe) produz a disputa ou competição pelo que passou a ser também dado a outrem.

Sobre a competição, é importante assinalar que Britto (2002) a separa do “ciúme”, sugerindo não haver relação entre “ciúme” e competição, uma vez que cita que “ciúme”, inveja e competição formam “o tripé da rivalidade fraterna” (p. 198). Em contrapartida, Harris (2003b) e Thompson (2004) caracterizam o “ciúme” como uma situação de competição. Isto mostra, mais uma vez, que há controvérsias acerca da competição consistir em um elemento característico de situações de “ciúme”.

Além desta literatura já citada, a qual não deriva de pesquisas empíricas, alguns pesquisadores fora do país têm dado atenção ao estudo do “ciúme” infantil conduzindo estudos empíricos, como mostrará a descrição a seguir.

A fim de investigar a indiferença maternal na relação entre crianças mais novas e mais velhas, Hart et al. (1998) conduziram uma pesquisa da qual participaram 76 díades mãe-bebê. A média de idade das mães era de 19 anos e dos bebês de 12 meses, sendo que 50 deles não tinham irmão e 26 tinham um ou mais irmãos. Durante a sessão, realizada em um laboratório, eram fornecidos às mães, dois objetos: um livro de receitas ilustrado e uma boneca. Solicitava-se que as mães conversassem com uma mulher estranha sobre os objetos e, em relação à boneca, que falasse sobre a mesma como se ela fosse uma criança. A sessão era constituída de oito etapas, cada uma tendo a duração aproximada de 60 segundos: 1) mãe e criança ficavam em atividade num colchonete no centro; 2) a estranha entrava com um objeto, sentava, convidava a mãe para sentar próximo dela e então conversavam sobre o objeto, estando este sobre o colo e sendo segurado por uma das duas (primeiro episódio); 3) mãe ou estranha passava o objeto para a outra que o segurava, continuando a conversa (segundo episódio); 4) a estranha saía da sala levando o objeto e solicitava à mãe que voltasse para o colchonete com a criança; 5) a estranha voltava à sala com o outro objeto e o mesmo

procedimento realizado com o primeiro objeto ocorria. Sempre que estivesse interagindo com a estranha, a mãe deveria ignorar o bebê. Quando a estranha saía da sala e a mãe voltava para o colchonete com o bebê, o experimento era concluído. Vale ressaltar que algumas etapas tiveram tempo menor que 60 segundos em função do sofrimento por parte das crianças ter sido considerado elevado. Na condição “livro”, 100% das crianças foram observadas por pelo menos 50 segundos, enquanto que na condição “boneca” 67% das crianças foram observadas durante este mesmo tempo. Os comportamentos de observar (a mãe ou a estranha), aproximar-se (da mãe ou da estranha), tocar (a mãe ou a estranha), tocar (o objeto), protestar e brincar foram registrados por segundo, nas condições de interação mãe e estranha³⁴.

Dentre os resultados desse estudo, destaca-se que as crianças passaram mais tempo observando tanto a mãe quanto a estranha quando as mesmas seguravam o objeto, embora tenha sido mais frequente quando a mãe segurava em contraposição à estranha; o comportamento de aproximar-se foi mais frequente quando a mãe estava com a boneca; o comportamento de contato com a estranha era maior se ela não estava de mãos vazias; foram registrados mais protestos e vocalizações negativas e menos brincar na condição boneca. Diante de tais dados, Hart et al. (1998) argumentaram que o que foi observado vem sendo denominado de “ciúme” ou rivalidade.

Dois aspectos principais nesse estudo merecem ser destacados. O primeiro diz respeito às evidências em relação ao evento que ocorre antes de comportamentos emocionais ciumentos e a função destes. O evento antecedente identificado foi a retirada da atenção direcionada à criança e seu direcionamento para outro foco. Nesta situação, os comportamentos emocionais ciumentos dos bebês tiveram a função de redirecionar a atenção para si (tentativa de remover a interferência do rival). O segundo ponto consiste em lidar com o “ciúme” como sinônimo de rivalidade. Isto faz sentido considerando que um dos

³⁴ Os autores definiram operacionalmente cada um dos comportamentos observados e registrados.

significados encontrados para o termo rivalidade é “ciúme” (Ferreira, 1999). Na verdade, o dicionário de Ferreira concebe a rivalidade como sinônimo de competição, que por sua vez também é um dos sinônimos de “ciúme”.

É possível que o dicionário apresente os termos “ciúme”, rivalidade e competição como sinônimos em função de essas palavras serem usadas, na linguagem do senso comum, desta forma. No entanto, no contexto deste trabalho, que visa propor uma definição operacional de “ciúme”, a distinção se mostra fundamental.

Cada um desses termos parece nomear aspectos específicos envolvidos em uma situação de “ciúme”, no caso, a interação entre alterações no ambiente e respostas do organismo. A competição pode ser o evento disparador (estímulo antecedente que produz o componente eliciado e que pode controlar discriminativamente o componente operante do comportamento emocional ciumento). A rivalidade parece nomear a relação que existe entre a pessoa focal de uma análise sobre “ciúme” (o sujeito) e o rival (Thompson, 2004). E o “ciúme” (independente do tipo) seria composto de respostas eliciadas e/ou operantes controladas pela competição por reforçadores (ou pelo acesso de um rival a uma fonte de reforçadores).

Hart tem desenvolvido outros estudos com crianças, dentre os quais os escritos com Carrington (Hart & Carrington, 2002) e com Carrington, Tronick e Carrol (Hart, Carrington, Tronick, & Carrol, 2004).

No primeiro, realizado com 32 díades mãe-bebê, Hart e Carrington (2002) pretenderam verificar se era possível encontrar evidências de “ciúme” em bebês de seis meses. Todos os bebês eram filhos únicos. O procedimento constituiu-se de dois minutos de interação, onde durante um minuto a mãe interagia com uma boneca e durante o outro minuto (condição controle), a mãe interagia com um livro. Tanto a boneca quanto o livro emitiam sons quando se apertavam botões. A primeira emitia sons vocais de um bebê e o segundo de

instrumentos musicais. Metade dos participantes iniciava a sessão com a condição boneca e metade com a condição livro. Os resultados mostraram diferenças entre a condição boneca e a condição livro no que se refere à duração de afeto negativo (45% X 25%, respectivamente) e ausência de diferença quanto ao comportamento de observar a mãe (cerca de 80% em ambas as condições). A partir destes resultados, os pesquisadores concluíram que bebês de seis meses “são sensíveis à indução do ciúme” (p. 400)³⁵, ainda que não tenham na sua história vivenciado situações de conflito com outros irmãos.

No trabalho de 2004, Hart et al. delimitaram como objetivo principal da pesquisa identificar características do “ciúme”. Os participantes foram 96 bebês de seis meses e suas mães. O procedimento envolveu três condições com duração de dois minutos cada: brincadeira face a face, *still-face* (face estática) e evocação de “ciúme”. Na primeira, a mãe apenas brincava com o bebê; na segunda, a mãe mantinha contato visual com o bebê, porém não tocava, sorria, nem falava com ele; na terceira a mãe deveria interagir apenas com uma boneca enrolada em uma manta. A condição brincadeira sempre iniciava a sessão e em seguida ora era apresentada a situação de evocação de ciúme, ora a *still-face*. Entre estas condições, por cinco minutos, a mãe poderia alimentar ou segurar o bebê. Comparando as condições *still-face* e evocação do “ciúme” verificou-se que em ambas os bebês demonstraram níveis elevados de raiva e baixos de alegria. Quanto às diferenças principais entre estas condições, enquanto na situação de evocação de “ciúme” foi identificado aumento do interesse e do olhar para a mãe e diminuição do distanciamento, na *still-face* foi observado diminuição do interesse e do olhar para a mãe e aumento do distanciamento. Isto mostra que, embora as duas situações produzam alterações, na situação de “ciúme”, observa-se um padrão de maior interesse e aproximação e na situação *still-face* um padrão de desinteresse e afastamento. Foi ainda encontrada diferença de gênero na situação de evocação de “ciúme”,

³⁵ “are sensitive to jealousy inducement”.

considerando-se o olhar para a mãe e expressões de medo (mais pronunciados em bebês do gênero feminino). Outro dado relevante, compatível com achados de outras pesquisas com crianças, foi que a situação de evocação de “ciúme” produziu níveis mais elevados de tristeza. Na discussão, Hart et al. apontam que os dados sugerem que: 1) um padrão específico de “ciúme” em bebês envolve respostas de aproximação e expressões de tristeza; 2) a perda da exclusividade leva ao “ciúme” e 3) há evidências para sustentar que o “ciúme” pode ser encontrado mesmo em bebês.

No estudo conduzido por Miller, Volling e McElwain (2000), os pesquisadores traçaram cinco objetivos, sendo o primeiro deles o mais relevante para os propósitos desta tese: evidenciar que uma relação triádica pode produzir “ciúme” em irmãos em uma situação controlada de laboratório. Participaram deste estudo, 60 famílias constituídas de sua configuração original, compostas de mãe, pai e par de irmãos. A idade média das crianças mais novas era de 16 meses e das mais velhas de 50 meses. A sessão era iniciada com a etapa do jogo livre, na qual durante 15 minutos toda a família participava e depois, durante dez minutos, apenas os irmãos participavam, enquanto os pais, na mesma sala, preenchiam um questionário. Na etapa seguinte, por nove minutos, ocorria o paradigma da interação triádica, com cada um dos pais separadamente. Neste paradigma, durante os três minutos iniciais, o pai ou a mãe interagia apenas com um dos filhos, nos três minutos seguintes interagiam somente com o outro filho e nos três minutos finais brincava com os dois filhos. Concluída esta etapa, os irmãos eram observados por cinco minutos, com os pais fora da sala. As duas últimas etapas envolviam três minutos de reunião com a família toda e cinco minutos para realização de uma tarefa de limpeza³⁶. Apesar da sessão como um todo durar 56 minutos, apenas os dados obtidos durante os seis primeiros minutos do paradigma da interação triádica, com cada responsável, foram analisados naquele trabalho. Como resultados do

³⁶ Os autores não especificam se havia alguma instrução ou jogo presente durante o momento no qual os irmãos interagiam sozinhos, nem tampouco o que ocorria na reunião familiar e em que consistia a tarefa de limpeza. Provavelmente tais informações não foram fornecidas pelo fato de não terem sido foco de análise neste estudo.

estudo de Miller, Volling e McElwain (2000), destaca-se a observação segundo a qual quando a criança não era o alvo da atenção dos pais, as crianças mais velhas apresentaram mais tristeza e as crianças mais novas, sofrimento. Cabe apontar que os autores justificam o uso do termo sofrimento para os bebês devido à dificuldade de distinguir raiva, medo e tristeza nesta fase. Já na situação na qual a criança era alvo da atenção, tanto as mais velhas quanto as mais novas apresentaram mais felicidade. Embora os autores assinalem algumas limitações do estudo, como por exemplo, os dados serem correlacionais e a amostra constituir-se apenas de famílias com nível socioeconômico considerado bom, para eles, os dados encontrados validam o paradigma da interação social triádica como eficiente na evocação do “ciúme”.

No artigo publicado posteriormente pelos pesquisadores, eles descrevem um estudo semelhante (Volling, McElwain, & Miller, 2002). Da mesma forma que no estudo anterior, 60 famílias compostas de sua configuração original participaram deste segundo estudo, tendo os bebês e os irmãos mais velhos as mesmas médias de idade. O procedimento foi semelhante, sendo que a sessão como um todo teve a duração aproximada de noventa minutos. Dentre os resultados principais, foi encontrada correlação positiva entre tristeza, raiva, distração e hostilidade no caso das crianças mais velhas e em relação aos bebês foi evidenciada correlação positiva entre sofrimento e distração nas sessões com os pais. Os dados replicaram os achados do primeiro estudo e, segundo os pesquisadores, sustentam a definição de “ciúme” proposta, como um fenômeno complexo que envolve comportamentos, emoções e cognições em uma situação de interação particular.

Os trabalhos desses pesquisadores, tanto no que se refere às proposições teóricas quanto aos próprios dados, trazem pontos importantes para discussão. No nível teórico, destaca-se a ênfase sobre o componente ou o contexto social como elemento necessário para definir e diferenciar o “ciúme” de outros fenômenos emocionais e, em relação aos resultados,

nos dois estudos foram observados raiva, tristeza, ansiedade, comportamentos negativos (como agredir) e distrativos em relação aos pais ou irmãos. Um dado particularmente relevante do trabalho de Volling, McElwain e Miller (2002) foi que entre as crianças mais velhas foi identificada tristeza e não raiva.

Thompson (2004), em sua dissertação de mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, descreve um estudo realizado com crianças de 10 a 12 de anos de idade. Este estudo teve como objetivo principal investigar como crenças sobre relacionamentos (que podia variar entre “maleável” e “fixa” sendo essa categorização a maneira usada para manipular o que foi chamado de crença) interfere no “ciúme” entre irmãos. Dentre as oito hipóteses formuladas pela autora, duas previram que se a criança possuísse uma crença maleável (“a situação é passível de mudança”) sobre relacionamentos, ela não perceberia a atenção do(a) pai (mãe) ao irmão como ameaçadora, logo seria menos ciumenta; e, ao contrário, se a criança tivesse uma crença fixa (“nada pode alterar a situação”), ela perceberia a atenção do(a) pai (mãe) ao irmão como ameaçadora, logo seria mais ciumenta. Participaram do estudo 63 crianças e um dos pais de cada criança. Tanto as crianças quanto um de seus pais responderam a questionários com questões abertas (“O que você sentiu...”) e questionários os quais a resposta deveria ser dada partindo de escalas.

Os questionários pretendiam identificar frequência, intensidade, duração, causas e reações das crianças em situações de “ciúme” do irmão, crenças acerca de relacionamentos, dentre outras. Em linhas gerais, foram encontradas diferenças entre crianças com crenças fixas e maleáveis no que se refere à duração e intensidade do “ciúme”. Porém, diferentemente do hipotetizado, crianças que descreveram crenças fixas sobre relacionamentos demonstraram “ciúme” menos intenso e menos duradouro. As situações descritas como as que mais desencadeavam “ciúme” foram: atenção dada ao irmão, presenteando-o; favoritismo em

situações de conflito; passar mais tempo com o irmão e atenção ao irmão devido a alguma habilidade deste.

Três aspectos principais do trabalho de Thompson (2004) merecem destaque. O primeiro refere-se à proposta em si de identificar crenças (pensamentos, concepções) das crianças sobre as relações que estabelecem com seus pais e irmãos, já que esta poderia ser uma variável importante para compreender o “ciúme”, considerando que pensamentos podem vir a fazer parte do controle da emissão de comportamentos emocionais ciumentos. O segundo diz respeito à definição de “ciúme” infantil como competição pela atenção dos pais, cujos dados de verbalizações das crianças tenderam a sustentá-la e, por último, a afirmação que faz a respeito do “ciúme” diferir da rivalidade, uma vez que a mesma seria apenas uma instância da competição que envolve somente o rival e o indivíduo ciumento.

Em 2008, Thompson e Halberstadt publicaram um artigo no qual descrevem o estudo supracitado e um segundo estudo com objetivos e método semelhantes aos do primeiro. A principal diferença consistiu em acrescentar cenários imaginários para que as 42 crianças participantes respondessem se sentiriam “ciúme” e, se sim, o quanto. Os cenários foram: 1) viagem de um dos pais e este trazer presente apenas para o irmão; 2) espera por um dia no qual faria um programa com o pai (a mãe) e este informar que levaria apenas o irmão; 3) em discussão com o irmão, o pai (a mãe) colocar-se a favor do irmão; 4) pai (mãe) elogiar continuamente o irmão. Como resultados principais destacam-se que apenas para uma criança os cenários não produziram “ciúme”; assim como no primeiro estudo, as crianças descreveram as mesmas situações como as que desencadeiam “ciúme” (com exceção da situação passar mais tempo com o irmão que não foi mencionada) e crianças com crenças fixas sobre relacionamentos referiram “ciúme” menos intenso e duradouro em comparação com crianças que relatam crenças maleáveis. A respeito dos sentimentos ligados ao “ciúme”,

os autores encontraram a raiva e a tristeza. Para eles, a tristeza é parte do “ciúme”, uma vez que o indivíduo está diante da possibilidade de perda.

A literatura empírica sobre “ciúme” na infância permite uma compreensão mais clara do fenômeno, na medida em que os estudos descritos utilizam dados de observação e não de auto-relatos. Esta literatura também evidenciou porque um grande número de estudiosos do “ciúme” inclui a raiva como um evento importante. Alguns estudos mostraram expressões e outras respostas características de raiva quando a atenção passa a ser dirigida a outra pessoa ou objeto. Tais dados fornecem suporte para as argumentações de Gikovate (1998), Ramos (1998), Roth (n. d.) e Skinner (1948/1976), destacadas no Capítulo III, a respeito da possibilidade do “ciúme” ser interpretado como raiva, embora já tenha sido aqui estabelecido que raiva é frequentemente um evento presente em situações de “ciúme” e que raiva fora de uma situação de “ciúme” não se confunde com ele. Em outras palavras, raiva é um subproduto emocional característico de situações de suspensão de reforço e que frequentemente está presente em interações que caracterizam o comportamento emocional ciumento, mas este não se reduz àquele.

Por fim, com base principalmente na literatura empírica sobre “ciúme” infantil, pode-se dizer que o que realmente parece ser característico, logo, definidor de qualquer situação de “ciúme” consiste no fato de alguém competir por reforçadores que passaram a ser compartilhados.

Observa-se que os dados dos estudos aqui descritos, embora interpretados sob concepções teóricas distintas da proposta desta tese, fornecem respaldo à proposição central da mesma: comportamentos emocionais ciumentos ocorrem quando há competição por eventos reforçadores que estão sendo compartilhados e tendem a ser reforçados positivamente com atenção e negativamente com o afastamento/remoção do rival.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivos 1) verificar, em crianças, se o componente operante do comportamento emocional ciumento pode ser detectado em uma situação experimental na qual um reforçador potencial para crianças seria partilhado – a atenção da mãe ou de alguém com o qual a criança possuía um vínculo estabelecido; 2) distinguir padrões comportamentais da criança controlados pela simples redução da atenção provida pelo adulto de padrões comportamentais que ocorrem quando essa redução da atenção é determinada pela presença de um rival.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 16 díades adulto-criança.

A idade das crianças variou entre dois e cinco anos de idade. Cada idade (dois, três, quatro e cinco anos) correspondeu a um grupo: Grupo I (crianças de dois anos), Grupo II (crianças de três anos), Grupo III (crianças de quatro anos) e Grupo IV (crianças de cinco anos). Em cada grupo, duas crianças eram do gênero feminino e duas do gênero masculino e ainda duas pertenciam às classes “A” ou “B” e duas às classes “C” ou “D” conforme Critério de Classificação Econômica Brasil (IBOPE, 2000/ABEP, 2003)³⁷.

A divisão das crianças em grupos por idade foi definida considerando o estudo realizado por Garcia-Serpa, Meyer e Del Prete (2003) que encontraram que crianças de quatro e cinco anos mostraram diferenças significativas em relação à identificação de sentimentos de raiva e tristeza.

³⁷ “A” inclui salário acima de R\$ 2.805,00, “B” entre R\$ 928,00 até R\$ 2.804,00, “C” entre R\$ 425,00 até R\$ 927,00 e a D entre R\$ 208,00 até R\$ 424,00.

A Tabela 6 apresenta dados gerais das crianças que participaram da presente pesquisa.

Tabela 6. Dados Gerais das Crianças Participantes.

<i>Grupo</i>	<i>Part.</i>	<i>Gênero</i>	<i>Idade</i>	<i>Classe</i>	<i>Posição na família</i>	<i>Observação</i>
	P1	M	2	D	Filho único	Participante de outra pesquisa, ainda em andamento, realizada no mesmo ambiente
G1	P2	M	2	C	Caçula de uma prole de três irmãos	
	P3	F	2	A	Caçula de uma prole de dois irmãos	
	P4	F	2	A	Caçula de uma prole de dois irmãos	
G2	P5	F	3	D	Caçula de uma prole de dois irmãos	
	P6	F	3	B	Caçula de uma prole de dois irmãos	
	P7	M	3	D	Caçula de uma prole de dois irmãos	
	P8	M	3	A	Caçula de uma prole de dois irmãos	
G3	P9	F	4	C	Filha única	
	P10	F	4	C	Primogênita de uma prole de dois irmãos	
	P11	M	4	B	Caçula de uma prole de dois irmãos	
	P12	M	4	A	Filho único	
G4	P13	M	5	A	Filho único	
	P14	M	5	B	Caçula de uma prole de três irmãos	
	P15	F	5	D	Primogênita de uma prole de três irmãos	
	P16	F	5	C	Filha única	

A seguir, algumas informações complementares serão destacadas acerca dos participantes, uma vez que poderão ser úteis na discussão dos resultados.

P1, P2 e P4 não frequentavam escola no momento da coleta, embora P4 já tenha estado por um período em uma escola privada anteriormente. Deste grupo, Grupo I, apenas P3 frequentava uma escola da rede privada. Sobre P3, é importante destacar a informação da mãe a respeito dela apresentar “ciúme” da irmã, entretanto, em situações nas quais a mãe brinca com um boneco, P3 interage com a mãe e o boneco, fazendo inclusive carinho nele.

Do Grupo II, P5, P6 e P8 não frequentavam escola quando da realização da coleta de dados, embora P5 já tenha frequentado escola no passado e saiu da mesma em função de ter agredido fisicamente colegas. P7 frequentava creche. Em entrevista, a mãe de P6 informou que ela apresentava “ciúme” do irmão. A mãe citou um episódio no qual P6 chorou após o pai verbalizar que daria um violão para o irmão. A mãe de P7 relatou que diante de muitos brinquedos ele tende a não compartilhar com ninguém.

Todos os participantes do Grupo III frequentavam escolas privadas quando a coleta foi realizada. Deste grupo, apenas a mãe de P10 relatou que a filha apresentava “ciúme”. Segundo a mãe, quando está com o filho (irmão de P10) no colo, P10 se afasta e diz “Tu nem me ama”.

Também no Grupo IV, todos os participantes frequentavam escolas. P13 e P16 estudavam em escolas privadas, enquanto P14 e P15 estudavam em escolas públicas. Conforme entrevista, o pai de P13 destacou que ele passa muito tempo na companhia da babá devido ao trabalho dos pais.

Ambiente

As sessões experimentais foram realizadas no Laboratório de Estudos do Comportamento Simbólico, no qual são realizados estudos com bebês, situado no Laboratório de Psicologia Experimental do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará. Este laboratório mede 3,43 de comprimento por 3,26 de

largura, podendo ser dividido em duas partes iguais com o fechamento das cortinas colocadas nas extremidades das paredes direita e esquerda.

Na parede lateral esquerda, situada ao lado da porta, encontra-se um espelho unidirecional que mede 1,04 de altura por 2,46 de largura. Na parede dos fundos, estão localizadas uma janela na extremidade direita e uma na esquerda. Ambas medem 1,52 de altura por 1,06 de largura e possuem cortinas.

A sala contém quatro pontos de luz com oito lâmpadas fluorescente e dois aparelhos de ar condicionado. Na lateral direita da sala encontram-se dois armários³⁸: o armário 1 é de compensado revestido e contém duas portas na parte inferior e duas prateleiras na superior; o armário 2 é de ferro e contém duas portas. Nas estantes do armário 1, assim como na parte superior dos dois armários, encontram-se materiais expostos (brinquedos, papéis, pastas etc).

Durante as sessões experimentais, além dos armários, permaneceram na sala um sofá de dois lugares (mesma parede onde se localiza a porta), um tapete (à frente do sofá), uma cadeira de madeira (ao lado do armário 2), um computador (no canto direito do fundo da sala) e seis caixas de madeira que eram usadas em outra pesquisa.

Para realização das sessões, as cortinas foram mantidas abertas, o computador foi coberto com um pano preto e as caixas de madeira foram usadas para fazer uma espécie de barreira e suporte para posicionar a filmadora que foi colocada no fundo do canto esquerdo da sala (Apêndice E).

Durante a coleta foram incluídos na sala um álbum seriado (posicionado no centro da parede do fundo) e dois brinquedos (que diferiam de acordo com o participante e foram colocados sobre o tapete). Para mais detalhes da descrição do ambiente ver Apêndice E.

³⁸ Como a coleta foi realizada em períodos diferentes, nas sessões realizadas com P8 e P16, o armário 2 havia sido retirado da sala.

Instrumentos e Materiais

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis pelas crianças (Apêndice F);
- Roteiro de entrevista com o responsável constituído de duas partes: 1) identificação de informações de identificação da criança e do responsável como idade e escolaridade e 2) identificação de informações específicas da história de vida da criança como estado de saúde atual, brinquedos preferidos e como se comporta na presença de estranhos (Apêndice G);
- Filmadora;
- Fita para filmadora;
- Álbum seriado contendo seis folhas: uma em branco, três com um desenho apresentado como Sd para o início da Condição 1, uma com um desenho apresentado como Sd para o início da Condição 2 e uma com um desenho apresentado como Sd para o início da Condição 3 (Apêndice H);
- Cronômetro;
- Boneco de borracha trajando roupas de bebês (“Meu bebê” da Estrela);
- Brinquedos (dois em cada sessão dependendo da preferência dos participantes).

Procedimento de Coleta de Dados

a) Seleção dos Participantes

Inicialmente a pesquisadora entrou em contato com outras pesquisadoras que realizavam estudos com crianças para que estas fornecessem informações sobre idade, classe socioeconômica e forma de contato com os responsáveis pelos participantes. De posse destas informações, a pesquisadora ora esteve presente no próprio horário de coleta das outras pesquisadoras, ora contatava os responsáveis por telefone.

Além desta estratégia de seleção, a pesquisadora entrou em contato com outros responsáveis por crianças partindo de indicação fornecida por pessoas do seu próprio círculo pessoal.

Seguindo as indicações, a pesquisadora explicava o objetivo da pesquisa e, em caso de interesse e disponibilidade, marcava um momento para que o responsável assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondesse ao roteiro de entrevista e definisse o horário para a sessão experimental.

Os únicos critérios de inclusão foram estar na faixa etária especificada e ter disponibilidade de participar das sessões. Quanto ao critério de exclusão, definiu-se que não participariam da pesquisa crianças que possuísem qualquer diagnóstico psiquiátrico confirmado, capaz de dificultar de alguma forma a interação durante a sessão (por exemplo, transtornos invasivos do desenvolvimento, transtorno do comportamento disruptivo), assim como histórico de internações frequentes e/ou prolongadas.

b) Sessão Experimental

Antes de cada sessão experimental a pesquisadora organizava a sala, posicionava a filmadora para gravação e relembrava ao responsável como deveria se comportar em cada condição.

Durante os primeiros minutos (até cinco), a criança poderia interagir livremente na sala. Quando a criança iniciava a interação com os brinquedos e/ou com o responsável, a pesquisadora iniciava a gravação, se dirigia até a parede do centro da sala, mostrava o primeiro Sd (desenho do álbum) para o responsável e então iniciava o cronômetro.

Cada sessão foi constituída de três condições, cada uma com a duração mínima de um minuto. Embora tenha sido estabelecida previamente a duração de um minuto para cada condição, nem sempre isto ocorreu considerando que o adulto estava interagindo com a criança ou olhando para algum ponto da sala. Logo, a mudança de condição só ocorria

quando o adulto visse o Sd e começasse a se comportar de acordo com ele. Para alguns participantes, a pesquisadora precisou emitir um som (de tosse, por exemplo) para que o adulto olhasse o desenho e mudasse seu comportamento.

Na Condição 1 (C1), o adulto e a criança deveriam interagir com os brinquedos disponibilizados pela experimentadora sobre o tapete. Quando o adulto estava segurando o boneco iniciava-se a Condição 2 (C2) na qual deveria interagir com o boneco e ignorar a criança. Na Condição 3 (C3) o adulto deveria abaixar a cabeça ou olhar fixamente para um ponto da sala, ignorando completamente a criança.

Após o término da C2, quando o responsável não guardava o boneco, havia possibilidade de a criança interagir com o mesmo nas condições subsequentes, o que ocorreu frequentemente.

A C1 ocorria antes e entre as condições 2 e 3 e era repetida ao final da sessão. Para metade dos participantes, em cada grupo, ora a C2 foi apresentada antes da C3 (C1, C2, C1, C3 e C1) ora a C3 foi apresentada antes da C2 (C1, C3, C1, C2 e C1). Os participantes cuja C2 foi apresentada primeiro foram P1, P4, P5, P7, P9, P11, P15 e P16. Para os demais (P2, P3, P6, P8, P10, P12, P13 e P14) a C3 ocorreu primeiro.

Cada participante se submeteu a apenas uma sessão experimental e o responsável que participava da sessão variou conforme disponibilidade e relação que mantinha com a criança. Das sessões de P1, P2, P3, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P15 e P16 participaram as mães. Da sessão de P4 participou a babá, da de P12 o avô, da de P13 o pai e da de P14 uma tia.

A duração total de cada sessão variou entre cinco minutos e 44 segundos a sete minutos e 21 segundos. Obtinha-se a duração da sessão somando-se o tempo em cada condição mais os períodos de transições. A diferença na duração das mesmas, para cada participante, ocorreu em função do responsável estar ou não olhando para a pesquisadora

quando esta indicava mudança de condição ou do comportamento do mesmo estar de acordo com o estabelecido para a condição.

Procedimento de Análise de Dados

A partir da observação das sessões gravadas foram feitas as transcrições das mesmas.

Com base nas transcrições das sessões foram criadas dez categorias de comportamentos que tinham como foco as crianças (sujeitos para os quais se esperava apresentação de comportamento emocional ciumento). Com exceção das categorias “observação do responsável” e “interação com o boneco” que podem ser encontradas em trabalhos anteriores como os conduzidos por Hart (Hart et al., 1998; Hart & Carrington, 2002; Hart et al., 2004), por exemplo, todas as demais categorias foram elaboradas para análise da interação das crianças no contexto específico deste experimento. As categorias foram:

- a) Ausência de interação (AI): inclui comportamentos de ficar parado, olhar para várias direções do ambiente físico sem, no entanto, focalizar qualquer ponto específico; comportamentos que não pressupõem interação com os ambientes físico e social ou não constituem em pré-correntes de comportamentos classificados nas demais categorias (ex. olhar para baixo, levantar, sentar);
- b) Exploração do ambiente (EA): inclui comportamentos de olhar para partes da sala e/ou tocar objetos disponíveis na mesma, excluindo brinquedos, além de andar e correr pela sala;
- c) Interação com o responsável (IR): inclui comportamentos de falar, aproximar-se e tocar o responsável e este interagir com a criança;
- d) Interação com a experimentadora (IE): inclui comportamentos de olhar, andar em direção e falar com a experimentadora;

- e) Interação com o boneco (IBO): inclui comportamentos de olhar, aproximar-se, tocar, segurar, puxar e bater no boneco;
- f) Interação com brinquedos (IBR): inclui comportamentos de olhar, andar em direção, tocar, segurar brinquedos e brincar propriamente com eles sozinha;
- g) Interação com brinquedos e responsável (IBRR): inclui comportamentos de olhar, andar em direção, tocar, segurar brinquedos e brincar propriamente juntamente com o responsável;
- h) Emissão de operantes verbais e não verbais “de chamar atenção” do responsável (CAR): inclui comportamentos de aproximar-se do responsável, tocar em alguma parte do corpo dele, falar com o responsável, chamá-lo, dar cambalhotas, jogar objetos para cima sem qualquer comportamento contingente por parte do responsável;
- i) Observação do responsável (OR): inclui especificamente o comportamento de olhar para o responsável;
- j) Interação com objetos pessoais (IOP): inclui comportamentos de olhar, tocar, segurar, manipular objetos pessoais como sapatos, meias ou qualquer objeto trazido para a sessão sem aparente função de chamar atenção do responsável ou experimentadora.

Após a elaboração das categorias, foram feitas as somatórias de frequências e durações dos comportamentos em cada categoria.

Considerando a possibilidade de ocorrência de comportamentos de birra durante as sessões e ainda que a topografia destes pode ser semelhante à topografia de comportamentos emocionais ciumentos, definiu-se que seriam concebidos comportamentos de birra apenas aqueles que ocorressem fora do contexto de competição.

A somatória da frequência em cada categoria foi feita considerando-se a quantidade de vezes que a criança apresentava respostas da mesma classe de forma não contínua ou emitia respostas diferentes da mesma classe, mesmo que de forma contínua. Por exemplo, se

a criança brincasse sozinha (IBR), em seguida olhasse em direção ao responsável e voltasse a brincar sozinha, então a frequência de IBR seria dois. No segundo caso, se a criança olhasse para o boneco no segundo dois (IBO) e no segundo três pegasse no boneco (IBO), contavam-se duas frequências de IBO.

Como, em algumas condições, foram observados apenas um ou dois comportamentos, considerou-se necessário incluir a duração de cada categoria de comportamentos. Neste caso, somava-se a duração dos comportamentos em cada uma das categorias. Por exemplo, se a criança olhasse para a experimentadora por um segundo, olhasse em direção ao responsável por quatro segundos, brincasse sozinha por 20 segundos, olhasse em direção ao responsável por dois segundos e brincasse até o fim da condição (40s) a somatória seria: IE = 1s; OR = 6s e IBR = 60s. Partindo da possibilidade de mais de um comportamento ocorrer durante o mesmo período (simultaneidade de comportamentos), a somatória dos segundos em cada condição poderá exceder o um minuto estabelecido.

Concluída esta etapa, foi elaborado um resumo didático do estudo para ser entregue em uma reunião com os responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa (Apêndice I).

Resultados e Discussão

Considerando o objetivo de distinguir padrões comportamentais da criança controlados pela simples redução da atenção provida pelo adulto de padrões comportamentais ocorridos quando essa redução da atenção era determinada pela presença de um rival, testando a proposição segundo a qual o componente operante do comportamento emocional ciumento envolve competição, a descrição dos resultados privilegiará a comparação do desempenho dos participantes na C2 (ausência de atenção e competição) e C3 (simples ausência de atenção).

O desempenho de cada participante, em todas as condições experimentais, no que se refere à frequência (apenas aquelas acima de dois) e à duração (apenas aquelas a partir de 10) das 10 categorias de comportamentos, pode ser visualizado no Apêndice K.

Para efeitos de comparação tomou-se como parâmetro a diferença entre C2 e C3 com relação à média de duração das categorias CAR, IBO e OR – categorias selecionadas para avaliar a ocorrência do comportamento emocional ciumento na C2. Como se esperava maior duração destas categorias na C2 em relação à C3, a diferença foi calculada subtraindo-se a média de duração na C3 da média de duração na C2.

O cálculo foi realizado: 1) obtendo-se a média de duração das categorias CAR, IBO e OR (excluindo-se as co-ocorrências) na C2; 2) obtendo-se a média de duração das categorias CAR, IBO e OR (excluindo-se as co-ocorrências) na C3 e 3) subtraindo-se a média encontrada em C3 da média encontrada em C2.

Na Figura 7, observa-se que, conforme esperado, a média de duração das categorias CAR, IBO e OR na C2 (DP =15) foi maior do que na C3 (DP =14).

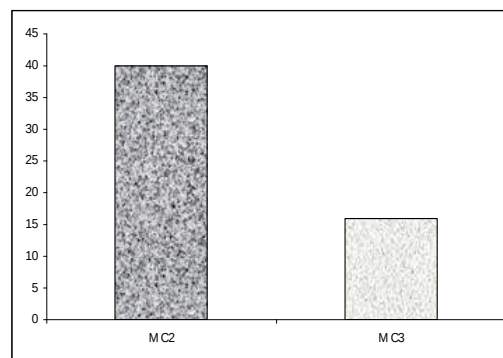


Figura 7. Médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em C2 e C3.

A Figura 8 mostra a diferença do percentual de duração das categorias CAR, IBO e OR para cada participante. Este percentual foi obtido de forma semelhante ao cálculo da média: subtraiu-se o percentual de duração encontrado em C3 do encontrado em C2. O percentual de duração das categorias em análise, em ambas as condições, foi calculado em relação à duração de cada condição.

Nota-se que para a maioria dos participantes (P2, P4, P5, P8, P10, P11, P12, P13 e P14) a diferença entre C2 e C3 esteve abaixo de 50%. Além disso, para uma participante (P16) o percentual de diferença foi negativo. O que significa que, para esta participante, as categorias em análise tiveram maior duração na C3 do que na C2.

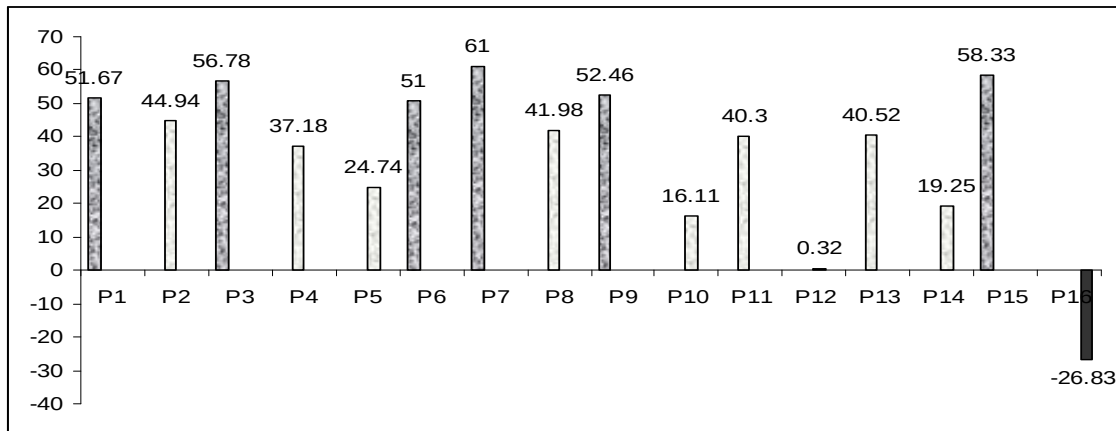


Figura 8. Diferença de percentual de duração das categorias CAR, IBO e OR nas condições 2 e 3 para todos os participantes.

Os dados evidenciados nas Figuras 7 e 8 permitem dizer que: 1) o delineamento experimental foi capaz de produzir a ocorrência do comportamento emocional ciumento em condições controladas de laboratório, assim como os estudos descritos neste Capítulo e 2) mudanças no procedimento como a substituição do boneco rival por um assistente de pesquisa ou mesmo por um irmão do participante, além do aumento na duração do tempo das condições podem diminuir a variabilidade comportamental dos participantes, tornando mais evidente o efeito da manipulação experimental.

Pelos motivos descritos anteriormente, acredita-se que o primeiro objetivo do estudo (verificar se o componente operante do comportamento emocional ciumento poderia ser detectado em uma situação experimental na qual um reforçador potencial para crianças seria partilhado) foi alcançado parcialmente.

A fim de explicar o percentual de diferença negativo encontrado no caso de P16, levanta-se a hipótese do “rival” (que era um brinquedo) poder ter funcionado como tal. Na C2, P16 mostrou muita interação com brinquedos enquanto também observava o responsável (o qual estava “brincando” com o “rival”, e, muitas vezes, apresentou comportamentos de chamar sua atenção). A C3 pode ter-se distinguido das demais para P16 porque foi a única ocasião em que ela teve brinquedos à sua disposição, mas a mãe não. Nessa ocasião, P16 só podia brincar sozinha e aparentemente essa condição evocou muitas respostas de chamar a atenção da mãe. Esse volume de respostas nesta categoria foi responsável pelo percentual de diferença negativo de duração nas categorias, com maior duração das mesmas na C3 do que na C2.

Vale ressaltar outras informações sobre a história de vida de P16 que podem ter contribuído para o percentual de diferença negativo. Segundo a mãe, P16 “gosta de chamar atenção” na presença de estranhos (gritar, falar e chamar para olhar) e apresentava suspeita (não confirmada) de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDH), conforme informação da psicóloga que a indicou para a pesquisadora.

Visando verificar se as variáveis sexo, idade, classe socioeconômica e ordem de apresentação da condição tiveram alguma influência sobre os resultados, também foram calculadas as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em relação a cada uma destas variáveis.

A Figura 9 mostra que a diferença entre as médias de duração das categorias em análise foi um pouco maior entre crianças de dois (DP = 11 na C2 e 14 na C3) e três anos (DP = 16 na C2 e 7 na C3) do que em crianças de quatro (DP = 10 na C2 e 16 na C3) e cinco anos (DP = 21 na C2 e 20 na C3). Isto sugere que crianças mais novas podem reagir de forma mais intensa à situação de competição, embora a literatura que comparou crianças pequenas com

crianças maiores (Miller, Volling, & McElwain, 2000; Volling, McElwain, & Miller, 2002) não tenha levantado esta hipótese.

Outro aspecto a ser considerado refere-se ao fato de o boneco (usado como rival) poder controlar comportamentos diferentes de acordo com a idade. Espera-se que crianças maiores apresentem um nível maior de discriminação a respeito do boneco constiur-se apenas um boneco, não havendo, então, motivo para competir. Em outras palavras, o uso de um boneco como rival pode ser mais efetivo com crianças de idade inferior.

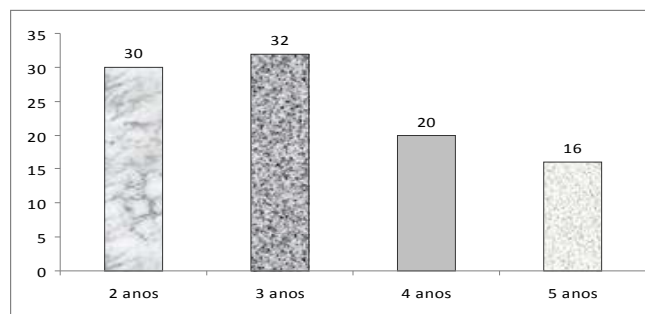


Figura 9. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função da idade dos participantes.

Na Figura 10, observa-se que a diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR foi praticamente a mesma para crianças do gênero feminino (DP = 16 em C2 e 17 em C3) e masculino (DP = 14 em C2 e 12 em C3). Estes dados mostram-se em acordo com a literatura que aponta que diferenças de gênero são pouco evidenciadas com crianças novas e bebês em estudos sobre “ciúme” (Hart et al., 2004).

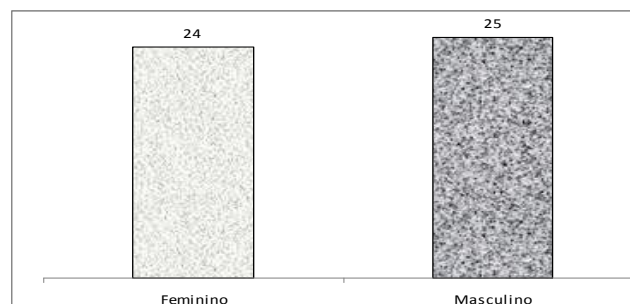


Figura 10. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função do gênero dos participantes.

Com a Figura 11, pode-se visualizar que não houve diferença entre as médias de duração das categorias em foco considerando o nível socioeconômico dos participantes. A média foi basicamente a mesma para crianças com nível socioeconômico alto (DP = 16 na C2 e 12 na C3) e baixo (DP = 11 na C2 e 13 na C3). A respeito desta variável, nenhum dos estudos realizados com crianças destacados neste Capítulo mostrou que ela possa ser relevante em investigações sobre “ciúme”.

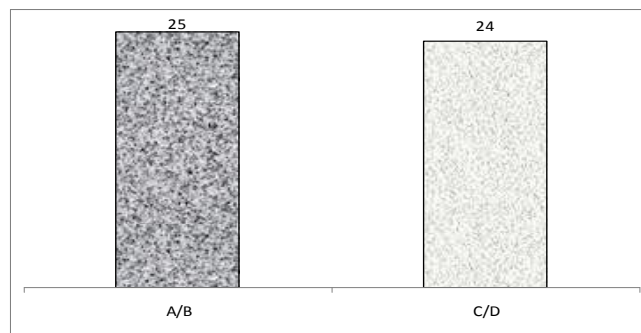


Figura 11. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função do nível socioeconômico dos participantes.

A Figura 12 ilustra que participantes que foram submetidos primeiro à C2 (DP = 11 na C2 e 13 C3) ou primeiro à C3 (DP = 18 na C2 e 14 na C3) também não demonstraram diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR. Este dado é particularmente importante, na medida em que fortalece a proposição desta tese a respeito da competição frequentemente ter-se mostrado como um elemento crítico para a ocorrência das categorias comportamentais que evidenciavam comportamento emocional ciumento. Desta forma, o segundo objetivo proposto para este trabalho também foi atingido.

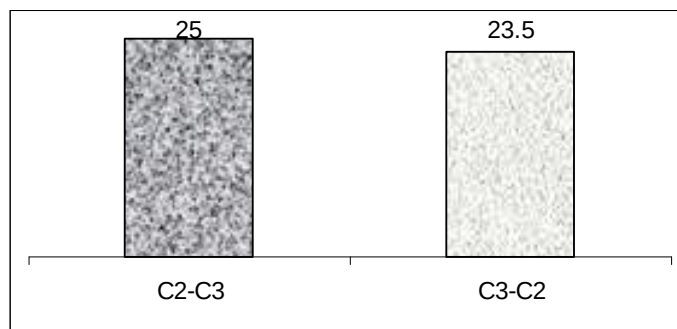


Figura 12. Diferença entre as médias de duração das categorias CAR, IBO e OR em função da ordem de apresentação das condições.

Observando-se a ocorrência dos comportamentos de interação com o boneco (Apêndice K) nota-se que para sete participantes (P1, P4, P7, P9, P11, P15 e P16), dos oito nos quais a C2 ocorreu primeiro, havia possibilidade de interagir com o boneco tanto na C2 quanto na C3. Isto porque os responsáveis deixaram o boneco disponível sobre o tapete ou sofá ou a criança observou onde o boneco foi guardado. Apesar disso, apenas uma criança (P5) interagiu com o boneco na C3. Todos os demais participantes apresentaram comportamentos de interação com o boneco somente na C2. Tal dado também fornece suporte para a proposta de conceber a competição por reforçadores como um evento crucial no controle de respostas que podem ser descritas sob o rótulo de comportamento emocional ciumento ou “ciúme”.

É possível que P5 tenha apresentado comportamentos de longa duração na categoria IBO, na condição C3, em função dos brinquedos disponibilizados terem tido alto valor reforçador para a participante. Levanta-se esta hipótese partindo do ocorrido após o final da sessão, quando por mais de 10 minutos P5 permaneceu na sala emitindo comportamentos de birra (gritar, bater na mãe) quando a experimentadora dizia que precisava sair da sala, tendo inclusive verbalizado que levaria as bonecas para casa. Logo, quando o boneco se tornou disponível para P5 esta passou a brincar com ele também, assim como fez com as bonecas durante todas as condições. Ainda é importante considerar que P5 chegou a pedir o boneco para a mãe na C2 e a mesma disse que não.

Comportamentos de interação com o boneco foram ainda observados na C1 (III) nas sessões de seis participantes (P4, P6, P10, P12, P14 e P15). No caso de cinco participantes (P4, P6, P12, P14 e P15), estes comportamentos ocorreram contiguamente a algum tipo de interferência do responsável. A responsável por P4 logo no início da condição solicitou que a mesma pegasse o boneco; a mãe da P6 colocou o boneco no colo desta no início da condição; toda a interação de P12 com o boneco ocorreu enquanto o avô permaneceu com boneco no colo e falando sobre ele e P14 olhou para o boneco sempre que a tia tocava no mesmo. Já no caso de P10, levanta-se a mesma hipótese formulada para explicar o comportamento de P5 – alto valor reforçador dos brinquedos. P10, assim como P5, pediu o boneco para a mãe na C2, além de ter emitido vários comportamentos de interação com outros brinquedos não disponibilizados pela experimentadora. Vale lembrar, que tanto P5 quanto P10 pertenciam a classes socioeconômicas mais baixas (C e D); variável que pode ter potencializado o valor reforçador dos brinquedos para estas crianças.

Para encerrar esta seção, ainda cabe discutir a caracterização do delineamento experimental utilizado nesta tese com os das pesquisas já realizadas. Embora o delineamento usado seja semelhante aos descritos neste Capítulo, sobretudo ao de Hart et al. (2004), nenhum deles caracteriza a situação de evocação de “ciúme” como uma situação de competição. Consequentemente, a interpretação que os pesquisadores fornecem para explicar a ocorrência do comportamento emocional ciumento é bastante diversificada e pouco clara. Hart e Carrington (2002) argumentaram que o “ciúme” envolve competição e é resultado da diminuição da atenção; posteriormente Hart et al. (2004) usaram a expressão exclusão social e Miller, McElwain e Volling (2000) e Volling, McElwain e Miller (2002) destacaram o papel do paradigma da interação triádica.

Como nos estudos realizados nem sempre se discute explicitamente o que se faz presente em uma situação e, não na outra, que poderia explicar a ocorrência do

comportamento emocional ciumento, não fica claro o papel da ausência ou da diminuição da atenção no controle do “ciúme”. Os resultados de Hart e Carrington (2002) e Hart et al. (2004), por exemplo, assim como os obtidos nesta pesquisa, mostram que crianças podem se comportar de forma semelhante, topograficamente, nas situações de competição e ausência de atenção.

Comparando especificamente os dados de Hart et al. (2004) – que também foram obtidos em situações nas quais se manipulou competição e ausência de atenção – com os desta pesquisa, verifica-se que, embora ambas as situações possam controlar comportamentos topograficamente semelhantes, elas tendem a produzir comportamentos marcadamente distintos quanto à função (algo óbvio para a Análise do Comportamento, uma vez que as variáveis ambientais são distintas, mas que não se discute nas pesquisas realizadas). No trabalho de Hart et al., a diferença principal entre a situação de evocação de “ciúme” (competição) e a *still-face* (ausência de atenção) foi que, enquanto na primeira foram identificados comportamentos de aproximação da mãe (aumento do interesse e do olhar para a mãe e diminuição do distanciamento), na segunda observou-se comportamentos de evitação (diminuição do interesse e do olhar para a mãe e aumento do distanciamento).

Pode-se dizer que na presente pesquisa os achados foram semelhantes aos de Hart et al. (2004), uma vez que para 10 participantes (P2, P3, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P13 e P15) os comportamentos de chamar atenção e/ou olhar para o responsável tiveram durações maiores na situação na qual a competição esteve presente (C2) do que na situação de ausência de atenção (C3). Isto sugere que houve maior aproximação do responsável na C2.

Em síntese, os dados encontrados neste estudo ajudaram a esclarecer uma importante controvérsia a respeito do “ciúme” envolver ou não competição. Como se verifica no Apêndice C, apenas 19 referências das 164 analisadas nesta tese apontaram para a relação entre “ciúme” e competição. Isto mostra que um aspecto importante para caracterização do

fenômeno vem sendo negligenciado pelos estudiosos. Logo, estudos empíricos e, sobretudo, com bom controle experimental seriam muito úteis para tornar mais explícito o papel da competição.

Além disso, os resultados desta pesquisa são promissores especialmente considerando-se a escassez de pesquisas empíricas com orientação analítico-comportamental sobre esse tema. O aperfeiçoamento do método poderá levar a estudos onde a ocorrência de comportamento emocional ciumento poderá ser manipulada, tendo sua frequência aumentada ou reduzida em função da manipulação das consequências envolvendo a remoção do rival ou obtenção da atenção. Esse tipo de estudo poderá ter impacto sobre a pesquisa aplicada e a intervenção clínica em casos envolvendo queixas relacionadas a “ciúme”.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do fenômeno “ciúme” e consequentemente a dificuldade de defini-lo foram demonstradas nos estudos que compõem esta tese. Definir o comportamento emocional ciumento implica em considerar necessariamente um conjunto de eventos ambientais (estímulos) e comportamentais: um estímulo reforçador, um rival que compete pelo reforço, comportamentos públicos que podem diminuir a competição e eventos privados. Além disso, trata-se de um fenômeno contextualizado culturalmente, considerando que os reforçadores pelos quais a competição produz comportamento emocional ciumento podem variar entre diferentes grupos humanos.

A análise da literatura (Apêndice C) permite afirmar que as definições e caracterizações de “ciúme” tendem a relacioná-lo frequentemente a outros fenômenos subjetivos como amor, medo, raiva, insegurança, dentre outros. Isto significa que a literatura sobre o assunto utiliza concepções internalistas, dificultando que se avance na compreensão do mesmo. Fazem exceção a isso as formulações teóricas encontradas em Banaco (2005), Costa (2005), Menezes e Castro (2001) e em Skinner (1969/1984) e o trabalho empírico de Bandeira (2005), que analisam o comportamento emocional ciumento partindo de uma perspectiva externalista.

Um dado que mostra o quanto se faz necessário questionar e ir além das caracterizações/definições internalistas do comportamento emocional ciumento refere-se ao fenômeno ser concebido, por grande parte da literatura, como o medo da perda (remoção de reforçadores). Apesar desta concepção ter sido a mais frequente (95 trabalhos a citaram, equivalendo a 57,92% da literatura analisada), os dados de Costa e Barros (2008b) e Smith, Kim e Parrot (1998), por exemplo, não demonstraram isto. Na pesquisa de Costa e Barros tristeza com a situação e raiva da situação e do parceiro foram as “emoções” mais citadas

como relacionadas ao “ciúme” do que o medo de perder o parceiro (43,8% e 40,3% respectivamente em comparação a 37,3%). No estudo de Smith, Kim e Parrot o medo da perda também foi encontrado com menos frequência que outras situações/“emoções” (suspeita = 90%, rejeição = 86%, hostilidade e raiva = 82% comparando-se com 76%).

Usar o recorte externalista também aumenta as possibilidades de uma abordagem experimental para estudar o comportamento emocional ciumento. Estudos experimentais, como o último estudo aqui apresentado, podem contribuir grandemente para o conhecimento mais amplo das variáveis determinantes do fenômeno. Nesta direção, embora com recortes internalistas, encontram-se as pesquisas conduzidas por DeSteno, Valdesolo e Bartlett (2006) e Harmon-Jones, Peterson e Harris (2009).

DeSteno, Valdesolo e Bartlett (2006) realizaram dois estudos. No primeiro possuíam como objetivos evidenciar que é possível produzir “ciúme” em situação de laboratório e investigar se o mesmo seria mediado pela autoestima e, no segundo, replicar os resultados do primeiro estudo e testar a hipótese segundo a qual existe uma relação causal entre ameaça à autoestima, “ciúme” e agressão.

Em linhas gerais, nos dois experimentos, os pesquisadores manipularam duas variáveis: competição gerada por um rival (denominada de condição “ciúme” e que tratam como rejeição) e rejeição (condição controle denominada de *fate*). Da condição “ciúme” participavam três pessoas reais (participante do sexo feminino, parceiro do sexo masculino e rival do sexo feminino) e da condição *fate* duas pessoas (participante do sexo feminino e parceiro do sexo masculino). Nas duas condições, o participante e seu parceiro deveriam desenvolver algumas tarefas no computador. O parceiro solicitava ajuda do participante e após estabelecerem uma relação amigável (sorriso, verbalizações encorajadoras), na condição “ciúme” o participante era abandonado pelo parceiro devido à chegada do rival e na condição *fate* o participante era abandonado alegando ter um compromisso.

Nos dois estudos, os pesquisadores afirmam que encontraram mais “ciúme” na situação na qual havia competição. Ao discutirem os dados, DeSteno, Valdesolo e Bartlett fazem as seguintes argumentações: 1) foi encontrado indício de que a ameaça à autoestima evoca “ciúme” (relação direta entre diminuição da autoestima quando o parceiro demonstrava interesse pelo rival foi evidenciada); 2) os dados fornecem evidência experimental da relação entre “ciúme” e comportamentos agressivos (quando o participante foi abandonado em função do rival identificou-se diminuição da autoestima, mais “ciúme” e aumento da agressão) e 3) o “ciúme” consiste em uma resposta a uma situação de rejeição social específica – “a rejeição eminente ou presente por um parceiro em favor de um rival³⁹” (p. 635).

Com um procedimento semelhante, Harmon-Jones, Peterson e Harris (2009) conduziram uma pesquisa cujo objetivo consistiu em examinar se o “ciúme” poderia ser evocado por uma situação de rejeição social por meio de um jogo de computador. Os participantes teriam que se integrar em um jogo de futebol após terem escolhido os jogadores. Passados dois minutos de jogo, parte dos participantes era excluída pelo jogador que haviam escolhido, parte era incluída. Ser excluído nessa situação consistia em não receber a bola. Os dados mostraram mais “ciúme” na situação de exclusão e mais especificamente quando a exclusão era produzida por um jogador do sexo oposto ao do participante. Além disso, os dados mostraram correlação positiva entre “ciúme” e raiva. Na discussão, os pesquisadores concluem que o paradigma utilizado se mostrou efetivo para produzir “ciúme”.

Resumindo, nos dois estudos identifica-se que nas condições “ciúme” (experimento de DeSteno, Valdesolo, & Bartlett, 2006) e exclusão (experimento de Harmon-Jones, Peterson, & Harris, 2009) a competição estava presente, embora sejam interpretadas pelos

³⁹ “the actual or looming rejection by a partner in favor a rival”.

pesquisadores como rejeição social. As pesquisas deixam claro que é possível e promissor estudar experimentalmente o comportamento emocional ciumento.

Como possibilidades de continuidade da pesquisa propõem-se:

- 1) Desenvolver procedimentos experimentais cuja variável manipulada seja a competição e testá-los em diferentes situações (relação mãe-bebê, relação de amizade, relação romântica) e com diferentes rivais (objetos pessoais, irmãos, pessoas estranhas aos participantes, atividades de lazer e/ou de trabalho);
- 2) Elaborar um procedimento experimental no qual seja possível verificar o efeito do pareamento entre competição por reforçadores e aumento da atenção social;
- 3) Testar a correlação entre a identificação de “ciúme” na forma proposta no Estudo II da presente tese e a nomeação de “ciúme” pela comunidade verbal. Para isso, trechos de filmagem das sessões que se evidenciou comportamento emocional ciumento empiricamente e trechos em que não se evidenciou seriam apresentados a membros da comunidade verbal sem relação com os participantes e se pediria que nomeassem os sentimentos que supunham que a criança estivesse experimentando naquelas ocasiões. A identificação desse tipo de correlação poderia aumentar a validade dos procedimentos de detecção e melhorar os procedimentos para estudos que visem predição e controle;
- 4) Investigar a relação que tem sido encontrada entre comportamento emocional ciumento e violência contra mulher, partindo de relatos verbais de mulheres que sofreram abuso em suas relações amorosas (namoro, casamento etc). Neste estudo, mulheres atendidas por instituições de apoio a vítimas de violência doméstica seriam solicitadas a identificar presença de “ciúme” por parte do companheiro, assim como descrever situações nas quais o mesmo apresentou “ciúme”.

Um longo caminho de pesquisa deve ser percorrido até que se obtenham dados consistentes acerca de várias questões envolvidas na compreensão do comportamento emocional ciumento. Preliminarmente, acredita-se que os dados possam ser úteis para intervenções em diferentes contextos de aplicação, elaborando-se estratégias para lidar com um dos eventos que parecem críticos no controle do comportamento emocional ciumento – a competição.

REFERÊNCIAS

- Ades, C. (2003). Gender differences in the romantic jealousy of brazilian young adults. *Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiânia*, 30, 1175-1188.
- Arreguy, M. E. (2001). *Entre o excesso e a ausência: O ciúme amoroso nas narrativas psicanalítica e literária*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.
- Banaco, R. A. (2005, maio). *Ciúme e inveja*. Palestra proferida no I Congresso Brasileiro de Psicologia Clínica e da Saúde. Londrina, PR.
- Banaco, R. A., Zamignani, D. R., & Kovac, R. (1997). O estudo dos eventos privados através de relatos verbais de terapeutas. In R. A. Banaco (Org), *Sobre comportamento e cognição. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva* (pp. 298-301). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Bandeira, K. P. (2005). *Observação do comportamento ciumento em crianças de 2 a 3 anos* (Monografia de conclusão de curso de graduação). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Psicologia.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84 (2), 191-215.
- Bandura, A. (1978). The self system in reciprocal determinism. *American Psychologist*, 33, 344-358.
- Bandura, A. (1989). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, 25 (5), 729-735.
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, 52, 1-26.

- Bernard, J. (1998). Jealousy and marriage. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 141-150). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bersheid, E., & Fei, J. (1998). Romantic love and sexual jealousy. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 101-109). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Brase, G. L., Caprar, D. V., & Voracek, M. (2004). Sex differences in responses to relationship treats in England and Romania. *Journal of Social and Personal Relationship*, 21 (6), 763-778.
- Bringle, R. G. (1991). Psychosocial aspects of jealousy: A transactional model. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 103-131). London: The Guilford Press.
- Britto, N. (2002). *Rivalidade fraternal: O ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo, SP: Ágora.
- Bryson, J. F. (1991). Modes of response to jealousy-evoking situations. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 178-210). London: The Guilford Press.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 1-49.
- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo* (M. Campello, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva. (Trabalho original publicado em 2000).
- Buss, D. M. (2001). Cognitive biases and emotional wisdom in the evolution of conflict between the sexes. *Current Directions in Psychological Science*, 10 (6), 219-223.
- Buss, D. M., & Haselton, M. (2005). The evolution of jealousy. *Trends in Cognitive Sciences*, 9 (11), 506-507.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology and psychology. *Psychological Science*, 3, 251-55.

- Buss, D. M., Larsen, R. J., & Westen, D. (1996). Sex differences in jealousy: Not gone, not forgotten, and not explained by alternative hypotheses. *Psychological Science*, 7, 373-375.
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., Choe, J. C., Lim, H. K., Hasegawa, M., Hasegawa, T., et al. (1999). Jealousy and the nature of beliefs about infidelity: Tests of competing hypotheses about sex differences in the United States, Korea, and Japan. *Personal Relationships*, 6, 125-150.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106 (4), 676-713.
- Buunk, B. P. (1991). Jealousy in close relationships: An exchange-theoretical perspective. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 148-177). London: The Guilford Press.
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. M. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: Tests from the Netherlands, Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7 (6), 359-363.
- Catania, C. A. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, Coord. e Sup. de tradução). Porto Alegre, RS: Artmed. (Trabalho original publicado em 1998).
- Cavalcante, A. M. (1997). Ciúme. In *O ciúme patológico* (pp. 23-24). Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos. (Trabalho original publicado em 1995).
- Chiapin, G., Araújo, G. B., & Wagner, A. (1998). Sogra-nora: Como é a relação entre estas duas mulheres? *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11 (3), 541-550.

- Clanton, G. (1998a). Frontiers of jealousy research. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 241-257). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1981⁴⁰).
- Clanton, G. (1998b). Jealousy in American culture, 1945-1985. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 258-277). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1989).
- Clanton, G., & Kosins, D. J. (1991). Developmental correlates of jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 132-147). London: The Guilford Press.
- Clanton, G., & Smith, L. G. (Orgs.). (1998). *Jealousy*. New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Código Penal Brasileiro. Recuperado 10 outubro, 2008 de <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm>
- Cosmides, L., Tooby, J., & Barkow, J. H. (1992). Introduction: Evolutionary psychology and conceptual integration. In J. H. Barkow, L. Cosmides, & J. Tooby (Eds.), *The adapted mind: Evolutionary psychology and the generation of culture* (pp. 13-15). New York: Oxford University Press.
- Cosmides, L., & Tooby, J. (1997). Evolutionary psychology: A primer. Recuperado 27 março, 2007 de <http://www.psych.ucsb.edu/research/cep/primer.html>
- Cosmides, L., & Tooby, J. (2000). Evolutionary psychology and the emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions*. NY: Guilford. Recuperado 27 março, 2007 de <http://www.psych.ucsb.edu/research/cep/emotion.html>
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

⁴⁰ Sempre que aparecerem dois anos entre parênteses, ao final, o primeiro refere-se ao ano da obra publicada e o segundo ao do artigo publicado originalmente.

- Costa, N. (2005). Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, VII, 1, 5-13.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2008a). Celos: un ejercicio de interpretación desde la perspectiva del análisis de la conducta. *Revista Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 4, 1, 139-147.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2008b). Test de definición y de una hipótesis sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia Psicológica*, 26, 1, 15-25.
- Critério de Classificação Econômica Brasil. Recuperado em 30 janeiro, 2006 de http://www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB_2003.pdf.
- Darwin, C. R. (1872). General principles of expression – concluded. In *The expression of the emotions in man and animals* (pp. 66-82). London: John Murray. Recuperado 20 outubro, 2008 de <http://darwin-online.org.uk/content/frameset?itemID=F1142&viewtype=text&pageseq=1>
- Darwchi, R. (2007). *Fenômenos emocionais no contexto explicativo do modo causal de seleção por consequências*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Davis, K. (1998). Jealousy and sexual property. In Clanton, G. & Smith, L. G. (Orgs.). *Jealousy* (pp. 129-134). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1936).
- De Silva, P. (1997). Jealousy in couple relationships: Nature, assessment and therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 35 (11), 973-985.
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996a). Genes, jealousy, and the replication of misspecified models. *Psychological Science*, 7 (6), 376-377.

- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996b). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the "fitness" of the model. *Psychological Science*, 7 (6), 367-372.
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (5), 1103-1116.
- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91 (4), 626-641.
- Dittrichi, A. (2008). Algumas observações sobre o tratamento behaviorista radical dos eventos privados. In W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas, relatos de pesquisa*, Vol. 22. (pp. 29-33). Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.
- Donahoe, J. W., & Palmer, D. C. (1994). *Learning and complex behavior*. Boston: Allyn and Bacon.
- Fernandez, A. M., Olcay, R., Castro, P., Escobar, L., & Fuentes, C. (2003). Diferencias sexuales en los celos. Diferencias sexuales en la experiencia subjetiva de celos en jóvenes chilenos: Prueba del alcance intercultural de la psicología evolucionista. *Universidad de Psicología de Bogotá*, 2 (2), 101-107.
- Fernandez, A. M., Sierra, J. C., Zubeidat, I., & Vera-Villarreal, P. (2006). Sex differences in response to sexual and emotional infidelity among Spanish and Chilean students. *Journal Cross-Cultural Psychology*, 37(4), 359-365.
- Fernandez, A. M., Vera-Villarreal, P., Sierra, J. C., & Zubeidat, I. (2007). Distress in response to emotional and sexual infidelity: Evidence of evolved gender differences in Spanish students. *The Journal of Psychology*, 141 (1), 17-24.

- Ferreira, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio: O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Ferreira-Santos, E. (2003). *Ciúme: O medo da perda*. São Paulo, SP: Claridade.
- Figueiredo, I. V. S. (2003). O ciúme patológico e transtorno obsessivo compulsivo. In A. R. N. Neto (Org.), *Psicoterapia cognitivo-comportamental: Possibilidades em clínica e saúde* (pp. 59-76). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Fischer, H. E. (1995). Eros: A emergência das emoções sexuais. In *Anatomia do amor: A história natural da monogamia, do adultério e do divórcio* (M. Lopes e M. Carbajal, Trad.). (pp. 191-203). Rio de Janeiro, RJ: Eureka. (Trabalho original publicado em 1994).
- Fleishmann, A. A., Spitzberg, B. H., Andersen, P. A., & Roesch, S. C. (2005). Tickling the monster: Jealousy inductions in relationships. *Journal of Social and Relationships*, 22 (1), 49-73.
- Freud, S. (1986a). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In *Obras Completas* (pp. 235-247), Vol. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).
- Freud, S. (1986b). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). In *Obras Completas* (pp. 167-180), Vol. X. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1986c). Parte II: Sonhos (Conferência XII). In *Obras Completas* (pp. 201-214), Vol. XV. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-16)
- Freud, S. (1986d). ‘Uma criança é espancada’: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Obras Completas* (pp. 192-218), Vol. X. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

- Freud, S. (1986e). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Obras Completas* (pp. 79-154.), Vol. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1986f). O material e as fontes dos sonhos (D – Sonhos típicos). In *Obras Completas* (pp. 269-297), Vol. IV. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Garcia-Serpa, F. A., Meyer, S. B., & Del Prete, Z. A. P. (2003). Origem social do relato de sentimentos: Evidência empírica indireta. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, V (1), 21-29.
- Gikovate, F. (1998). Ciúme ou “ciúmes”. In *Ensaaios sobre o amor e a solidão* (pp. 103-140). São Paulo, SP: MG Editores.
- Guerrero, L. K., Spitzberg, B. H., & Yoshimura, S. M. (2004). Sexual and emotional jealousy. In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 311-345). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Haltfield, E., & Walster, G.W. (1998). The social psychology of jealousy. In Clanton, G. & Smith, L. G. (Orgs.). *Jealousy* (pp. 91-99). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Hansen, L. G. (1991). Jealousy: Its conceptualization, measurement, and integration with family stress theory. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 211-230). London: The Guilford Press.
- Harmon-Jones, E., Peterson, C. K., & Harris, C. R. (2009). Jealousy: Novel methods and neural correlates. *Emotion*, 9 (1), 113-117.
- Harris, C. R. (2000). Psychophysiological responses to imagined infidelity: The specific innate modular view of jealousy reconsidered. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (6), 1082-1091.

- Harris, C. R. (2002). Sexual and romantic jealousy in heterosexual and homosexual adults. *Psychological Science*, 13 (11), 7-12.
- Harris, C. R. (2003a). Factors associated with jealousy over real and imagined infidelity: An examination of the social-cognitive and evolutionary psychology perspectives. *Psychology of Women Quarterly*, 27, 319-329.
- Harris, C. R. (2003b). A review of sex differences in sexual jealousy, including self-report data, psychophysiological responses, interpersonal violence, and morbid jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 7 (2), 102-128.
- Harris, C. R. (2004). The evolution of jealousy. *American Scientist*, 92, 62-71.
- Harris, C. R. (2005). Male and female jealousy, still more similar than different: Reply to Sagarin (2005). *Personality and Social Psychology Review*, 9 (1), 76-86.
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996a). Jealousy and rational responses to infidelity across gender and culture. *Psychological Science*, 7 (6), 378-379.
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996b). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7 (6), 364-366.
- Hart, S., Field, T., Del Valle, C., & Letourneau, M. (1998). Infants protest their mother's attending to an infant-size doll. *Social Development*, 7 (1), 54-61.
- Hart, S., & Carrington, H. (2002). Jealousy in 6-month-old infants. *Infancy*, 3 (3), 395-402.
- Hart, S., Carrington, H. A., Tronick, E. Z., & Carrol, S. R. (2004). When infants lose exclusive maternal attention: Is it jealousy? *Infancy*, 6 (1), 57-78.
- Hayes, L. J. (1994). Thinking. In S. C. Hayes, L. J. Hayes, M. Sato, & K. Ono (Eds.), *Verbal analysis of language and cognitions* (pp. 149-164). Reno, NV: Context Press.
- Hupka, R. B. (1991). The motive for the arousal of romantic jealousy: Its cultural origin. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 252-270). London: The Guilford Press.

- Hupka, R. B., & Bank, A. L. (1996). Sex differences in jealousy: Evolution or social construction? *Cross-Cultural Research*, 30 (1), 24-59.
- Hyun-Jeong, J. K., & Hupka, R. B. (2002). Comparison of associative meaning of the concepts of anger, envy, fear, romantic jealousy, and sadness between English and Korean. *Cross-Cultural Research*, 36 (3), 229-255.
- Izar, P. (2007). *Ambiente de adaptação evolutiva*. Manuscrito não publicado.
- Lafollete, H. (1996). Sex and jealousy. In *Personal relationships: Love, identity, and morality*. Oxford: Blackwell. Recuperado 13 julho, 2005 de <http://www.stpt.usf.edu/hhl/papers/sex&jeal.htm> (Trabalho original publicado em 1995).
- Layng, T. V. J. (2006). Emoções e comportamento emocional: Uma abordagem construcional para compreender alguns benefícios sociais da agressão. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2 (2), 155-170.
- Leite, S. M. C. S. (2000). Ciúme e inveja: A visão comportamental. In R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos*, Vol. 6. (pp. 74-77). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Leiva, P. G., Jacinto, L. G., & Ortiz, J. M. C. (2001). Reacción de los celos ante una infidelidad: Diferencias entre hombres y mujeres y características del rival. *Psicothema*, 13 (4), 611-616.
- Mathes, E. W. (1991). A cognitive theory of jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 52-78). London: The Guilford Press.
- Masciuch, S., & Kineapple, K. (1993). The emergence of jealousy in children, four months to seven years of age. *Journal of Social and Personal Relationship*, 10, 421-435.

- Mead, M. (1998). Jealousy: Primitive and civilized. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 115-126). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1931).
- Menezes, A., & Castro, F. (2001, setembro). O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, São Paulo.
- Millenson, J. R. (1975). Comportamento emocional. (A. A. Souza e D. Rezende, Trans.). In *Princípios de análise do comportamento* (pp. 405-436). Brasília, DF: Coordenada (Trabalho original publicado em 1967).
- Miller, A. L., Volling, B. L., & McElwain, N. L. (2000). The sibling jealousy in triadic context with mothers and fathers. *Social Development*, 9 (4), 433-457.
- Murphy, S. M., Vallacher, R. R., Shackelford, T. K., Bjorklund, D. F., & Yunger, J. L. (2006). Relationship experience as a predictor of romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 40, 761-769.
- Neill, A. S. (1998). Jealousy at Summerhill. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 66-70). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1960).
- Parrot, W. G. (1991). The emotional experiences of envy and jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 3-30). London: The Guilford Press.
- Pasini, W. (2006). *Ciúme: A outra face do amor*. (Y. A. Figueiredo, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco. (Trabalho original publicado em 2003).
- Pierce, W. D., & Epling, W. F. (1999). Reinforcement and extinction of operant behavior. In *Behavior analysis and learning* (pp. 90-121). Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall.
- Pines, A. M. (1992). Romantic jealousy – the shadow of love. *Psychology Today*, 25 (2), 48-55.

- Pines, A., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51 (1), 108-136.
- Pines, A. M., & Friedman, A. (1998). Gender differences in romantic jealousy. *The Journal of Social Psychology*, 138, 54-71.
- Puente, S., & Cohen, (2003). Jealousy and meaning (or nomeaning) of violence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 (4), 449-460.
- Purshouse, L. (2004). Jealousy in relation to envy. *Erkenntnis*, 60, 179-204.
- Quiles, J. M. O. (2007). Concepto de celos. In *El niño celoso* (pp. 21-36). Madri, ES: Pirámide.
- Ramos, A. L. M. R. (1998). *Ciúme romântico: Teoria, medida e variáveis correlacionadas*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Ribes, E. I. (2003). What is defined in operational definitions? The case of operant psychology. *Behavior and Philosophy*, 31, 111-126.
- Rilling, J. K., Winslow, J. t. & Kilts, C. D. (2004). The neural correlates of mate competition in dominant male rhesus macaques. *Bio Psychiatry*, 56, 364-375.
- Roda, A. B. L., & Íñigo, D. M. (2001). Definiciones de los celos. In *Los cellos: Una perspectiva psicológica y social* (pp. 27-31). Málaga, ES: Ediciones Aljibe.
- Roth, W. (n. d.). *Validating the construct ÒjealousyÒ as social emotion: Evidence for its divergence from fear and anger in early life*. Abstract. Recuperado 13 julho, 2005 de http://www.isisweb.org/ICIS2000Program/web_pagess/group32.html
- Sabini, J., & Green, M. C. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: Constants and differences across genders, samples, and methods. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30 (11), 1375-1388.
- Sagarin, B. J. (2005). Reconsidering evolved sex differences in jealousy: Comment on Harris (2003). *Personality and Social Psychology Review*, 9 (1), 62-75.

- Sagarin, B. J., Becker, D. V., Guadagno, R. E, Nicastle, L. D., & Millevoi, A. (2003). Sex differences (and similarities) in jealousy: The moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behavior*, 24 (1), 17-23.
- Salovey, P., & Rodin, J. (1984). Some antecedents and consequences of social-comparison jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47 (4), 780-792.
- Salovey, P., & Rodin, J. (1986). The differentiation of social-comparison jealousy and romantic jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (6), 1100-1112.
- Salovey, P., & Rothman, A. (1991). Envy and jealousy: Self and society. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 271-286). London: The Guilford Press.
- Schützwohl, A. (2005). Sex differences in jealousy: The processing of cues to infidelity. *Evolution and Human Behavior*, 26, 288-299.
- Schützwohl, A. (2006). Sex differences in jealousy: Information search and cognitive preoccupation. *Personality and Individual Differences*, 40, 285-292.
- Schützwohl, A. (2008). The crux of cognitive load: Constraining deliberate and effortful decision. *Evolution and Human Behavior*, 29, 127-132.
- Schützwohl, A., & Koch, S. (2004). Sex differences in jealousy: The recall of cues to sexual infidelity and emotional in personally more e less threatening context conditions. *Evolution and Human Behavior*, 25, 249-247.
- Seidenberg, R. (1998). Fidelity and jealousy. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 81-89). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1967).
- Sesardic, N. (2003). Evolution of human jealousy – A just-so story or a just-so criticism? *Philosophy of the Social Sciences*, 33 (4), 427-443.

- Sharpsteen, D. J. (1993). Romantic jealousy as an emotion concept: A prototype analysis. *Journal of Social and Personal Relationship*, 10 (69), 69-82.
- Sharpsteen, D. J., & Kirkpatrick, L. A. (1997). Romantic jealousy and adult romantic attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72 (3), 627-640.
- Sheets, V. L., Fredendall, L. L., & Claypool, H. M. (1997). Jealousy evocation, partner, reassurance, and relationship stability: an exploration of the potential benefits of jealousy. *Evolution and Human Behavior*, 18 (6), 387-402.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277; 291-294.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York: The Free Press (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (1966). The discrimination of a stimulus. *The behavior of organisms: An experimental analysis* (pp. 167-231). Acton, MA: Copley Publishing Group (Trabalho original publicado em 1938).
- Skinner, B. F. (1976). *Walden two*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall (Trabalho original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (1984). Cinquentenário do comportamentalismo. (R. Moreno, Trad.). In *Contingências de reforço* (pp. 341-374). São Paulo, SP: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1969).
- Skinner, B. F. (1991). Questões recentes na análise comportamental. (A. L. Nero, Trad.). Campinas, SP: Papyrus. (Trabalho original publicado em 1989).
- Smith, R. H., Kim, S. H., & Parrot, W. G. (1988). Envy and jealousy: Semantic problems and experiential distinctions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14 (2), 401-409.

- Souza, A. A. L., Verderane, M. P., Taira, J. T., & Otta, E. (2006). Emotional and sexual jealousy as function of sex and sexual orientation in a brazilian sample. *Psychological Reports*, 98, 529-535.
- Stearns, N. P. (1989). *Jealousy: The evolution of emotion in American history*. New York e London: New York University Press.
- Takahashi, H., Matsuura, M., Yahata, N., Koeda, M., Suhara, T., & Okubo, Y. (2006). Men and women show distinct brain activations during imagery of sexual and emotional infidelity. *NeuroImage*, 32 (3), 1299-1307.
- Thompson, J. A. (2004). *Implicit beliefs about relationships impact the sibling jealousy experience*. Dissertação de Mestrado não publicada. North Carolina State University, U.S.
- Thompson, J. A., & Halberstadt, A. G. (2008). Children's accounts of sibling jealousy and their implicit theories about relationship. *Social Development*, 17 (3), 488-511.
- Torres, A. R., Ramos-Cerqueira, A. T. A., & Dias, R. S. (1999). O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21 (3), 165-173.
- Tourinho, E. Z. (1997). Eventos privados em uma ciência do comportamento. In R. A. Banaco (Org), *Sobre comportamento e cognição. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva* (pp. 174-187). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses, and private events. *The Behavior Analyst*, 29, 13-31.
- Tourinho, E. Z. (2009). Dimensões da abordagem analítico-comportamental para o problema da subjetividade. In *Subjetividade e relações comportamentais* (pp. 95-147). Paradigma: São Paulo, SP.

- Vecchio, R. P. (2000). Negative emotion in the workplace: Employee jealousy and envy. *International Journal of Stress Management*, 7 (3), 161-179.
- Volling, B. L., McElwain, N. L., & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Social Development*, 73 (2), 581-600.
- Vollmer, H. (1998). Jealousy in children. G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 53-65). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977/1946).
- White, G. L. (1991). Self, relationship, friends, and family: Some applications of systems theory to romantic jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 231-251). London: The Guilford Press.
- Whitehurst, R. N. (1998). Jealousy and American values. In G. Clanton & L. G. Smith (Orgs.), *Jealousy* (pp. 136-139). New York: University Press of America. (Trabalho original publicado em 1977).
- Whity, M. T. (2005). The realness of cybercheating. *Social Science Computer Review*, 23 (1), 57-67.
- Wiederman, M. W., & Allgeier, E. R. (1993). Gender differences in sexual jealousy: adaptionist or social learning explanation? *Ethology and Sociobiology*, 14, 115-140.
- Wiederman, M. W., & Kendall, E. (1999). Evolution, sex, and jealousy: Investigation with a sample from Sweden. *Evolution and Human Behavior*, 20 (2), 121-128.
- Zagury, T. (1995). Ciúme entre irmãos. In *Educar sem culpa: A gênese da ética* (pp. 165-174). Rio de Janeiro, RJ: Record.

APÊNDICES

Apêndice A
Tabela 1: Referências Classificadas (2000 a 2006)

<i>No título</i>	<i>Resumo e/ou palavra-chave (+)</i>	<i>Resumo e/ou palavra-chave (+/-)</i>	<i>Resumo e/ou palavra-chave (-)</i>
1. Ades2003: JSIM	1. BartaKiene2005: variáveis	1. Buss2001: Psicologia Evolutiva	1. AmotoBoth2001: casal/criança
2. Arreguy2001: narrativa psicanalítica e literária	correlacionais	2. Lidchi2002: clínica	2. Bursens2002: ciúme institucional
3. Bandeira2005: crianças (AC)	2. BermanFrazier2005: JSIM	3. MooreCols2000: violência	3. CleggSheard2002: comprometimento intelectual
4. BauerleCols2002: Teoria da atribuição	3. BinderPesaran2001: ciclo da vida (Economia)		4. CortzCols2005: violência/Terapia de Grupo
5. BevanSamter2004: outros tipos de ciúme em relações íntimas	4. BraseCols2004: JSIM (parcial)		5. DouglasDutton2001: violência
6. Britto2002: irmãos	5. Buller2005: JSIM		6. EislerCols2000: violência
7. BroemerDiehl2004: características do rival	6. BullersCols2005: JSIM		7. EllsbergCols2000: violência
8. BrownMoore2003: assimetria flutuante	7. Buss2001: JSIM (a favor)		8. Gage2005: violência
9. Buss2000: abordagem geral	8. DLorenz2001: emoções		9. GageHutchinson2006: violência
10. Buss2001: desenvolvimento cognitivo e emocional	9. GoldenbergCols2003: JSIM (variáveis correlacionais)		10. GrahamWells2001: vilolência
11. BussHaselton2005: JSIM (a favor)	10. Neu2002: afetividade		11. Jewkes2002: violência
12. BuunkDijstra2005: JSIM “corpo”	11. PrattoHegarty2000: JSIM		12. Karniol2001: adolescentes
13. DeStenoCols2002: JSIM (contra)	12. RillingCols2004: macacos		13. MeloyBoyd2003: violência
14. DijstraBuunk2001: JSIM “corpo”	13. SabiniGreen2004: JSIM (contra)		14. Mitchell2002: HIV
15. Ferreira-Santos2003: abordagem geral	14. Whitty2005: relação virtual		15. MondilonCols2005: poder
16. FleischmannCols2005: indução do			16. MunroeCols2003: violência
17. GriceSeely2000: JSIM (contra)			17. NolbrisHellstrom2005: crianças/câncer
18. Harris2000			18. ParishCols2004: violência
19. Harris 2002			19. Roberts2005: violência
20. Harris2003A			20. RussellWells2000: violência
21. Harris2003B			21. SchumacherSlep2004: violência/Cognitivismo
22. Harris 2004			22. Shackelford2001: auto-estima
23. Harris 2005			23. TaquetCols2003: violência/HIV
24. KimHupka2002: raiva, inveja, tristeza e medo			24. WertSalovey2004: fofoca
			25. Yuksel2005: instituição
			26. ZeelenbergPieters2004: loteria

-
25. Leite2000: ciúme e inveja (AC)
 26. MenezesCastro2001: ciúme romântico (AC)
 27. MillerCols2000: irmãos
 28. Murphy2002: culpa e rival (Psicanálise)
 29. MurphyCols2006: JSIM (a favor)
 30. NanniniMeyers2000: JSIM
 31. ParkerCols2005: adolescentes
 32. PietrzakCols2002: JSIM (diferentes medidas)
 33. PuenteCohen2003: amor e violência
 34. Purshouse2004: ciúme e inveja (filosofia)
 35. Ross2005: Otelo (desejo de Shakespeare de ter filho)
 36. RothParker2001: adolescentes
 37. SagarinCols2003: JSIM (a favor)
 38. SagarinGadano2004: JSIM (a favor)
 39. Sagarin2005: JSIM (a favor)
 40. Sesardic2003: JSIM
 41. SheetsWolfe2001: homo/heterossexual
 42. SchültzwohlKolch2004: JSIM (a favor)
 43. Schültzwohl2005: JSIM (a favor)
 44. Schültzwohl2006: JSIM (a favor)/ Cognitivismo
 45. StroutCols2005: JSIM (a favor)
 46. TrippCols2002: literatura poética
 47. Vecchio2000: inveja
 48. VollingCols2002: irmãos

Referências Classificadas (1990 a 1999)

<i>No título</i>	<i>Abstract e/ou key-words (+)</i>	<i>Abstract e/ou key-words (+/-)</i>	<i>Abstract e/ou key-words (-)</i>
1. AuneComstock1997: JSIM	1. Gewirtz1996: AC	1. Silverstein1990: parentes	1. AkobengCols1999: inflamação no intestino
2. Bringle1991: modelo transacional	2. ChiapinCols1998: sogra-nora		2. Buss1996: incerteza da paternidade
3. Bryson1991: situações evocadoras	3. HartCols1998: crianças		3. BussShackelford1997: infidelidade
4. Buunk1991: T. Intercâmbio Social	4.		4. ChiapinCols1998: sogra-nora
5. Buunk1997: variáveis correlacionais			5. DowneyFeldman1996: rejeição
6. BuunkCols1996: JSIM (a favor)			6. Kogan1998: agricultura
7. BussCols1992: JSIM (a favor)			7. Love1998: trabalho
8. Buss1996: incerteza da paternidade			8. Monahan1997: incesto
9. BussCols1996: JSIM (a favor)			9. OkimuraNorton1998: violência
10. Buss1999: JSIM (a favor)			10. RusselBarret1999: afeto/emoção
11. Cavalcante1997: abordagem geral			
12. ClantonKosins1991: variáveis correlacionais			
13. Costa1998: amor			
14. De Silva1997: terapia de casal			
15. DeStenoSalovey1996a: JSIM (contra)			
16. DeStenoSalovey1996b: JSIM (contra)			
17. Gikovate1998: abordagem geral			
18. Hansen1991: T. do Stress Familiar			
19. HarrisChristenfeld1996a: JSIM (contra)			
20. HarrisChristenfeld1996b: JSIM (contra)			
21. Hawkins1990: variáveis correlacionais			
22. HeimanLyon1998: biológico/social			
23. Hupka1991: fatores culturais			
24. Lafollette1996: sexo			
25. Mathes1991: T. Cognitivista			
26. MorganCols1997: T. Construtivista			
27. MunroeCols1997: violência			

-
28. Pantley1999: criança
 29. Parrot1991: ciúme e inveja
 30. Pines1992: amor
 31. PinesFriedman1998: JSIM
 32. SaloveyRothman: ciúme e inveja
 33. Sharpsteen1991: ciúme romântico
 34. SharpsteenKirkpatrick1997: apego
 35. SheetsCols1997: benefícios
 36. Smith1991: inveja
 37. White1991: T. de Sistemas
 38. WiedermanKendal1999: JSIM (a
favor)
 39. Zagury1995: irmãos
-

Apêndice B
Tabela 2: Categorização Preliminar dos Textos sobre Ciúme

<i>Tipo de material</i>	<i>Não traz definição</i>	<i>Traz definição</i>	<i>Emoção/Sentimento</i>	<i>Emoção negativa</i>	<i>Complexo de pens., sent. e ações^a</i>	<i>Atitude</i>	<i>Reação</i>	<i>Comportamento</i>	<i>Preocupação</i>
Teórico	Freud, 1900	Freud, 1910	X						
	Freud, 1915-16	Freud, 1922	X						
	Freud, 1919	Stearns, 1989	X						
	Freud, 1921	Buunk, 1991	X						
	Zagury, 1995	Bringle, 1991	X						
	BussCols, 1996	Hansen, 1991	X						
	DeStenoSalovey 1996b	Hupka, 1991	X		X				
	Costa, 1998	Parrot, 1991	X						
		Sharpsteen, 1991	X		X				
	HarrisChristenfeld, 1996a	White, 1991			X				
		Pines, 1992					X		
	Britto, 2002	Cavalcante, 1995	X						
	Harris, 2004	Lafollete, 1995					X		
	Buller, 2005	De Silva, 1997			X				
	Sagarin, 2005	Gikovate, 1998		X					X
		ChiapinCols, 1999	X						
		Buss, 2000		X					
		Leite, 2000	X						
		Arreguy, 2001	X						
		DLorenzCols, 2001	X						
		Ferreira-Santos, 2003			X				
		Harris, 2003b	X						
		Harris, 2005	X						

^a Alguns autores excluem ora o elemento cognitivo, ora o afetivo e incluem o fisiológico.

Empírico		Sesardic, 2003	X				
		Purshouse, 2004	X				
		BussHaselton, 2005	X				
	Buss, 1989	White, 1981		X			
	DeStenoSalovey 1996a,	PinesAronson, 1983				X	
	HarrisChristenfeld, 1996b	Hawkins, 1990			X		
	Mathes, 1991	Bryson, 1991		X			
	AuneComstock, 1997	SaloveyRothman 1991	X				
	HartCols, 1998	BussCols, 1992	X				
	BussCols, 1999	BuunkCols, 1996	X				
	WiedermanKendall, 1999	SharpsteenKirkpatrick, 1997		X			
	RothParker, 2001	MorganCols, 1997		X			
	PietrzakCols, 2002	PinnesFriedman, 1998				X	
	Harris, 2002	Harris, 2000	X				
	Harris, 2003a	Harris, 2003a	X				
	Ades2003	MillerCols, 2000	X		X		
	PuenteCohen, 2003	Vecchio, 2000		X	X		
	BraseCols, 2004	BauerleCols, 2002			X		
	RillingCols, 2004	DeStenoCols, 2002	X				
	SabiniGreen, 2004	VollingCols, 2002	X				
	SchültzwohlKoch, 2004	BevanSamter, 2004	X				
	BermanFrazier, 2005	Bandeira, 2005				X	
	ParkerCols, 2005	ParkerCols, 2005		X			
	Schültzwohl,						

2005
StroutCols, 2005
MurphyCols,
2006
Schültzwohl,
2006

X

Apêndice C

Tabela 3: Frequência de Aspectos Destacados na Literatura de Ciúme

ASPECTOS	TOTAL
1. Ameaça/medo/preocupação de perder algo importante	95
2. Envolve rival/rivalidade	74
3. É uma emoção/sentimento	73
4. Traz benefícios à relação	63
5. Composto/Envolve outras emoções ou sentimentos	58
6. Importância/Envolve aspectos sociais/culturais	57
7. Composto/Envolve raiva	55
8. Traz prejuízos à relação	49
9. Envolve amor	47
10. Envolve processos cognitivos	43
11. Constitui-se de aspectos emocionais, cog. e compt.	38
12. Envolve posse	33
13. Envolve exclusividade	29
14. Imaginário	28
15. Ligado/Afeta a auto-estima	26
16. Atitude/probabilidade de ação/comportamento	23
17. Fenômeno universal	20
18. Envolve/ligado à competição	19
19. Envolve aspectos contextuais/ambientais	16
20. Envolve insegurança/desconfiança	15
21. Envolve uma tríade	14
22. Reação	13
23. Redução de ganhos na relação/Privação	11
24. Envolve dependência	06
25. Violação de limites/direitos	05
26. Poder	04
27. Investimento	02
28. Resposta antecipatória	02
29. Envolve algo que não se possui	01
30. Desejo de ser favorecido	01
31. Preocupação com traição	01
32. Necessidade de especificar uma relação	01
33. Só imaginário	01

Apêndice D

Tabela 4: Aspectos Destacados na Compreensão de Ciúme com Especificação das Referências

<i>Aspectos</i>	<i>Trabalhos não derivados de pesquisas empíricas e sem suporte em dados empíricos</i>	<i>Trabalhos não derivados de pesquisas empíricas e com suporte em dados empíricos</i>	<i>Trabalhos Empíricos</i>
Ameaça/medo/preocupação de perder algo importante	Davis, 1936; Vollmer, 1946; Neill, 1960; Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Hatfield e Walster, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Hansen, 1991; Hupka, 1991; White, 1991; Pines, 1992; Lafollete, 1995; Harris e Christenfeld 1996a; Cavalcante, 1997; De Silva, 1997; Gikovate, 1998; Ferreira, 1999; TorresCols, 1999; Leite, 2000; Arreguy, 2001; Roda e Íñigo, 2001; Neu, 2002; Ferreira-Santos, 2003; Figueiredo, 2003; GuerreroCols, 2004; Purshouse, 2004; Banaco, 2005; Buss e Haselton, 2005; Costa, 2005; BarrettCols, 2006; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (33)	Freud, 1922 ⁴¹ ; Mead, 1931; Clanton, 1981; Bryson, 1991; Mathes, 1991; Salovey e Rothman, 1991; Buss, 2000; Menezes e Castro, 2001; DeStenoCols, 2006a (9)	White, 1981; Salovey e Rodin, 1984; 1986; Smith, 1988; SmithCols, 1988; Hawkins, 1990; Clanton e Kosins, 1991; Parrot, 1991; HupkaCols, 1993; Masciuch e Kienapple, 1993; Sharpsteen, 1993; Mullen e Martin, 1994; RamosCols, 1994; Clanton, 1996; SmithCols, 1996; Aune e Comstock, 1997; Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997; SheetsCols, 1997; Pines e Friedman, 1998; Ramos, 1998; MillerCols, 2000; Vecchio, 2000; LeivaCols, 2001; Sheets e Wolfe, 2001; BauerleCols, 2002; DeStenoCols, 2002; 2006b; Harris, 2002; 2003a; Hart e Carrington, 2002; HartCols, 2004; VollingCols, 2002; MarazzitiCols, 2003; Puente e Cohen, 2003; Bevan e Samter, 2004; BraseCols, 2004; RydellCols, 2004; Thompson, 2004; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; Parker Cols, 2005; Carvalho, 2006; CarvalhoCols, 2008; FernandezCols, 2006; Monteiro, 2006; TakahashiCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; Schützwohl 2007; 2008b; Thompson e Halberstadt, 2008; JonesCols, 2009; KuhleCols, 2009 (53)
Envolve rival/rivalidade	Davis, 1936; Vollmer, 1946; Neill, 1960; Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977;	Freud, 1900; 1915-16; 1922; Clanton, 1981; Salovey e Rothman, 1991;	White, 1981; Salovey e Rodin, 1986; Smith, 1988; Clanton e Kosins, 1991;

⁴¹ Freud foi incluído nesta categoria pelo fato de seus trabalhos serem fundamentados em observação.

Hatfield e Walster, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Hansen, 1991; Hupka, 1991; White, 1991; Lafollete, 1995; Ferreira, 1999; TorresCols, 1999; Roda e Íñigo, 2001; Neu, 2002; Figueiredo, 2003; GuerreroCols, 2004; Purshouse, 2004; Buss e Haselton, 2005; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (22)

Menezes e Castro, 2001; Harris, 2003b; 2004 (8)

Parrot, 1991; HupkaCols, 1993; Masciuch e Kienapple, 1993; Sharpsteen, 1993; Wiederman e Allgeier, 1993; Mullen e Martin, 1994; RamosCols, 1994; Clanton, 1996; Levillain e Marcos, 1996; SheetsCols, 1997; HartCols, 1998; Ramos, 1998; Harris, 2000; MillerCols, 2000; Vecchio, 2000; LeivaCols, 2001; BauerleCols, 2002; Britto, 2002; DeStenoCols, 2002; HartCols, 2004; Hyun-Jeong e Hupka, 2002; VollingCols, 2002; Harris, 2003a; MarazzitiCols, 2003; Bevan e Samter, 2004; RydellCols, 2004; Thompson, 2004; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; Carvalho, 2006; DeStenoCols, 2006; TakahashiCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; Schützwohl 2007; 2008b; CarvalhoCols, 2008; Thompson e Halberstadt, 2008; JonesCols, 2009; KuhleCols, 2009 (44)

É uma emoção/sentimento⁴²

Davis, 1936; Seidenberg, 1967; Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Buunk, 1991; Hansen, 1991; Hupka, 1991; Sharpsteen, 1991; Cavalcante, 1997; Gikovate, 1998; Ferreira, 1999; TorresCols, 1999; Cosmides e Tooby, 2000; Leite, 2000; Arreguy, 2001; Roda e Íñigo, 2001; Pasini, 2003; Sesardic, 2003; Purshouse, 2004; Buss e Haselton, 2005; AlmeidaCols, 2008 (23)

Freud, 1910; 1922; Mead, 1931; Salovey e Rothman, 1991; Buss, 2000; 2001; Harris, 2003b; 2005 (8)

Skinner, 1948; Salovey e Rodin, 1984; 1986; Smith, 1988; SmithCols, 1988; Fitness e Fletcher, 1993; HupkaCols, 1993; BuunkCols, 1996; Clanton, 1996; Hupka e Bank, 1996; SmithCols, 1996; MorganCols, 1997; Pinnes e Friedman, 1998; Ramos, 1998; ChiapinCols, 1999; Harris, 2000; 2002; 2003a; MillerCols, 2000; Vecchio, 2000; LeivaCols, 2001; Sheets e Wolfe, 2001; BauerleCols,

⁴² As referências de Banaco (2005), Costa (2005) e Menezes e Castro (2001) não foram incluídas nesta categoria, apesar de também considerarem a possibilidade do ciúme ser concebido como sentimento ou emoção porque tratam da emoção/sentimento como comportamentos, diferentemente dos demais.

2002; DeStenoCols, 2002; Harris, 2002; Hart e Carrington, 2002; MarazzitiCols, 2003; ShackelfordCols, 2004; Banaco, 2005; FleishmannCols, 2005; Carvalho, 2006; CarvalhoCols, 2008; DeStenoCols, 2006; FernandezCols, 2006; Monteiro, 2006; TakahashiCols, 2006; Almeida, 2007; Schützwohl 2007; 2008b; Thompson e Halberstadt, 2008; JonesCols, 2009; KuhleCols, 2009 (42)

Traz benefícios à relação

Bernard, 1977; Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Bringle, 1991; Hupka, 1991; White, 1991; Pines, 1992; Fisher, 1994; Lafollete, 1995; Cavalcante, 1997; Gikovate, 1998; TorresCols, 1999; Cosmides e Tooby, 2000; Figueiredo, 2003; Sersadic, 2003; GuerreroCols, 2004; Buss e Haselton, 2005; BarrettCols, 2006; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (21)

Freud, 1921; Clanton, 1981; Bryson, 1991; Buss, BussCols, 1996; 2000; 2001 (6)

Buss, 1989; Clanton e Kosins, 1991; BussCols, 1992; 1999; Fitness e Fletcher, 1993; RamosCols, 1994; BuunkCols, 1996; Clanton, 1996; SheetsCols, 1997; HartCols, 1998; Pinnes e Friedman, 1998; Vecchio, 2000; BauerleCols, 2002; DeStenoCols, 2002; Hyun-Jeong e Hupka, 2002; SagarinCols, 2003; Bevan e Samter, 2004; Sabini e Green, 2004; RydellCols, 2004; Schützwohl e Koch, 2004; Bandeira, 2005; FleishmannCols, 2005; Schützwohl, 2005; 2006; 2008b; Carvalho, 2006; DeStenoCols, 2006; EdlundCols, 2006; Monteiro, 2006; MurphyCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; FernandezCols, 2007; Thompson e Halberstadt, 2008; JonesCols, 2009; KuhleCols, 2009 (36)

Importância/Envolve aspectos sociais/culturais

Davis, 1936; Skinner, 1948; Clanton e Smith, 1977; Hatfield e Walster, 1977; Sendenberg, 1977; Whitehurst, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Bringle, 1991; Buunk, 1991; Hansen, 1991; Mead, 1931; Clanton, 1981; Bryson, 1991; Salovey e Rothman, 1991; Menezes e Castro, 2001; Harris, 2003b (6)

Clanton e Kosins, 1991; Wiederman e Allgeier, 1993; Mullen e Martin, 1994; Clanton, 1996; MorganCols, 1997; Ramos, 1998; Harris, 2003a; MillerCols, 2000; MillerCols, 2000; LeivaCols,

	Hupka, 1991; Lafollete, 1995; DeSteno e Salovey, 1996a; Costa, 1998; TorresCols, 1999; Arreguy, 2001; Roda e Íñigo, 2001; Neu, 2002; Ferreira-Santos, 2003; Pasini, 2003; GuerreroCols, 2004; Banaco, 2005; Costa, 2005; AlmeidaCols, 2008 (25)	2001; Roth e Parker, 2001; Sheets e Wolfe, 2001; DeStenoCols, 2002; VollingCols, 2002; Ades, 2003; BraseCols, 2004; Bandeira, 2005; Berman e Frazier, 2005; ParkerCols, 2005; Carvalho, 2006; CarvalhoCols, 2008; DeStenoCols, 2006; Almeida, 2007; Thompson e Halberstadt, 2008; Schützwohl, 2008b; JonesCols, 2009 (26)
Composto/Envolve outras emoções ou sentimentos	Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Stearns, 1989; Bringle, 1991; Hansen, 1991; Hupka, 1991; Sharpsteen, 1991; White, 1991; De Silva, 1997; Gikovate, 1998; Roda e Íñigo, 2001; Neu, 2002; Ferreira-Santos, 2003; GuerreroCols, 2004; Purshouse, 2004; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (17)	Freud, 1922; Bryson, 1991; Mathes, 1991; Buss, 2000; Harris, 2003b; 2005 (6)
		Salovey e Rodin, 1984; 1986; ShaverCols, 1987; SmithCols, 1988; Parrot, 1991; HupkaCols, 1993; Sharpsteen, 1993; Mullen e Martin, 1994; Levillain e Marcos, 1996; SmithCols, 1996; Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997; Ramos, 1998; Harris, 2000; 2005; MillerCols, 2000; LeivaCols, 2001; Sheets e Wolfe, 2001; Roth e Parker, 2001; HartCols, 2004; Hyun-Jeong e Hupka, 2002; PietrzakCols, 2002; VollingCols, 2002; Sabini e Green, 2004; Thompson, 2004; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; ParkerCols, 2005; DeStenoCols, 2006; TakahashiCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; CarvalhoCols, 2008; Thompson e Halberstadt, 2008; Schützwohl, 2008b; JonesCols, 2009 (35)
Composto/Envolve raiva	Clanton e Smith, 1977; Hatfield e Walster, 1977; Stearns, 1989; Bringle, 1991; Hansen, 1991; Hupka, 1991; Sharpsteen, 1991; White, 1991; De Silva, 1997; Gikovate, 1998; Roda e Íñigo,	Freud, 1915-16; 1919; Bryson, 1991; Mathes, 1991; Buss, 2000; Harris, 2003b; 2005 (7)
		Pines e Aronson, 1983; Salovey e Rodin, 1986; ShaverCols, 1987; SmithCols, 1988; Buunk, 1991; Parrot, 1991; HupkaCols, 1993; Sharpsteen, 1993; Mullen e Martin, 1994; Levillain e

	2001; Neu, 2002; GuerreroCols, 2004; AlmeidaCols, 2008 (14)	Marcos, 1996; SmithCols, 1996; Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997; Ramos, 1998; Harris, 2000; MillerCols, 2000; Vecchio, 2000; Roth e Parker, 2001; Sheets e Wolfe, 2001; HartCols, 2004; Hyun-Jeong e Hupka, 2002; PietrzakCols, 2002; VollingCols, 2002; Sabini e Green, 2004; Thompson, 2004; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; ParkerCols, 2005; StroutCols, 2005; DeStenoCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; CarvalhoCols, 2008; Thompson e Halberstadt, 2008; Schützwohl, 2008b; JonesCols, 2009 (34)
Traz prejuízos à relação	Bernard, 1977; Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Bringle, 1991; Buunk, 1991; Lafollete, 1995; Gikovate, 1998; TorresCols, 1999; 2001; Roda e Íñigo, 2001; Ferreira-Santos, 2003; GuerreroCols, 2004; Costa, 2005; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (16)	Freud, 1900; 1919; Clanton, 1981; Bryson, 1991; Buss, 2000; Menezes e Castro, 2001 (6)
		Pines e Aronson, 1983; Clanton e Kosins, 1991; Hawkins, 1990; Fitness e Fletcher, 1993; Mullen e Martin, 1994; BuunkCols, 1996; Clanton, 1996; Buunk, 1997; MorganCols, 1997; Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997; SheetsCols, 1997; HartCols, 1998; Pines e Friedman, 1998; ChiapinCols, 1999; MillerCols, 2000; Vecchio, 2000; BauerleCols, 2002; VollingCols, 2002; Bandeira, 2005; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; ParkerCols, 2005; DeStenoCols, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; CarvalhoCols, 2008; JonesCols, 2009 (27)
Envolve amor	Vollmer, 1946; Neill, 1960; Berscheid e Fei, 1977; Clanton e Smith, 1977; Whitehurst, 1977; Clanton, 1989; Stearns, 1989; Pines, 1992; Fisher, 1994; Lafollete, 1995; Zagury, 1995; Cavalcante, 1997; De Silva, 1997; Costa,	Freud, 1910; 1915; 1919; 1921; 1922; Mead, 1931; Bryson, 1991; Buss, 2000; Harris, 2004 (9)
		HupkaCols, 1993; Mullen e Martin, 1994; RamosCols, 1994; Clanton, 1996; Ramos, 1998; ChiapinCols, 1999; Hart e Carrington, 2002; HartCols, 2004; Hyun-Jeong e Hupka, 2002; Puente e Cohen, 2003; Bandeira, 2005; GuerreroCols,

	1998; Gikovate, 1998; TorresCols, 1999; Arreguy, 2001; Neu, 2002; Ferreira-Santos, 2003; Figueiredo, 2003; Pasini, 2003; Purshouse, 2004; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (24)	2005; Almeida, 2007; Thompson e Halberstadt, 2008 (14)
Envolve processos cognitivos	Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Sharpsteen, 1991; White, 1991; Lafollete, 1995; DeSteno e Salovey, 1996a; Harris e Christenfeld, 1996a; BarrettCols, 2006; AlmeidaCols, 2008 (9)	Clanton, 1981; Mathes, 1991; BussCols, 1996; DeStenoCols, 2006a (4)
		Salovey e Rodin, 1984; 1986; Clanton e Kosins, 1991; Parrot, 1991; Masciuch e Kienapple, 1993; Clanton, 1996; DeSteno e Salovey, 1996b; Harris e Christenfeld, 1996b; Buunk, 1997; Harris, 2000; 2002; 2003a; Nannini e Meyers, 2000; Sheets e Wolfe, 2001; DeStenoCols, 2002; 2006b; BraseCols, 2004; Thopmpson, 2004; ParkerCols, 2005; Schützwohl e Koch, 2004; Schützwohl, 2005; 2006; 2008b; Carvalho, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; Platek e Thompson, 2007; CarvalhoCols, 2008; Thompson e Halberstadt, 2008; JonesCols, 2009 (30)
Envolve posse	Davis, 1936; Vollmer, 1946; Neill, 1960; Mazur, 1973; Bernard, 1977; Clanton e Smith, 1977; Hatfield e Walster, 1977; Whitehurst, 1977; Fisher, 1994; Lafollete, 1995; Cavalcante, 1997; Costa, 1998; Gikovate, 1998; Ferreira, 1999; Ferreira-Santos, 2003; Pasini, 2003; GuerreroCols, 2004; Purshouse, 2004; Banaco, 2005; Quiles, 2007 (20)	Freud, 1910; 1915-16; Clanton, 1981 (3)
		Salovey e Rodin, 1986; MorganCols, 1997; SheetsCols, 1997; ChiapinCols, 1999; Britto, 2002; Bandeira, 2005; FleishmannCols, 2005; GuerreroCols, 2005; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007 (10)
Constitui-se de aspectos emocionais, cog. e compt.	Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Hupka, 1991; Sharpsteen, 1991; White, 1991; De Silva, 1997; TorresCols, 1999; Roda e Íñigo, 2001; Ferreira-Santos, 2003; GuerreroCols, 2004 (10)	Clanton, 1981; Bryson, 1991; Mathes, 1991; Salovey e Rothman, 1991 (4)
		Salovey e Rodin, 1984; White, 1981; Smith, 1988; Hupka e Zaleski, 1990; Clanton e Kosins, 1991; Masciuch e Kienapple, 1993; Mullen e Martin, 1994; Clanton, 1996; Levillain e Marcos, 1996; Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997; Ramos,

			1998; Vecchio, 2000; HartCols, 2004; VollingCols, 2002; RydellCols, 2004; GuerreroCols, 2005; Schützwohl, 2006; 2007; 2008b; DeStenoCols, 2006b; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; CarvalhoCols, 2008; Thompson e Halberstadt, 2008 (24)
Envolve exclusividade	Vollmer, 1946; Bernard, 1977; Whitehurst, 1977; Bringle, 1991; Lafollete, 1995; Cavalcante, 1997; De Silva, 1997; Costa, 1998; Gikovate, 1998; Arreguy, 2001; Roda e Íñigo, 2001; Pasini, 2003; Purshouse, 2004 (13)	Freud, 1910 (1)	Salovey e Rodin, 1984; Pines e Aronson, 1983; Hupka e Zaleski, 1990; Mullen e Martin, 1994; Hupka e Bank, 1996; Ramos, 1998; ChiapinCols, 1999; Britto, 2002; Harris, 2002; Hart e Carrington, 2002; HartCols, 2004; RillingCols, 2004; Bandeira, 2005; ParkerCols, 2005; Almeida, 2007 (15)
Imaginario	Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Clanton, 1989; Buunk, 1991; White, 1991; Pines, 1992; Roda e Íñigo, 2001; Figueiredo, 2003; Purshouse, 2004; AlmeidaCols, 2008 (10)	Clanton, 1981 (1)	White, 1981; Smith, 1988; Clanton e Kosins, 1991; RamosCols, 1994; Clanton, 1996; Ramos, 1998; LeivaCols, 2001; MarazzitiCols, 2003; Puente e Cohen, 2003; RydellCols, 2004; DeStenoCols, 2006b; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; Schützwohl 2007; 2008b; CarvalhoCols, 2008; JonesCols, 2009 (17)
Ligado/Afeta a autoestima	Clanton e Smith, 1977; Roda e Íñigo, 2001; AlmeidaCols, 2008 (3)	Clanton, 1981; Bryson, 1991; Salovey e Rothman, 1991 (3)	Salovey e Rodin, 1984; 1986; Smith, 1988; Clanton e Kosins, 1991; HupkaCols, 1993; Sharpsteen, 1993; Wiederman e Allgeier, 1993; Mullen e Martin, 1994; Pinnes e Friedman, 1998; Vecchio, 2000; BauerleCols, 2002; GoldenbergCols, 2003; Harris, 2003a; VollingCols, 2004; ParkerCols, 2005; FleishmannCols, 2005; DeStenoCols, 2006b; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007; JonesCols, 2009 (20)

Fenômeno universal	Clanton e Smith, 1977; Whitehurst, 1977; Cosmides e Tooby, 2000; Quiles, 2007; AlmeidaCols, 2008 (5)	Mathes, 1991; BussCols, 1996; Buss, 2000; Sagarin, 2005 (4)	Pines e Aronson, 1983; Hart e Carrington, 2002; FernandezCols, 2003; 2007; ShackelfordCols, 2004; Bandeira, 2005; Schützwohl, 2005; Monteiro, 2006; MurphyCols, 2006; Almeida, 2007; CarvalhoCols, 2008 (11)
Envolve/ligado à competição	Skinner, 1948; Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Davis, 1936; Whitehurst, 1977; Hansen, 1991; Ferreira, 1999; Roda e Íñigo, 2001; Banaco, 2005; Almeida, 2008 (10)	Freud, 1900; 1922; Harris, 2003b; 2004 (4)	Hupka e Zaleski, 1990; HupkaCols, 1993; Vecchio, 2000; Hart e Carrington, 2002; Thompson, 2004 (5)
Atitude/probabilidade de ação/comportamento	Skinner, 1969; Mazur, 1973; Clanton, 1989; Neu, 2002; Lopez, 2003; Banaco, 2005; Costa, 2005; Quiles, 2007 (8)	Clanton, 1981; Mead, 1931; Menezes e Castro, 2001 (3)	Hawkins, 1990; Clanton e Kosins, 1991; Mullen e Martin, 1994; Clanton, 1996; Hart e Carrington, 2002; Ades, 2003; BraseCols, 2004; Bandeira, 2005; DeStenoCols, 2006b; Monteiro, 2006; Almeida, 2007; Schützwohl 2007 (12)
Envolve aspectos ambientais/contextuais	Skinner, 1948; Banaco, 2005; Costa, 2005; BarrettCols, 2006 (4)	Menezes e Castro, 2001; DeStenoCols, 2006a (2)	Roth (n. d); SmithCols, 1988; Ramos, 1998; DeStenoCols, 2002; 2006; Hart e Carrington, 2002; Ades, 2003; BraseCols, 2004; Bandeira, 2005; Schützwohl 2007 (10)
Envolve uma tríade	Buunk, 1991; White, 1991; Roda e Íñigo, 2001; Figueiredo, 2003; GuerreroCols, 2004; AlmeidaCols, 2008 (6)	Mathes, 1991; Salovey e Rothman, 1991 (2)	Buunk, 1997; MilleCols, 2000; Vecchio, 2000; VollingCols, 2002; DeStenoCols, 2006; Schützwohl 2008b (6)
Envolve insegurança/desconfiança	Mazur, 1973; Clanton e Smith, 1977; Bersheid e Fei, 1978; Fisher, 1994; Gikovate, 1998; Ferreira-Santos, 2003; AlmeidaCols, 2008 (7)	Mead, 1931 (1)	SmithCols, 1988; HupkaCols, 1993; SheetsCols, 1997; Puente e Cohen, 2003; Monteiro, 2006; Theiss e Solomon, 2006; Almeida, 2007 (7)
Reação	Clanton, 1989; Pines, 1992; Lafollete, 1995; Torres, 1999; Figueiredo, 2003;	Clanton, 1981 (1)	Pines e Aronson, 1983; Clanton e Kosins, 1991; RamosCols, 1994; Pinnes

	Quiles, 2007 (6)		e Friedman, 1998; Almeida, 2007; CarvalhoCols, 2008 (6)
Redução de ganhos na relação/Privação	Bringle, 1991; Arreguy, 2001; Roda e Íñigo, 2001; Ferreira-Santos, 2003; Purshouse, 2004 (5)	Freud, 1919; Mathes, 1991; Harris, 2004 (3)	HartCols, 1998; Harris, 2003a; Bandeira, 2005 (3)
Violação de limites/direitos	Davis, 1936; Bringle, 1991; Buunk, 1991; Hansen, 1991 (4)		MorganCols, 1997 (1)
Dependência	Clanton e Smith, 1977; Bersheid e Fei, 1978; Fisher, 1994 (3)		HupkaCols, 1993; Berman e Frazier, 2005; Almeida, 2007 (3)
Poder	Neill, 1960; Stearns (1989) (2)		HupkaCols, 1993; Clanton, 1996 (2)
Resposta antecipatória	Hupka, 1991 (1)	Buss, 2000 (1)	
Investimento	Brigle, 1991 (1)		FleishmannCols, 2005 (1)
Só imaginário	Ferreira-Santos, 2003 (1)		
Envolve algo que não se possui	Purshouse, 2004 (1)		
Desejo de ser favorecido	Lafollete, 1995 (1)		
Preocupação com traição			Buunk, 1997 (1)
Necessidade de especificar uma relação			Sharpsteen e Kirkpatrick, 1997 (1)

APÊNDICE E
Instrumentos Utilizados no Estudo de Costa e Barros (2008b)

QUESTIONÁRIO I (Tipo múltipla escolha – Forma A)

Nas questões abaixo, responda, o mais honestamente possível!

Idade: _____

Sexo: F () M ()

Escolaridade:

1º grau incompleto ()

1º grau completo ()

2º grau incompleto ()

2º grau completo ()

Superior incompleto ()

Superior completo ()

Profissão/Ocupação: _____

Renda Familiar (em salário mínimo):

Situação afetiva: Sozinho(a) ()

Fica () Namorando ()

Noivo(a) () Casado(a) ()

Tempo do relacionamento atual:

Menos de 6 meses ()

Seis meses a um ano ()

Mais de um ano ()

Experiência de ter sido traído(a) pelo menos uma vez?

Sim () Não ()

Nas questões a seguir, você deve marcar **TODAS AS OPÇÕES** que você **CONCORDAR** e **DEIXAR EM BRANCO** todas aquelas que você **NÃO CONCORDAR**.

O que é importante em uma relação de compromisso entre um casal é:

01	Conversar sobre o que acontece com cada um e/ou com a relação	O
02	Ter relações sexuais diárias	O
03	Confiar um no outro	O
04	Dar carinho e atenção sempre que eu precise	O
05	Fantasiar sobre relações sexuais	O
06	Demonstrar que se preocupa comigo, me confortando e/ou apoiando em situações difíceis	O
07	Envolver-me em situações excitantes (roupas íntimas sensuais, estrear, tease, usar cremes etc.)	O
08	Falar a verdade	O
09	Dizer e demonstrar que me deseja	O
10	Ter relação sexual sempre que eu esteja com vontade	O
11	Sair juntos para jantar, dançar e/ou encontrar amigos	O
12	Ter orgasmos frequentes	O
13	Dizer que me ama	O
14	Variar nas posições e lugares das relações sexuais	O
15	Oferecer demonstrações de amor em público	O
16	Falar sobre sexo	O
17	Ser fiel, mesmo quando pensa e fantasia	O
18	Surpreender-me com jantar, flores, declarações de amor	O
19	Ser fiel sexualmente	O
20	Ter liberdade para dizer o que desejo sexualmente	O

QUESTIONÁRIO I (Tipo Escala – Forma B)

Nas questões abaixo, responda, o mais honestamente possível!

Idade: _____

Sexo: F () M ()

Escolaridade:

1º grau incompleto ()

1º grau completo ()

2º grau incompleto ()

2º grau completo ()

Superior incompleto ()

Superior completo ()

Profissão/Ocupação: _____

Renda Familiar (em salário mínimo): _____

Situação afetiva: Sozinho(a) ()

Fica () Namorando ()

Noivo(a) () Casado(a) ()

Tempo do relacionamento atual:

Menos de 6 meses ()

Seis meses a um ano ()

Mais de um ano ()

Experiência de ter sido traído(a) pelo menos uma vez

Sim () Não ()

Responda atribuindo pontos de 1 a 5, conforme você concorde ou não com as alternativas.

1. Não concordo; 2. Concordo um pouco; 3. Concordo; 4. Concordo muito; 5. Concordo totalmente.

O que é importante em uma relação de compromisso entre um casal é:

		1	2	3	4	5
01	Conversar sobre o que acontece com cada um e/ou com a relação	☐	☐	☐	☐	☐
02	Ter relações sexuais diárias	☐	☐	☐	☐	☐
03	Confiar um no outro	☐	☐	☐	☐	☐
04	Dar carinho e atenção sempre que eu precise	☐	☐	☐	☐	☐
05	Fantasiar sobre relações sexuais	☐	☐	☐	☐	☐
06	Demonstrar que se preocupa comigo, me confortando e/ou apoiando em situações difíceis	☐	☐	☐	☐	☐
07	Envolver-me em situações excitantes (roupas íntimas sensuais, estrear tease, usar cremes etc.)	☐	☐	☐	☐	☐
08	Falar a verdade	☐	☐	☐	☐	☐
09	Dizer e demonstrar que me deseja	☐	☐	☐	☐	☐
10	Ter relação sexual sempre que eu esteja com vontade	☐	☐	☐	☐	☐
11	Sair juntos para jantar, dançar e/ou encontrar amigos	☐	☐	☐	☐	☐
12	Ter orgasmos frequentes	☐	☐	☐	☐	☐
13	Dizer que me ama	☐	☐	☐	☐	☐
14	Variar nas posições e lugares das relações sexuais	☐	☐	☐	☐	☐
15	Oferecer demonstrações de amor em público	☐	☐	☐	☐	☐
16	Falar sobre sexo	☐	☐	☐	☐	☐
17	Ser fiel, mesmo quando pensa e fantasia	☐	☐	☐	☐	☐
18	Surpreender-me com jantar, flores, declarações de amor	☐	☐	☐	☐	☐
19	Ser fiel sexualmente	☐	☐	☐	☐	☐
20	Ter liberdade para dizer o que desejo sexualmente	☐	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO II (Tipo múltipla escolha – Forma A)

1. Você já sentiu ciúme pelo menos uma vez?

Sim () Não ()

2. Se sim, o que você sentiu? Se não, o que pensa que sentiria? (Você pode marcar todas as opções que julgar necessárias)

Medo: Perder o(a) parceiro(a) () De ficar só ()

Raiva: Da situação () Do(a) parceiro(a) () Do(a) rival ()

Tristeza: Com a situação () Do(a) parceiro(a) ()

3. Que situações provocam ciúme em você?

Nas questões a seguir, você deve marcar **TODAS AS OPÇÕES** que você **CONCORDAR e DEIXAR EM BRANCO** todas aquelas que você **NÃO CONCORDAR**.

01	Quando você vê seu(sua) parceiro(a) conversando com uma pessoa do sexo oposto que você não conhece	O
02	Quando você desconfia que seu(sua) parceiro(a) está tendo relação sexual com outra pessoa do sexo oposto	O
03	Quando seu(sua) parceiro(a) passa a dar mais atenção e/ou a gastar mais tempo com outra pessoa (familiar, amigo[a]) ou algo (trabalho, futebol, programa de TV etc.) do que para você	O
04	Quando seu(sua) parceiro(a) fala de relações sexuais que teve no passado (Sheets, et al., 1997)	O
05	Quando seu(sua) parceiro(a) mostra a você uma carta romântica de um(a) admirador(a) secreta (Sheets et al., 1997)	O
06	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) está tendo relação sexual com outra pessoa do sexo oposto	O
07	Quando seu(sua) parceiro(a) elogia (ex. inteligente, honesto[a]) outra(o) mulher (homem) na sua presença (Ramos et al. 1994)	O
08	Quando seu(sua) parceiro(a) explicitamente olha para uma pessoa do sexo oposto, desejando-o(a) sexualmente	O
09	Quando seu(sua) parceiro(a) diz que alguém do sexo oposto é atraente fisicamente (Sheets, et al., 1997)	O
10	Quando seu(sua) parceiro(a) fantasia em ter relação sexual com uma pessoa atraente de uma revista, cinema ou TV (Wiederman e Allgeir, 1993)	O
11	Quando seu(sua) parceiro(a) conversa mais com outra pessoa do que com você	O
12	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) teve uma relação sexual com outra pessoa do sexo oposto de apenas uma noite	O
13	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) está apaixonado(a) por outra pessoa, tendo certeza que ele(a) não tem nenhum tipo de contato sexual com esta pessoa (Wiederman e Allgeir, 1993)	O
14	Quando seu(sua) parceiro(a) escuta uma música romântica e diz que lembra de bons momentos com uma outra pessoa (Ramos et al. 1994)	O

QUESTIONÁRIO II (Tipo Escala – Forma B)

1. Você já sentiu ciúme pelo menos uma vez?

Sim () Não ()

2. Se sim, o que você sentiu? Se não, o que pensa que sentiria? (Você pode marcar todas as opções que julgar necessárias)

Medo: Perder o(a) parceiro(a) () De ficar só ()

Raiva: Da situação () Do(a) parceiro(a) () Do(a) rival ()

Tristeza: Com a situação () Do(a) parceiro(a) ()

3. Que situações provocam ciúme em você? Responda atribuindo pontos de 1 a 5, conforme você concorde ou não com as alternativas. **1. Não concordo; 2. Concordo um pouco; 3. Concordo; 4. Concordo muito; 5. Concordo totalmente.**

		1	2	3	4	5
01	Quando você vê seu(sua) parceiro(a) conversando com uma pessoa do sexo oposto que você não conhece	O	O	O	O	O
02	Quando você desconfia que seu(sua) parceiro(a) está tendo relação sexual com outra pessoa do sexo oposto	O	O	O	O	O
03	Quando seu(sua) parceiro(a) passa a dar mais atenção e/ou a gastar mais tempo com outra pessoa (familiar, amigo[a]) ou algo (trabalho, futebol, programa de TV etc.) do que para você	O	O	O	O	O
04	Quando seu(sua) parceiro(a) fala de relações sexuais que teve no passado (Sheets, et al., 1997)	O	O	O	O	O
05	Quando seu(sua) parceiro(a) mostra a você uma carta romântica de um(a) admirador(a) secreta (Sheets, et al., 1997)	O	O	O	O	O
06	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) está tendo relação sexual com outra pessoa do sexo oposto	O	O	O	O	O
07	Quando seu(sua) parceiro(a) elogia (ex. inteligente, honesto[a]) outra(o) mulher (homem) na sua presença (Ramos et al. 1994)	O	O	O	O	O
08	Quando seu(sua) parceiro(a) explicitamente olha para uma pessoa do sexo oposto, desejando-o(a) sexualmente	O	O	O	O	O
09	Quando seu(sua) parceiro(a) diz que alguém do sexo oposto é atraente fisicamente (Sheets, et al., 1997)	O	O	O	O	O
10	Quando seu(sua) parceiro(a) fantasia em ter relação sexual com uma pessoa atraente de uma revista, cinema ou TV (Wiederman e Allgeir, 1993)	O	O	O	O	O
11	Quando seu(sua) parceiro(a) conversa mais com outra pessoa do que com você	O	O	O	O	O
12	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) teve uma relação sexual com outra pessoa do sexo oposto de apenas uma noite	O	O	O	O	O
13	Quando você descobre que seu(sua) parceiro(a) está apaixonado(a) por outra pessoa, tendo certeza que ele(a) não tem nenhum tipo de contato sexual com esta pessoa (Wiederman e Allgeir, 1993)	O	O	O	O	O
14	Quando seu(sua) parceiro(a) escuta uma música romântica e diz que lembra de bons momentos com uma outra pessoa (Ramos et al. 1994)	O	O	O	O	O

APÊNDICE F
Ambiente Experimental



APÊNDICE G



Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COMO DISPOSTO NA RESOLUÇÃO CNS 196/96 E NA RESOLUÇÃO CFP Nº016/2000⁴³

Este é um convite para que você e seu(sua) filho(a) participem de uma pesquisa que pretende investigar como crianças se comportam quando suas mães não lhes dão atenção por um determinado tempo. A pesquisa será apresentada ao final do curso, na forma de uma tese de doutorado.

A pesquisa será realizada em uma sala do Laboratório de Psicologia Experimental da UFPA, destinada exclusivamente para estudos com bebês e crianças. Será realizada apenas uma sessão de aproximadamente 10 minutos. Durante dois minutos desta sessão você desviará a sua atenção do(a) seu(sua) filho(a).

A sessão será filmada e observada por uma assistente de pesquisa, em uma sala com espelho unidirecional. Entretanto, garanta-se o sigilo absoluto sobre a sua identidade, assim como a de seu(sua) filho(a).

Os resultados finais da pesquisa serão apresentados na forma da tese de doutoramento da pesquisadora, bem como em artigos científicos que derivarem da mesma e apresentações em congressos. Um resumo do trabalho poderá ser fornecido a você em caso de interesse em conhecer o produto final da pesquisa. Na divulgação dos resultados, os participantes só serão identificados por números ou letras.

Gostaria de ressaltar que se você se sentir desconfortável ou incomodada, por qualquer motivo, durante qualquer momento, poderá interromper a sua participação na pesquisa assim que desejar. O benefício que esse trabalho poderá trazer para você não é direto e imediato, mas os resultados alcançados poderão contribuir para orientar pais, professores e casais cujo filho, aluno ou companheiro(a) possui dificuldade em compartilhar.

Gostaria de contar com sua colaboração e coloco-me à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. Caso você concorde em colaborar, assine abaixo.

Belém, ____ de _____ de 2008

Pesquisadora responsável: Maria de Nazaré Pereira da Costa.

Endereço: Av. Serzedelo Corrêa, 944, apto. 1201. Batista Campos.

CEP: 66033-770. Belém-Pa. Tel.: 32224264

* Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da UFPA. Complexo de Sala de Aula/ICS, sala 13. Campus Universitário, n 1, Guamá. CEP: 66075-110. Belém-PA. Tel./Fax: 3201-8028/7735. Email: cepccs@upa.br.

APÊNDICE H
Roteiro de Entrevista com o Responsável

1. Dados Gerais

Mãe:

Idade: _____ Escolaridade: _____ Profissão/Ocupação: _____

Renda Familiar: _____

Criança:

Idade (anos e meses): _____

Sexo: F () M ()

Frequente escola: Sim () Não () Pública () Privada () Escolaridade: _____

2. História da Criança

a) Gravidez: Planejada () Não planejada () Desejada () Não desejada

b) Parto: Normal () Cesárea () Intercorrência: Sim () Não ()

Qual: _____

c) Saúde:

Doenças (passado): Sim () Não () Quais: _____

Doenças (presente): Sim () Não () Quais: _____

Internações: Sim () Não () Quantas: () Quanto tempo: _____

Diagnóstico psiquiátrico/psicológico: Sim () Não () Qual(is): _____

Medicação: Sim () Não () Qual(is): _____

d) Reside com: _____

e) É mais apegada a quem? _____

f) Como se comporta na presença de estranhos? _____

g) Brinquedos que gosta: _____

h) Outros aspectos relevantes: _____

i) Disponibilidade para a sessão: Manhã () Tarde () Dias: _____

APÊNDICE I
Figuras do Álbum Seriado

Sd 1 = sinalizava início da situação 1



Sd 2 = sinalizava início da situação 2



Sd 3 = sinalizava início da situação 3

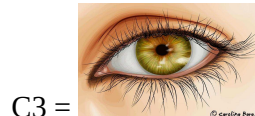


APÊNDICE J
Resumo dos Resultados para os Responsáveis

RELEMBRANDO

1) O que se pretendia ver?

Se o que provoca ciúme nas pessoas é uma situação de competição.



2) Quantas pessoas participaram?



O QUE FOI FEITO COM AS FILMAGENS?

Organização dos comportamentos em categorias: ausência de interação, exploração do ambiente, interação com o responsável, interação com a experimentadora, interação com o boneco, interação com brinquedos, interação com brinquedos e responsável, emissão de operantes verbais e não verbais “de chamar atenção” do responsável, observação do responsável, interação com objetos pessoais.

O QUE ERA ESPERADO?

Ciúme na C2.

UMA DECISÃO

Uso da matemática: 0 e 24,99% = sem ciúme; 25 a 40,99% = um pouco de ciúme; 50 a 100% = muito ciúme e + 100% = bastante ciúme.

O QUE AS CRIANÇAS FIZERAM?

Participante	Boneco (C2)	Olhos (C3)	Ciúme
P1	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Muito
P2	Interagiu com o boneco e olhou para o responsável	Brincou sozinho	Pouco
P3	Interagiu com o boneco e chamou atenção	Explorou o ambiente e brincou sozinho	Muito
P4	Interagiu com o boneco e chamou atenção	Chamou atenção e brincou sozinho	Pouco
P5	Brincou sozinho	Interagiu com o boneco	Sem
P6	Olhou para o responsável	Ausência de interação	Muito
P7	Chamou atenção	Brincou sozinho	Muito
P8	Brincou sozinho e interagiu com o boneco	Brincou sozinho	Pouco
P9	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Muito
P10	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Sem
P11	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Pouco
P12	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Sem
P13	Brincou sozinho e chamou atenção	Brincou sozinho e chamou atenção	Pouco
P14	Brincou sozinho	Brincou sozinho	Sem
P15	Brincou sozinho	Brincou sozinho e interagiu com o boneco	Muito
P16	Brincou sozinho	Chamou atenção e brincou sozinho	Inversão

Síntese:

Por idade: 9 das 12 crianças de 2, 3 e 4 anos apresentaram ciúme (P5, P10 e P12 não apresentaram). Já no caso das crianças de 5 anos, dois demonstraram ciúme (P13 e P15), uma não demonstrou (P14) e uma demonstrou inversão do comportamento esperado (P16).

Geral: 11 das 16 crianças apresentaram ciúme.

QUAL A CONCLUSÃO?

As crianças apresentam ciúme quando estão diante de uma situação de competição.

POR QUE NEM TODAS AS CRIANÇAS APRESENTARAM CIÚME?

Hipóteses:

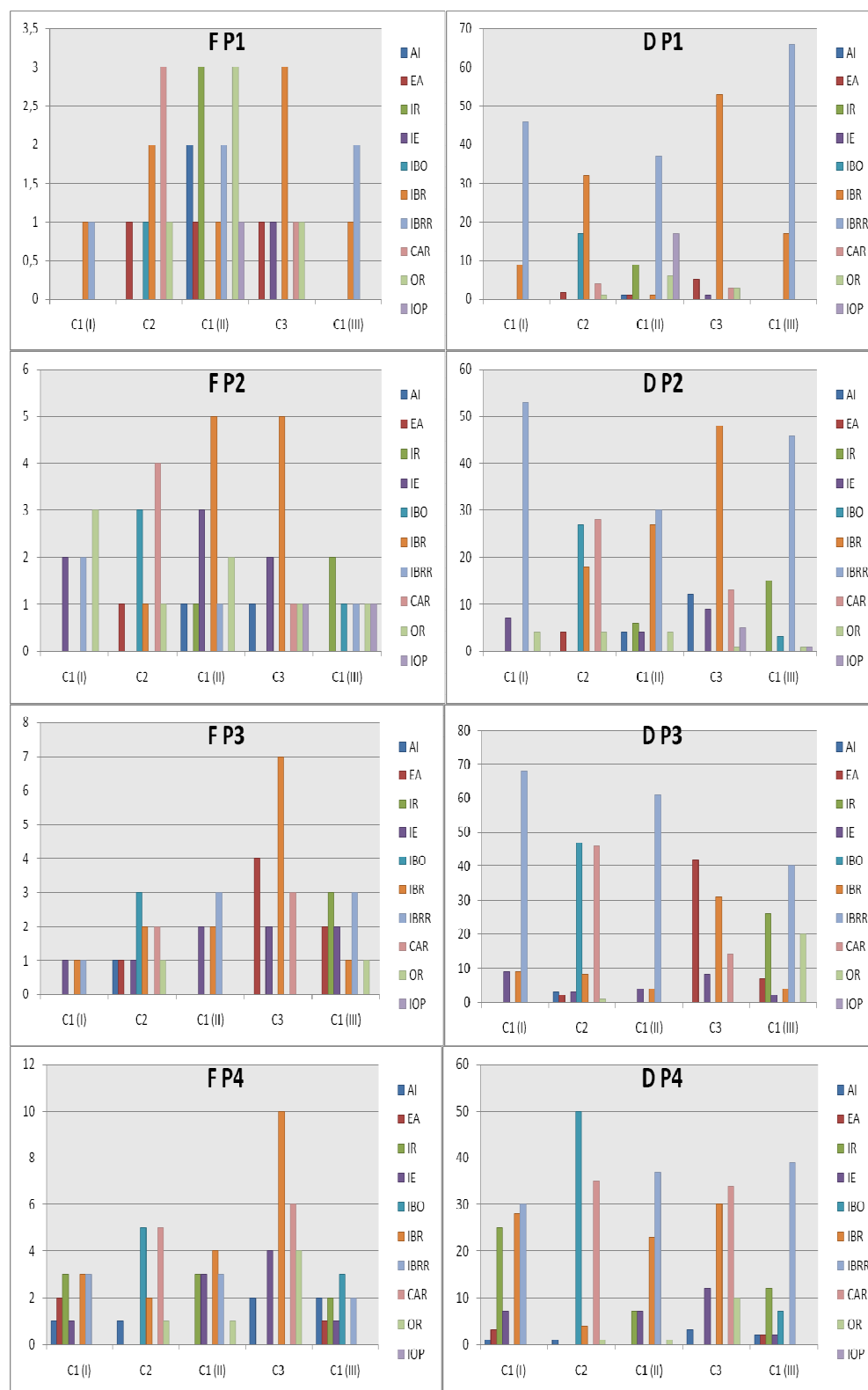
- 1) *Ambiente novo: algumas crianças se comportam de forma completamente diferente quando estão em ambiente desconhecido.*
- 2) *Histórias de vida diferentes: crianças que vivenciam no cotidiano situações de ausência de atenção e competição devido as atividades profissionais dos pais, tendem a apresentar ciúme menos intenso.*

ORIENTAÇÃO GERAL

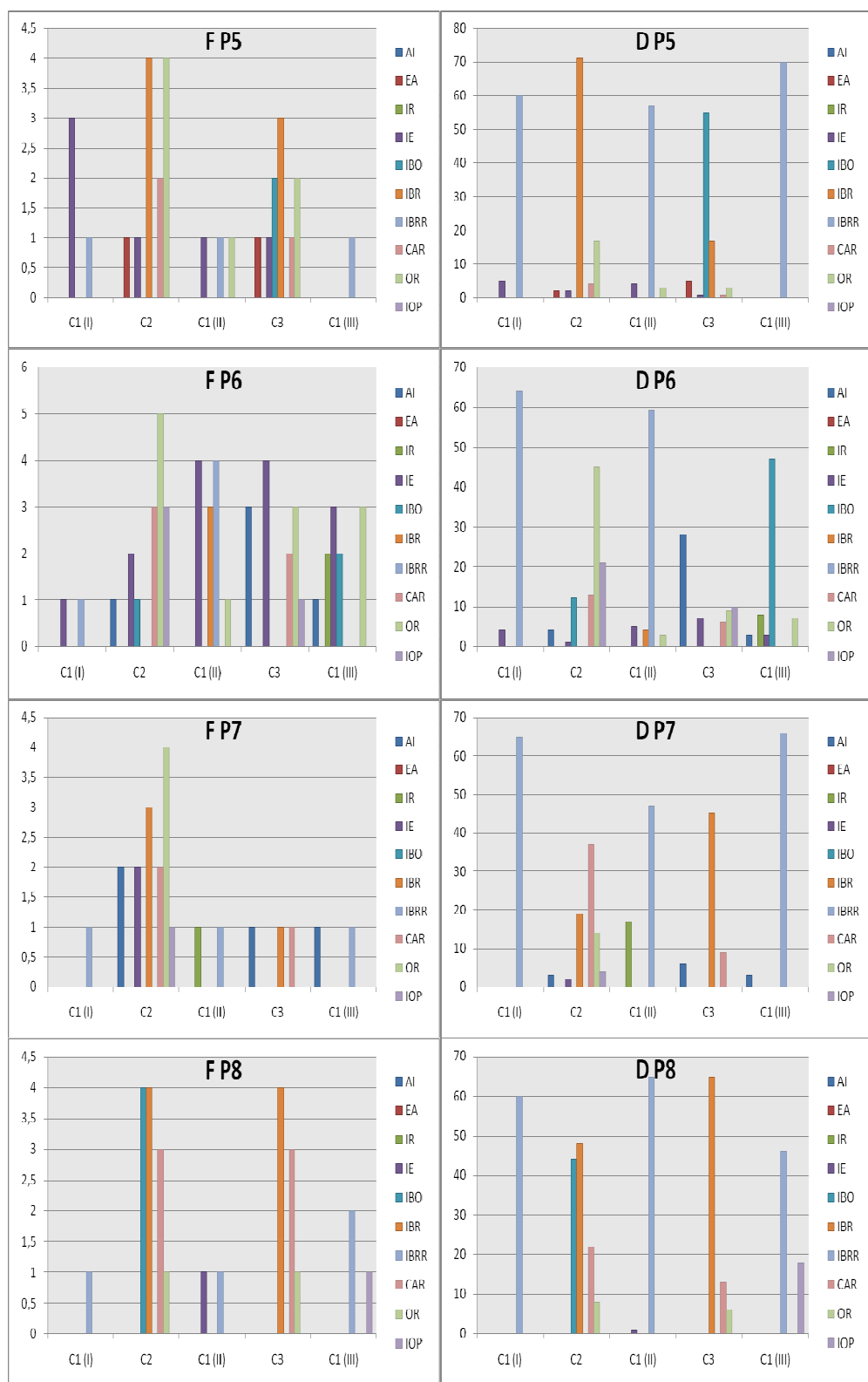
Busque alternativas que diminuam a competição: 1) sempre que possível, aumente o número de atividades em conjunto com seus filhos; 2) fale com seu filho sobre a necessidade de trabalhar e interaja com ele ao voltar do trabalho; 3) não dê atenção diante de manifestações inadequadas de ciúme.

Nazaré Costa, abril de 2009.

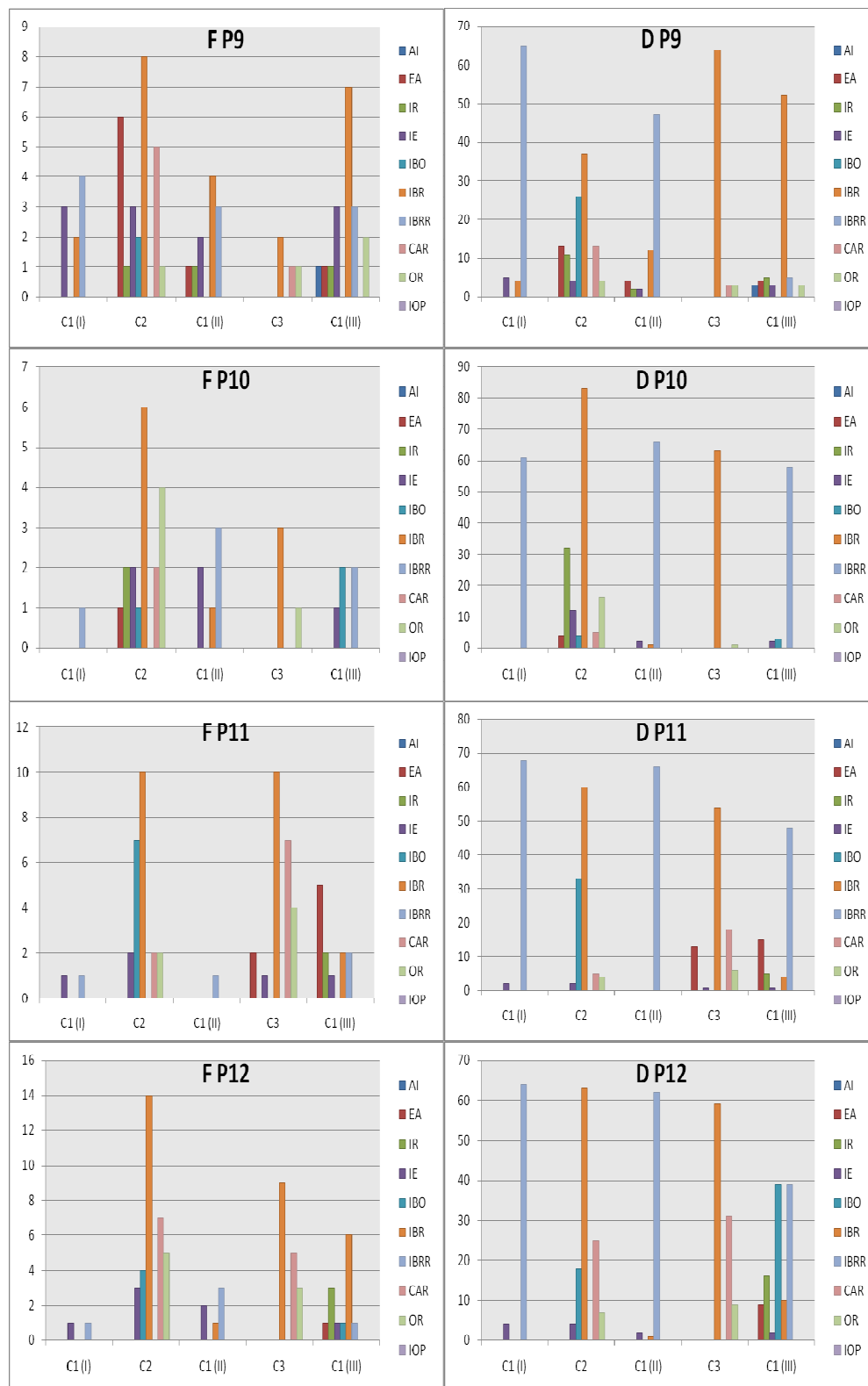
APÊNDICE K
Resultados do Estudo Experimental



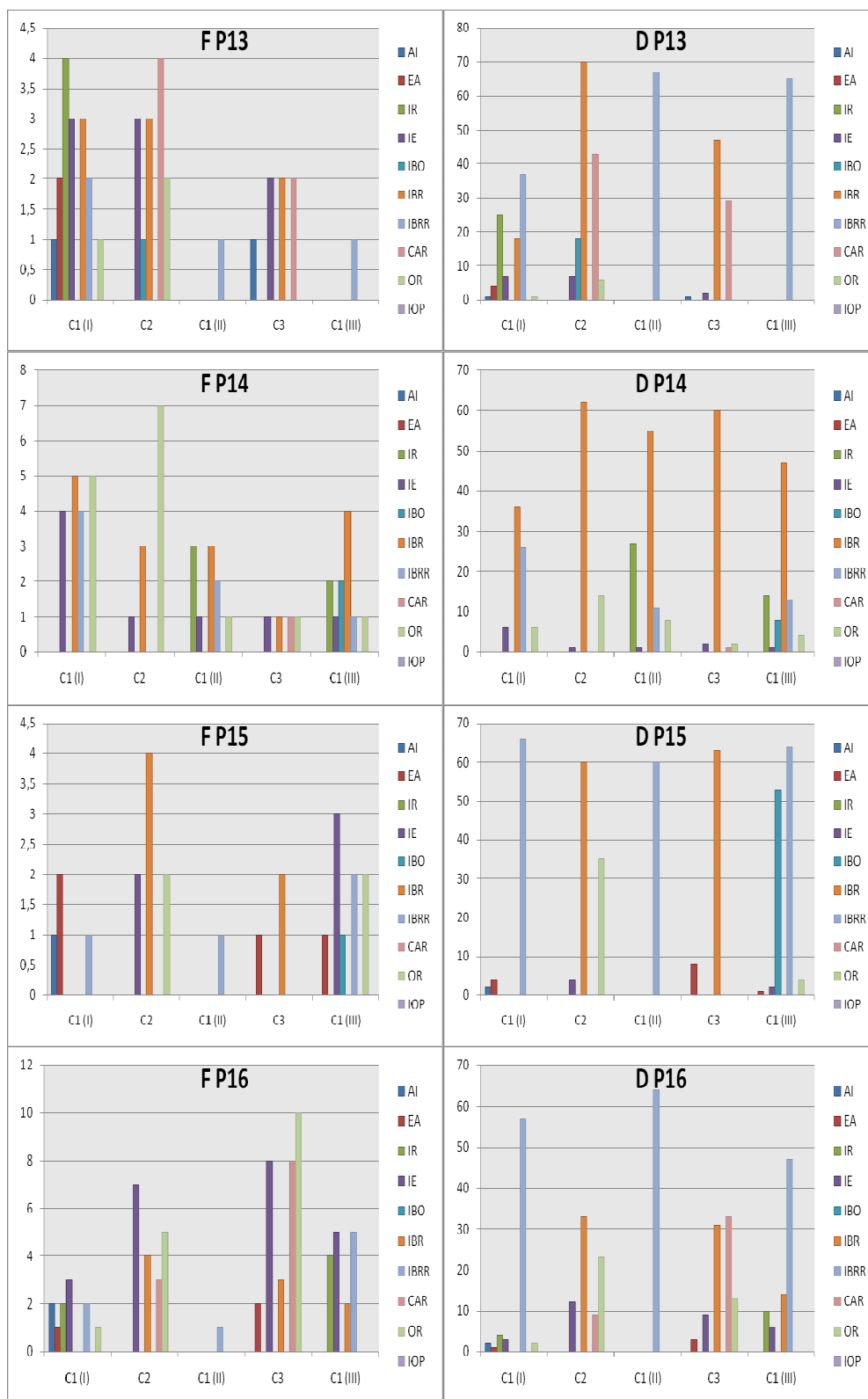
Frequência (F) e duração (D) de comportamentos dos participantes com dois anos de idade (Grupo I).



Frequência (F) e duração (D) de comportamentos dos participantes com três anos de idade (Grupo II).



Frequência (F) e duração (D) de comportamentos dos participantes com quatro anos de idade (Grupo III).



Frequência (F) e duração (D) de comportamentos dos participantes com cinco anos de idade (Grupo IV).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)